

Revista Feminina

Fev. de 1918



Anno 5

Preço 18000

Nº 45

Sociedade de Productos Chimicos L. QUEIROZ



A AGUA DA BELLEZA

deve se achar em todo o boudoir das senhoras elegantes e que prezam a sua epiderme. Torna a pelle alva e avelludada, tira as manchas e da-lhe um aspecto encantador. E' O ENCANTO DAS SENHORAS.

Petroleo Americano

Além de dar brilho aos cabellos e de tornal-os macios e respos, essa loção é infallível para combater a CASPA e evitar a QUEDA DOS CABELLOS.

Preparado com Kerozene e não com benzina ou essencias como os productos similares, elle é por isso mesmo mais effizaz.

LIMAO BRAVO E BROMOFORMIO

de L.
Queiroz

E' o melhor XAROPE para curar a TOSSE, a ASTHMA, a COQUELUCHE e o CATARRHO CHRONICO.
E' DE SABOR AGRADAVEL.

AS COLICAS HEPATICAS

um preservativo na
taes. Com este re-

LITHOBILINA

ou Cólicas do Fígado, os CALCULOS BILIARES encontraram um remedio effizaz e preparado ideal, composto exclusivamente de vegetmedio torna-se inutil o uso das Figas de Carlsbaden.



O Guderin

é a salvagão das Senhoras pallidas e anemicas. Augmenta extraordinariamente o numero dos glóbulos vermellos e dá força e augmento de peso.

E' util na debilidad e na anemias devidas ao PERTO e as grandes hemorragias e na Amenorrhéa e outras molestias das Senhoras.



Todos estes preparados encontram-se á venda nas principais farmacias e drogarias e no Deposito Geral

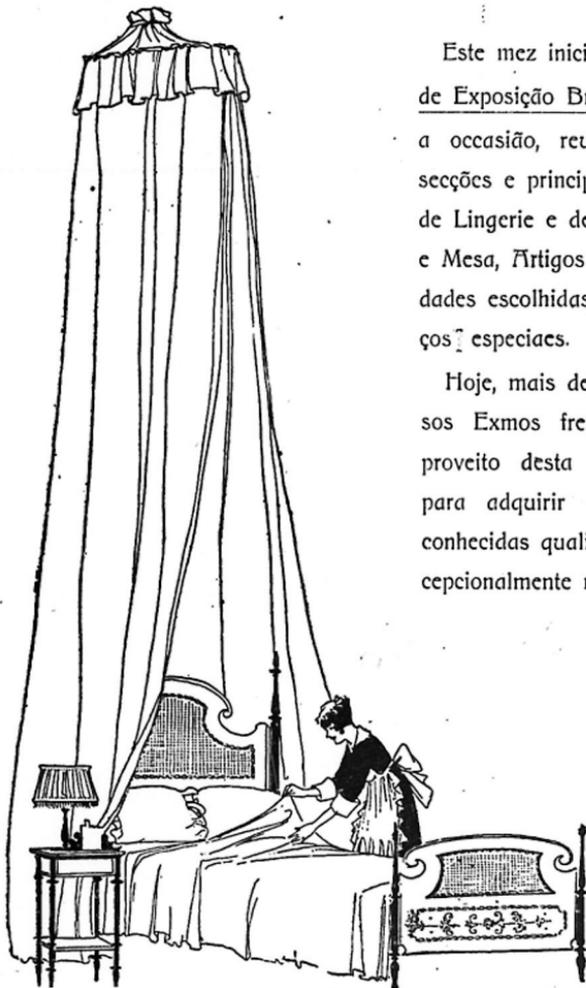


Sociedade de Productos Chimicos L. DE QUEIROZ

MAPPIN STORES
SOCIETUDE ANONIMA INGLEZA



EXPOSIÇÃO BRANCA



Este mez iniciamos a nossa Grande Exposição Branca Annual. Para a ocasião, reunimos nas diversas secções e principalmente nas secções de Lingerie e de Roupas para Cama e Mesa, Artigos Brancos de qualidades escolhidas, marcados com preços especiales.

Hoje, mais de que nunca, os nossos Exmos freguezes saberão tirar proveito desta oportunidade unica para adquirir artigos brancos de conhecidas qualidades por preços excepcionalmente modicos

ROUPAS FINAS

PARA CORPO

ROUPAS BRAN-

CAS PARA

CAMA E MESA

TOALHAS

FELPUDAS

MORINS

ETC. ETC.

MAPPIN STORES - R. 15 de Novembro, 26
SÃO PAULO

ANDAL. 15 de Novembro
EST. 19 de Novembro



==CASA==

EXCELSIOR

ALFAIATARIA
OFFICINAS DE
COSTURA-MODAS

A. CIBELJA & C.

Rua do Tesouro N. 3
Altos do Café Brandão
Teleph. Central 4968

— S. PAULO —

ENTRE as pessoas de suas relações,
no seio da sua Exma. Família, entre
as pessoas enfim que gostam de vestir
bem, não deixe V. Excia. de fazer propa-
ganda das nossas oficinas de costura.

PREFERIR a Casa Excelsior é
ter a certeza de obter uma
confeção bem feita a preços re-
lativamente modicos.

As Oficinas de Costura estão
a cargo da conhecida Contra-
mestra Mme. Ignez.

CASA EXCELSIOR

S. PAULO

ENXOVAES

para **COLLEGIAES**

Au Bon Diable

(Casa fundada ha 40 annos)

33-RUA DIREITA-33



*Roupas feitas para homens
e meninos*

Camisaria e Alfaiataria

Uniformes para
linhas de Tiro, chauffeurs, etc.

Marmoraria

Tomagnini

Especialidade em tumulos de
marmore e granito polido

Pietrasanta (Carara) Italia

S. PAULO

Rua Paula Souza N. 85

Telephone, 3378 (Central)

Societé Financière et Com-
merciale Franco Bréilienne

(CASA NATHAN)

CHA' «HORNIMAN» em latas de 1,1/2 e 1/4 de libra,
o mais puro e aromatico.

Grande sortimento de licores «CUSENIER» de todas
as qualidades.

Verniz especial «CHI-NAMEL» para envernizar soa-
lhos, que substitue com vantagem a cera
e é mais barato.

Grande sortimento de ferragens finas e grossas.

MACHINAS PARA A LAVOURA de todas as classes,
com especialidade em arados, cultivadores, etc.
dos melhores fabricantes Norte-Americanos.

□□□□

Pedidos e informações á

R. S. Bento, 43-A Caixa do Correio—K
SÃO PAULO

A mais importante fabrica Brasileira de moveis
de vime, e de junco

- J. CARNEIRO BRAGA -

Movéis de vime e de junco. Única fabrica que pode satisfazer qual-quer exigencia. Carrinhos cobertos para crianças, em varios typos. Espanadores de todas as qualidades e para todos os fins. Vassouras de cabelo fino para soalhos encera-dos. Especialidade unica. - Cestas fabrica-se a gosto do freguez. Escovas com ferro, para encerar soalhos. Especialidade da Fabrica.



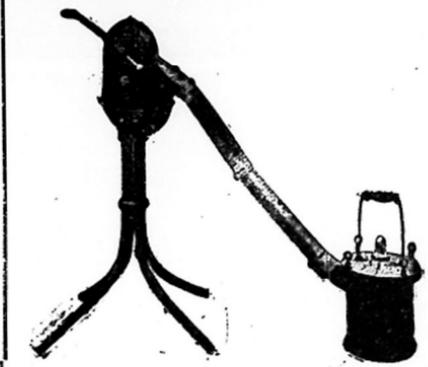
N. 124 Rua Brigadeiro Tobias N. 124
Telephone 243 (Central) - SÃO PAULO

As Fomigas Saúvas Depois de conhecida esta machina "Luiz da Silva" china, como já a conhecem centenas de lavradores que sabem dos seus infaliveis effeitos contra a existencia das damninhas formigas, não haverá mais motivo de queixa dos prejuizos causados por tão terrivel praga.

Não são mais necessarios reclamos para tornar conhecidas as vantagens da machina "Luiz da Silva", bastam os testemunhos de centenas de lavradores que se consideram felizes em possuir a referida machina, e a fama justa que attestam os milhares de testemunhos que presenciam os maravilhosos effeitos e a economia que se verifica com a applicação da machina "LUIZ DA SILVA" e do ingrediente "BUFFALO".

Peçam informações á Sociedade Paulista de Agricultura — Rua Libero Badaró, 125 — S. Paulo.

Carrapatos. Contra a terrivel praga dos carrapatos tambem se encontra na mesma Sociedade o infallivel carrapatocida marca "TOURO."



Diarrheia dos Bezerrros. Contra a diarrheia dos bezerrros é "CYMAOL" o remedio infallivel encontra-se com o depositario L. da Silva, R. Libero Badaró, 125 S. Paulo.

Feridas dos Animaes. Para curar quaesquer feridas do gado cavallar, bovino, etc. emprega-se o "BICKMORINE". Dirigir pedidos ao sr. Luiz da Silva, Rua Libero Badaró, 125, S. Paulo.

La Hacienda. A melhor e mais elegante revista que se publica no mundo sobre todos os ramos da Agricultura. Obtem-se a sua assignatura de um anno por 3 dollars, e 60 centesimos e por 5 annos por 18 dollars, com direito a um elegante e finissimo relógio suizo dourado.

Fazenda Moderna. A unica e mais completa obra nacional a cores, sobre a criação de gado, e um grande volume encadernado e escrita pelo conhecido e illustrado Dr. Eduardo Cotrim.

No Estado de S. Paulo encontra-se na Sociedade Paulista de Agricultura, com o depositario Luiz da Silva. Remette-se com porte pago por 21\$500.

Peçam nosso catalogo illustrado. Remettemos gratis, citando o nome desta REVISTA.



AO EMPORIO. =
 = TOSCANO
 VESTIDOS TAILLEUR

Sob medida, de Case-
 mira superior
 Trabalho fino

Rua General Carneiro N. 89
 Telephone 1166 - Central
 S. PAULO

ORVALHO

— DA —

BELLEZA

O MELHOR CREME
 PARA A PELLE

Pharmacia Castor

R. Alvares Penteado, 5-A



UM BOM FILTRO é
 o mais bello ornamento
 de vossa casa e o
 maior preservativo contra
 as molestias infecciosas,
 que expreitam o momento
 oportuno para se infiltrar
 em vosso organismo.

O unico filtro que vos
 fornecerá estas vantagens
 é o inimitavel

Filtro "Fiel"

A' venda na
 RUA SÃO BENTO, 14
 e em todas as casas
 de louças e ferragens
 de 1.ª ordem.

Arsenio J. Silva

Secção F.—Caixa Postal 740
 Telephone 5185 - Central
 SAO PAULO

Pedem o catalogo il-
 lustrado e mais infor-
 mações sem compro-
 missão algum.

É CHEGADA A HORA

... de comprar terrenos na CRISE para os vender daqui a um anno, na ALTA, quando terminar a guerra... Os melhores terrenos, os mais vendaveis e mais baratos de S. Paulo são os da

VILLA POMPEIA

Situados na Agua Branca, desde a Avenida, cortando o Parque Antartica. A Villa Pompeia tem uma area de um milhão e tresentos mil metros quadrados dividida em 17 ruas e uma grande avenida que parte da linha de bonds do Parque Antartica e se dirige para a Avenida Municipal fechando o grande circuito futuro de avenidas, do largo do Rosario ao largo S. Francisco: — Avenidas S. João, Agua Branca, Pompeia, Municipal, Paulista e Luiz Antonio. São terrenos de valorisação fatal; ficam no amago dos grandes melhoramentos da Capital.

Em 8 mezes vendemos oitocentos mil metros!

Acaba de ser installado ao alto da Villa Pompeia o grande reservatorio das aguas de Cotia. Dentro de alguns mezes a Villa Pompeia estará abastecida com a melhor agua potavel da Capital e é sabida a valorisação dos terrenos abastecidos d'agua.

Porque V. não compra terrenos na Villa Pompeia?

PORQUE NÃO TEM DIHEIRO? Nós emprestamos o dinheiro, pois vendemos os terrenos em lotes, SEM JUROS, a praso muito largo, com qualquer prestação mensal.

E' um negocio ideal; o terreno valorisa-se dia a dia, vai portanto ganhando juros porque augmenta de valor e V. o vai pagando sem juros, aos bocadinhos... Quer V. negocio mais intelligente? S. Paulo cresce espontaneamente. Antes de cinco annos terá o dobro da população. Com a guerra européa e a miseria subseqente a immigração augmentará. A nossa crise é toda de momento; a pujança de S. Paulo será sempre victoriosa.

E' no momento de crise que se fazem os bons negocios. Não ha em S. Paulo nenhum terreno dos que são annunciados em prestações, que se possa comparar aos terrenos da Villa Pompeia

Para informações; Na Companhia Urbana Predial

Scriptorio: Lago da Sé 3 (sobre-loja)

A Casa de Moveis — AO GRANDE ORIENTE

Rua Floriano Peixoto, 3

Canto do Largo da Sé — Teleph. 1382

Recebeu chic sortimento de TAPETES DE Lã e ALGODÃO. Passadeiras de lã olcados artigos francezes, capachos inglezes e portuguezes.

Alta novidade e preços sem competencia



Guilherme Wessel
Olives
Telephone
N.º 2001.
(Ciada.)
Rua dos Guapanazes 155.
São Paulo.

ERUPÇÃO DA PELLE

Ytabayana, 18 de Março de 1914 — (Estado da Parahyba)

Illmos. Srs. VIUVA SILVEIRA & FILHO

Mil vezes reconhecida pelo bem a mim
feito pelo vosso miraculoso preparado ELIXIR
DE NOGUEIRA.



Soffrendo bastante, desde minha infancia,
de erupção da pelle, acho-me radicalmente cura-
da, apenas tendo tomado 9 vidros de tão prodi-
gioso remedio.

Convicta de assim prestar um dever hu-
manitario, recommendo-o aos que soffrem.

Podem fazer desta o uso que lhes couvier.

Subscrevo-me grata.

AMBROSINA de ARAUJO LYRA

Junto a esta, segue meu retrato para melhor recommendação.

BYINGTON & CO.

ENGENHEIROS ELECTRICISTAS E IMPORTADORES
LARGO DA MISERICORDIA 4
S. PAULO



Compre um
VENTILADOR
WESTINGHOUSE
e goze do ar fresco.

AUTOMOVEIS "BUICK"
LAMPADAS "PHILIPS"
FERROS DE ENGOMMAR

A Saude da Mulher

✧ CURA ✧

INCOMMOTOS DE SENHORAS



Exma. Sra. D. MARIA MAXIMINA DE OLIVEIRA
curada com «A Saude da Mulher».

Snrs. Daudt & Oliveira.

Padecendo ha muito tempo, de colicas uterinas e tendo feito uso de diversos medicamentos, sem tirar resultado, recorri ao vosso milagroso remedio "A Saude da Mulher" e com o uso de 4 frascos apenas fiquei radicalmente curada. Com os protestos da minha gratidão, levo este facto ao vosso conhecimento.

Recife, 5 de Maio de 1917.

Maria Maximina de Oliveira

(Firma reconhecida)

Assinatura annual para todo o Brasil Rs. 10\$000
Preço para a venda avulsa: 1\$000
O assignante tem direito, pelo preço de assignatura, aos numeros extraordinarios (quando vendidos avulsamente a 2\$000) e aos brindes.



Directores:
VIRGILINA DE SOUZA SALLES
JOÃO SALLES
Relação:
Praça Antonio Prado 111
Palacete Hriccola 111
Tel. da redacção, 5661, Central
Telephono da residencia dos Directores, N. 818, cidade.

ANNO V

SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 1918

NUM. 45

FEVEREIRO

(A MULHER BRASILEIRA NA GUERRA)



papel da mulher brasileira, na situação de guerra em que nos achamos, não pode, nem deve limitar-se ás preoccupações affectivas e caridosas que a levam, despendida de luxo e inutilidades, a equalar-se sob o branco anonymato dos linhos da Cruz Vermelha, que têm a pureza dos lyrios e a frescura consoladora que leva allivio ás chagas; e, no qual, as gotas de sangue que porçejam das armaz fraticidas estallam-se numa cruz de perdão e misericordia.

É muito nobre, muito generoso, muito feminino o nosso gesto de prepararmos-nos para esta primeira missão de caridade junto ao leito dos que se offercerem em holocausto á causa impessal e sagrada de uma patria que é nossa, e que desejamos livre, grande e respeitada.

Nem todas as brasileiras, porém, poderão por esta forma cumprir a obrigação que a cada uma de nós cabe, de levarmos nosso concurso á causa collectiva em que se empenha a nossa nacionalidade. Nem uma decima parte das brasileiras se poderá alistar na Cruz Vermelha, e desnecessarias a tal mister seriam em tão prodigioso numero.

Ainda agora, na America do Norte, a febre de bem servir á Patria levou, segundo os telegrammas, vinte milhões de americanas a inscreverem-se na Cruz Vermelha. Ora, como a America do Norte não poderá enviar para a guerra mais de um milhão de soldados, caberiam a cada soldado duas enfermeiras... gastando o paiz mais com as enfermeiras do que com os feridos!

As brasileiras fremem igualmente do desejo de offercer seus serviços ao seu paiz, mas serviço util, methodico, disciplinado, que geram a confusão e o desperdicio de energias uteis.

Na guerra actual o papel da mulher tem sido de dupla energia, que classificariamos, sem pretensão, no desalinhavo desta palestra, em energia "estatica", que é a que se limita a consolar e a curar nos hospitaes de sangue, e a energia "dynamica", a que produz novas forças bellicas, e que equivale ao estorço masculino, para a victoria.

Não falando do batalhão de mulheres russas que marcharam para a frente de batalha, — organização que deixamos de comentar pela ogeriza que nos causam todas as manifestações mais ou menos ridiculas de desproposito feminismo — a mulher, entre os belligerantes, tornou-se de um momento para outro um elemento de enorme eficiencia, de valor definido, como factor de victoria, substituindo o braço masculino na lavoura, no commercio, nas industrias — e, principalmente — nas industrias de guerra.

Tornou-se a fada fecunda que virgia e faz produzir o campo, surgindo de entre suas alvas mãos a chuva de ouro das louras espigas do trigo. São suas pequeninas mãos que amanhão o campo, que o afofam, que o dispõem para receber a semente; que acompanham a germinação; que roçam a herba brava que, como hostes inimigas, invade a seara; que colhem o grão, que preparam a farinha que deve alimentar com o pão, o corpo do soldado, e com a hostia, a alma do crente que agoniza, morrendo pelo ideal supremo...

Mas ella é tambem a torça terivel e silenciosa, que as forças cosmicas que se acobertam e apenas se adivinham no mysterio das coisas universaes; é ella que, muda e grave, com suas mãos delicadas, vae encausulando a morte nos explosivos que serão vomitados pelos canhões, despejados dos aeroplanos, e cuspidos pelos submarinos... Seu coração atumultuado aneia de febre pela victoria de suas hostes; nos seus olhos, compasivamente femininos, ha quasi o paradoxo brilhante de uma gotta de lagrima, pela morte que ella prepara... E assim, na pequenina e alva petala que é sua mão — e que, hontem, unida de suaves e custozas essencias era corolla que se desfazia ao calor dos beijos — cabem a vida e a morte, cabe o Universo infinito, cabem a colheita e a destruição. Num dos coxins em que se ella divide cresce a haste gracil do trigo; em outro atea-se a lingua rubra do incendio que devora... E entre e outro ha o M symbolico, que é a crença, que é o nome maravilhoso de Maria Santissima, que é a prece em que sua alma mystica se embala, posta assim á prova entre a

suavidade de uma eclosão e o pavor das finalidades!

Seu papel na guerra actual tem sido preponderante e quasi decisivo; sem ella, faltaria o alimento e a veste ao soldado! o alimento e a té aos canhões.

Quando terminar a barbara refrega, as patrias não saberão a quem mais agradecer: si á força que apenas executou a sua missão, si á fraqueza e á meiguice que se revestiram de heroismo; si ao homem que occupou a trincheira, si á mulher que foi o braço que creou e produziu, a cabeça que engeou e o coração que muito amou...

Sirvam-se seus grandes exemplos. É evidente que não ha ainda necessidade de nosso concurso no campo, nas officinas, nas fabricas, no commercio, e que elle só será requisitado quando se moverem nossos exercitos, para a luta.

Devemos, porém, fazer desde já o que longo e silenciosamente fez a Alemanha durante a paz, com seu genio incontestavelmente disciplinado, methodizador, e portanto, fecundo: — o preparo da mulher para os misteres que lhe poderá amanha confiar a Patria. De seu preparo moral, sem despesa para o Estado e sem ruído espalhato, se poderá incumbir as nossas professoras de escolas superiores, bem como todas as intellectuaes brasileiras, por meia de palestras diarias, organizadas em todas as cidades do interior, na sala da Camara, num theatro ou num club. Palestras exclusivamente femininas, sem pedantismo e sem a declamação dos chorilhões rhetoricos, que têm sido o nosso peccado, deverá ser o seu programma a suggestão da belleza do papel que caberá á mulher brasileira na guerra, e a noticia das heroínas nacionaes e estrangeiras, que têm illustrado as paginas da Historia com o exemplo de sua abnegação pela causa collectiva. Estas conferencias, que não deverão durar mais de meia hora, serão seguidas de preparo physico, constituido por demonstraões e conselhos praticos, por especialistas, sobre a utilisação da terra e das machinas de industria, e principalmente, sobre o fabrico de munições de guerra, dividido todo este ensino, por turmas e por secções, de modo a preparar os

elementos de substituição nos diferentes sectores das indústrias e da lavoura, quando se fizer necessário o nosso concurso. Isto, que aos ideólogos superficiais poderá parecer idealismo — mesmo porque ainda há janotas e peralvilhões, que se referem ao que é nosso e ao nosso Brasil com o conceito obtuso do realismo dos cochinos de Epicuro, para os quaes a abstracção de um ideal é indigesta — será um preparo util e pratico, tenhamos ou não immediata necessidade de pó-o em acção, porque formará, ao mesmo tempo, o espirito da joven brasileira, escarando-a da poeira da frivolidade que a vestia com as saias curtas de uma meia-moralidade, que ameaçava submergir o espirito são da mulher de antanho, da formadora do nosso lar, onde viviam duas fidelidades e duas imagens: a de Deus e a do marido, a dupla fidelidade da creença e do amor.

Ella terá, assim occasião de ver a vida através de um prisma de imagens menos enganadoras do que as que lhe propiciam as miragens de seus romancistas; terá occasião de ver a vida-vida; acordará na sua fibra intima o desejo da immolação e do sacrificio, que é a gloria da feminilidade, que é a suave missão de magua crepuscular, que dóe e encanta, e que Deus nos confiou na terra, como uma flôr muito melindrosa que só nossas almas poderiam comprehender.

Formem-se comissões de senhoras em todas as cidades do Brasil; de senhoras corajosas que saibam receber com superior tolerancia o remoque do da grande parte que a imbecillidade do coube no genero humano...; arrostem, como nós arrostamos, os sorrisos demolidores dos incredulos e os turpiloquios dos que vêm na mulher apenas um instrumento de suas baixas paixões: façam desta *Revista* o seu organ: e a idéa vingará, como vingou esta nossa *Revista*, que foi, tambem, recebida como uma empresa fallaz, que não devia durar mais que as rosas historicas...

Alem deste aspecto de nossa colaboração ao lado de nossos soldados, ha ainda um outro, que irá recolher os esforços de todas as senhoras que, pelos encargos de familia e outros, não poderem acudir ao appello industrial: — é da economia. A guerra actual pôde chamar-se a guerra dos metaes, expressão que me acode, sem pre-

tenção de originalidade. Disputam-se o cobre, o nickel, o manganez, a prata, o ouro, o ferro; quem mais metaes tiver, mais assegurada terá a victoria. Todos os povos, neste momento, tentam thesaurisar os metaes, evitando que elles emigrem para o estrangeiro com a importação do superfluo e do voluptuario. Temos que seguir-lhes o exemplo; e quanto temos que nos esforçar para *lornarmos-nos brasileiros*, para *nacionalisarmos-nos*, quando, de ha seculos, com a importação constante e crrscente de ideas, modas e usos frandunos, fizemos todo o possivel para deixar de ser brasileiros... para só comprar o que é estrangeiro,

mestico ao vestuario com que sahi-mos á rua, devemos preferir, sem hesitação, o artigo nacional, o que a terra nos dá, a terra que, como a nossa, é grande, é feraz e prestadia.

Limitando nosso commercio ao commercio interno, nossa fortuna não diminuirá, porque, circulando o dinheiro sempre entre nossas mãos, do consumidor ao produtor, teremos um phenomeno semelhante ao da evaporação das aguas dos rios, que de novo voltam á terra, pelo orvalho e pelas chuvas.

Preparemo-nos, assim, para cumprir o nosso dever; preparemo-nos para honrar as tradições de nosso feminismo, e demonstrar, com vigor, que a brasileira de hoje não é, como falsamente se exhibem alguns specimens, a boneca de rosto mascarado com pó de Paris, e empastado de estiques e de cremes de harenas, e com o cerebro delirando de desabu-sadas philosophias de raças que decadem no vicio da luxuria, atravessando o asfalto das avenidas nos reboleios epilepticos de um *rag-time* ou de um maxixe.

— Ella é ainda como tal se mostrará — a linda e brava mulher, de seios fecundos, que procreou os heróes que enfloram de louros as paginas curtas, porém heróicas, de nossa historia...

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL — 10\$000

As assignaturas podem começar em qualquer mez, terminando um anno depois, no mez correspondentes.

Toda senhora que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura gratis.

Avisamos ás senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformal-as quanto antes, evitando assim que lhes seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida á directora Virgínia de Souza Salles, Palacete Bricola, R. do Rosario — S. Paulo

A REVISTA FEMININA precisa de bons agentes em todas as localidades do Brasil.

para só pensar, para só comer, para só respirar o que trouxesse o rotulo estrangeiro!

Lembre-mos que na paz a frivolidade da joia, do adereço, do *paradis*, da seda subtil e da renda vaporosa, são o nosso luxo, a nossa gloria e a corolla doirada de nossa belleza; mas que na guerra, quando todas as almas soffrem de apprehensões e anciedade, tudo aquillo seria insultuoso para a dôr da Patria, para o soffrimento de seus filhos; que uma unica veste nos pôde impor ao respeito e á admiração de nossos pais, de nossos maridos e de nossos filhos: — a veste simples e impessoal dos que passam a viver do mesmo aneço collectivo. Desde o manejo do-

ANNA RITA MALHEIROS

(Para a Revista Feminina, de S. Paulo)

PARA TINJOR OS CABELLOS

Podemos annunciar ás nossas leitoras, que, com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PETALINA, o admiravel e ino-gensivo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o mundo e que dá ao cabelo uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azetico. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10\$000, inclusive 500 reis para a despesa do correio.

A FRACA DONA DE CASA

Há mulheres sempre ocupadas, sempre em movimento, mas cujo trabalho não é de mínimo proveito, custando muitas vezes mais do que rende.

umas julgando-se perfeitas donas de casa, passam o tempo a preparar conservas, doces e provisões de toda a espécie. Formando esse armazenamento, ultrapassam em muito as necessidades da família e gastam inutilmente o seu tempo e muito dinheiro. Pois não dizem que «Provisões...», — profusões? Aqui provisões quer dizer abusos dellas.

Outros fazem incessantemente obras de fantasia, para adornarem a casa ou a sua pessoa.

E' um trabalho caro e quasi sempre censuravel sob o ponto de vista da elegancia.

Muitos outros exemplos poderia fornecer, entre elles este da mulher que convertendo uma verdadeira e louvavel qualidade em mania, exagera o asseio, limpando, esfregando, espanando todo o dia, com prejuizo de outras occupaçoens essenciaes.

Dizem todas: «Eu nunca estou um minuto sem fazer nada, mas o trabalho não vale sinão pela sua real utilidade. Não tonelics tão pouco aquellas de que vos falto por mulheres desejosas de augmentarem os recursos da casa. O que ellas fazem é abandonaram-se ás suas tendencias egoistas, pois que escolhendo entre os diversos trabalhos só se entregam áquelles que lhes apraz, que lhes é agradável, desatendendo outras coisas que exigiam que dellas se occupassem sem demora ou do mesmo tempo, trabalhos serios, bem dirigidos e de que toda a familia auferisse proveito e bem estar.

Muitissimas vezes tambem, e isto é peor que os caprichos de que acabamos de fallar, a mulher deixa-se arrastar a uma indolencia natural, mas que podia vencer e a uma preguiça, que, com certeza, exterminaria em si, se quizesse.

E isso, em vez de participar dos encargos do marido, é o procedimento de uma creatura sem escrupulos, ou de uma tal inconsciencia, que é forçoso deduzir della a sua inferioridade mental.

A preguiça é um vicio. Nunca seria de mais tentarmos desarraigal-o, quando, por culpa de educação, ella se installou em nós como senhor.

E' preciso trabalhar: o trabalho é lei da humanidade, uma lei salutar, uma lei santa.

A nosse quota parte pessoal devemos-a á collectividade, a começar pela familia.

O trabalho augmenta a fortuna e assegura a independencia. Conserva a saúde ao corpo, e ao espirito a vivacidade e a lucidez. Consola e fortalece. Além

de que, afasta de nós muitos males e muitos infortunios, furtando-nos a numerosas ciladas.

A preguiça conduz-nos ás coisas mais degradantes; á miseria e ao rebaixamento fisico e moral.

Vem-se, infelizmente, muitas mulheres desleixadas, que vivem numa completa ociosidade. Passam os seus dias nas mais commodas posições de repouso, com um livro, ordinariamente um romance, nas mãos. As roupas de uso da familia jazem para alli a um canto, sem as passagens necessarias nem reposição em estado de limpeza. A casa encontra-se numa desordem medonha, e as refeições são atabalhoadas á pressa e á ultima

hora. Quando o marido recolhe pedem-lhe serviços, de que deviam pelo contrario alivial-o. Pois não trabalhou elle todo o dia para ganhar o pão quotidiano da familia e dessa companhia egoista, que não s'a b'e sacudir o torpor nem a sua horrivel preguiça?

Tentemos reagir, mesmo quando a saúde languida nos convidar a indolencia.

Se não pudermos entregar-nos a um trabalho prolongado, procuremos ser uteis, escolhendo occupaçoens que não acarretem fadiga demasiadamente rude. Occupemos os dedos e serviremos ao menos para alguma coisa. Os pensamentos tristes dissipar-se-hão, porque a actividade bem dirigida é indispensavel á alma e ao corpo, que é o seu sustentaculo.

Não quero dizer com isto que a mulher deva estar esmagada sob o peso de todos os trabalhos da casa. Mas, conforme a sua situação de fortuna, assim regulará e dirigirá tudo. Sobrevindo um revés, o meu desejo seria que uma mulher dedicada abandonasse os seus trabalhos de distracção, a musica e as visitas, para substituir a aia, a engommadeira, etc., a



Humorismo Ingles.

Á guerra, o despeito dos seus horrores, offerece, ás almas sensiveis e sentimentaes, alguns beneficios excellentes...

quem já não pôde pagar.

E não me venham dizer que não tem força. E' verem as pobres mulheres de operarios: tendo numerosos filhos para criar, são ellas que fazem a comida, limpam a casa, que lavam; no campo são ellas tambem que dão de comer aos animaes e cultivam os legumes. O que ellas precisam fazer é dedicar-se inteiramente... simplesmente.

Eis o que se deveria encontrar em todas as mulheres, em todas as classes da sociedade, com occupaçoens diferentes sem duvida, mas todas com o mesmo esquecimento de si mesmas.

CERES PROPICIA

HUGO SIMAS

Dealba a curva do horizonte. Vae pelas sebes e pelo arvoredado um chilrear festivo. A natureza desperta á volta triumphal da luz.

Nas casitas rusticas, começa a espiralar o fumo azulado das chaminés, como se fóra o incenso que o lavrador queimasse em sacrificio á Terra — mãe commum, de peitos fartos e prodigos.

Ao canto do gallo se casa o mugir dos terreiros, prezos no curral proximo. Cheiro forte de esterco, de mistura com o aroma das resinas sylvestres, enche o espaço.

O dia vae, pouco e pouco, nitidizando, ao azul lavado do ceu, a silhueta dos pinheiros regio, das imbuías e cedros seculares que coroaom os morros longinquos.

Lesto, sadio, bem disposto, o lavrador chega á borda do corrego rumorejante, em dialogo com os seixos e as avencas amoladas, para a ablução matinal.

Na mangueira, cuja alta cerca de rachões sae de um dos flancos da casa, as vacas são ordenhadas ao grito secco de *afasta... óa... óa...* Mulheres, transportando gamellas cheias de agua tepida, para a lavagem das uberes entumescidas, o vasilhame de folha scintillando ao sol recém-nado, as guampas pendentes dos palanques mais altos, retiram o apoio para a nutrição do filhinho do lar humilde e feliz, deitado em uma esteira, agita os bracinhos em vincos, levanta o pequenino pé rosado que lhe sae de uma dobra mais visível da perna cylindrical, e, pernas e braços nus, recebe, com as primeiras virações matutinas, o beijo do dia que começa por entre as apothoeses da madrugada primavera.

Mal tem o sol, perdulariamente, desfeito os collares de orvalho, enxameiam pelo pomar as abelhas, zumbindo, em torno ás larangeiras, a cujo verde escuro da folhagem, tauxiada com os salpicos de espuma de suas flores alvissimas, destacam-se os ullimos fructos de ouro. Os nodosos pecegueiros, de caule rugoso, em ramilhetes de rosa desmaiada, deixam cair as petalas, ao ovario fecundo, emquanto as parreiras, em sebes, alinhadas, aos primeiros sarmentos, reverdecem.

Chopins, de negra plumagem com reflexos metallicos, pousam nos bois carrieiros deitados junto ao curral; tico-ticos e rolas, saltitantes, andam pela horta, emquanto, no pombal proximo, arrulham os eternos namorados.

No bublico deste quadro, na doce tranquillidade desta scena, o lavrador toma da enxada, o grosseiro casaco dobrado a um dos hombros, e lá se vae para o trabalho, que lhe dá a abundancia do celloiro, o privilegio da saúde e da liberdade, na alacridade sadia e plena da paz ampla e angelica da campina que se desdobra á manhá que se levanta.

O dono da herdade, um lavrador moderno, que sente como se celebram as nupcias do espirito com a solidão povoada de tantas emoções sadias, de uma pequena varanda, atufada de hybridos de begonia rex, de strobilanthos e aralias, tendo pendente do lecto viçosa saxifraga sarmentosa, ao tempo que savoria o café matulino, corresponde, sorrindo, aos cumprimentos dos socios de perceria, que demandam as culturas.

Um cavallo, de pello fino e reluzente, masca o freio, impacientado, em piafé, junto á cerca do pequeno jardim ensaibrado.

Proximo, um rapaz imberbe, espadado e agil, apoiado em longa vara, salta para o chedeiro, e, a um grito, as duas juntas de bois, baixando a cabeça á canga, dão o primeiro impulso, conduzindo, em pé, entre os fueiros do carro, o moço carreleiro. Parelhas de mu-



las passam, arceidadas, para o atrelo ás machinas agricolas.

Sobe, da base da collina em que descança a casa senhorial, o rumor compassado e lento da azenha, onde se fabrica o polvilho, a araruta, a farinha...

O dia agricola começa.



E' assim que o lavrador, que trouxe para o campo e para a sua lavoura, além das sciencias e das letras, a experiencia, os dissabores e os cansaços da vida urbana, sente ser independente e livre, podendo ser superior e feliz.

Montado a cavallo, o largo chapeo de feltro desabado, firme nos estribos, antes de dar á redea a allimaria, olha em torno.

A filha mais velha, uma creança nedia, corada, de um moreno formado ao sol dos descampados, distribue milho ás aves domesticas. Os mais novos procuram morangos por entre a densa alfombra das folhas, emquanto a esposa colhe rosas, cravos e maldrestivas para adorno do lar simples, apenas guarnecido de toco mobiliario indispensavel. E, ao afastar-se desse mundo de affectos, ao perder de vista o chromo de sua vida domestica, o lavrador sente que a mais solida liberdade está em viver o homem para o sorriso dos seus filhos e para as dedicações da esposa, que a vida agricola proporciona e concede.

Em os deixando, á marca trotada do cavallo, vae reflectindo: "capital é trabalho accumulado; é trabalhando que se o consegue e só esse dá a alegria sincera". Para conseguil-o, tendo-se um pedaço de terra, pouco mais é preciso que a autoridade sem despotismo, benevolencia e cortezia, um profundo sentimento de justiça e intransigencia absoluta para as suas propria faltas.

O nosso homem do campo, "a bagagem de nossa moralidade culminante, o acervo precioso de nossas qualidades conservadas no retiro da brenha e depuradas na solidão," tendo depositado confiança no estrangeiro, sentindo que elle não o explora mas o protege, não o opprime mas o ajuda, não o corrompe mas o estima, é o homem hospitaleiro, obsequioso, humilde, cordato, trabalhador, capaz de rasgos de dedicação que attingem aos paroxismos da loucura.

Saber aproveitar essas forças dispersas, saber congregal-as em um interesse commum, eis o trabalho que faz a fortuna material e a riqueza moral daquelles que aspiram a deixar, em sua passagem pela vida, alguma cousa mais que a lembrança da sua opulencia, alguma cousa que valha por um obulo, por uma recordação, por uma saude, por uma lagrima...

Defronta o cavalleiro o primeiro tracto de terra lavrado.

E' do comparsa que se obrigou ao plantio de tuberculos para a cria e ceva dos suinos, em parceria. Já as primeiras folhas, em rectas equidistantes, mancham de verde a superficie ocra desmaiada. O lavrador, na boieira da charrua, vai leirando o chão em declive brando, até calibr de chofre no correjo de aguas crystallinas em cuja margem estende-se verdejante o agrão.

Mais adiante, destorroadores de discos, ao mesmo tempo que pulverisam, nivelam o solo para a cultura do milho, que já começa a *embonecar* no campo contiguo, por onde a brisa passa farfalhando a folhagem invaginante. Mulas agéis puxam a carpideira, montando o chão do milhan.

Nesse labutar, que não deprime, mas revigora e fortifica, nesse convívio intimo com a terra, sentindo-lhe o calor, o homem se fixa à lavra e se radica ao solo, sciente e consciente de que ahi está a prosperidade, a abundancia, a tranquillidade e essa grande paz espirital, que é como um banho de amor e de compaixão por todos os miseráveis e por todos os desgraçados. E' nesse consorcio que o homem se faz bom e se faz misericordioso.

E' descansando à sombra das cabrivas, bebendo a agua dos riachos, enlevado no canto dos sabiás, sentindo pulsar junto ao seu coração simples dos nossos homens rudes, que se verifica a fallacia da vida urbana com as suas hypocrisias, as suas falsidades, as suas competições e os seus egoismos.

De gustando, reditivo, o travo que lhe ficou do convívio com a *civilização*, o lavrador egresso da sociedade, sem que seja como anachoreta ou um hypocondriaco, sente mais fausto nas roupagens com que Flora atavia os prados e as mattas, mais pompa, mais fulgor e mais brilho no ceu illuminado por algumas estrellas desvaídas, que nessas constellações de gemmas e pedrarias que scintillam mortas à luz artificial dos candelabros...

O sol irradia gloriosamente pelo ceu purissimo.

Dando volta à montaria, logo alcança uma trilha reenteando a mata que, à placidez opulenta de suas frondes, onde a passarada descanta e a cuja sombra esvoaçam borboletas, recebe o viajor com a caricia do olhar azul de uma castellan em seisma.

Em meio a um desses meandros dos caminhos sertanejos, um grupo de meninos descalços, em mangas de camisa, chapéus de palha de jerivá, demandam a escola. Uma escola simples, de bancos toscos, amplamente illuminada pelos janelões rasgados nas paredes de taboado grosseiro e ligeiramente caído. Escola em que recebem noções basicas, fundamentaes à vida, o amor ao trabalho agricola, a noção da honra, o sentimento da responsabilidade e a consciencia de que a quietude da existencia normal do lavrador não pôde excluir de compartilhar com as agudadas e intensas emoções nacionais. Uma escola pratica, simples, que, virilizando o character e a creança, não permita que ao cyclo de sua vida e dos seus labores atinjam os assomos da nossa indisciplina social. Escola rudimentar, em cujo frontão está inscripta a divisa do autor dos *Sertões*: *a marcha de um homem verdadeiramente bom é feita através de reacções continuas*; escola elementar em que se colima,

pelo exemplo constante, dar ás creanças a visão de um Brasil laborioso, culto, ordeiro e opulento, em meio ás magnificencias de sua fertilidade inextinguivel.

E em os vendo seguir, não se tem alli somente uma esperança viva, mas a convicção de que, com a Escola, os nossos destinos se hão de cumprir e haves-mos de encher a grandeza material do nosso territorio com a grandeza social da nossa nacionalidade.

Reputa, adiante, ao em vez do chão amarello, a mancha vermelha da argilla, como larga escara em meio ás samambaias, em praga. O arado sulca fundo, no extermínio dos caules subterraneos. Proximo verdeja, pelo dorso das collinas, em successão, a canna de assu-ar e a mandioca, plantadas no anno anterior, o capim de Rhodes e o capim Sudão, que fornecem feno aos animaes de trabalho, enquanto ao longe, no velludo do *mimoso*, pastam, lerdos e pesados, os bovinos.

Apeitando, para puxar as longas varas da porteira, o lavrador olha a campina que se desata ampissima numa prolixidade sorprendente de cores...

Depois de voltear os poteiros, em inspecção aos bezerros mais novos, aos potrilhos ariscos e aos bácoros em mama, retorna...

Descamba o dia. O ceo se arquea na diffusão de suas cambiantes opulentas. Cessam os rumores da colmeia humana, e só o canto de algum passaro retardado na vegetação virente e o rumor das corredeiras pelos lagedaos angulosos povoa a empolgante placidez da tarde...

Sentado na varanda, o olhar perdido pelos ceos, escoam-se para o lavrador as horas remansadas.

Amando a natureza deslumbrante que a aviventa, com a paixão de um esponsalicio, sente pela terra a caricia dos affectos mais puros: é a séde do lar, um trecho da patria, uma parcela viva da sua integridade tangivel, pela qual tem o zelo e o culto da perseverança suarenta do seu trabalho.

Amando-a, estima os homens. Sente que para todos foi feita a litania dos ninhos emplumados, a mystica doçura pantheista das aragens balsamadas.

Para todos o viver mansueto, ao explodir sereno das seivas maternas no seio lacteo das magnolias...

PRETO E BRANCO

Era uma scena da mythologia:
Um fauno de ridiculas maneiras,
Negro, de face esqualida e sombria,
E não da Grecia um fauno, sorridente
De pampanos coroado
E cachos de parreiras)

Pelo alegre salão resplandecente
Conduzia na valsa a mais formosa.
Ella ás graças de nymphas, ao celebrado
Talhe de deusa, luz do olhar e tudo,
Juntava a pudicia donairoza

Da donzella christã.
Ao monstro um riso fatuo desvendava
E estupeção, no corpo bronco e rudo,
Da alma rudimentar do vicio escrava.

E junto áquella estrella da manhã
Era um sapo a coaxar,
Perto daquella juvenil candura
Era um moscardo agreste e repellente.

Asqueroso a manchar
De um branco lyrio a immaculada aivura.
Eram juntos o horror e a perfeição,
Um retalho de treva e uma alvorada.

Crime, sinistramente,
No pé de uma innocencia immaculada
Ou obsceno aleijão

Dono da Forma egregia, alta e tranquilla,
Madona da moldura arrebatada
No braço de um gorilla.

BUNO BARBOSA.

A ORIGEM DA MASCARA

A mascara funebre, a mascara de theatro e a mascara de carnaval.



Mascara Japoneza.

cobrir o rosto dos cadaveres, como o atesta: as antigas mumias que foram encontradas nos hypogeos mortuorios das pyramides, muitas das quaes se vém, hoje, nos museos da Europa.

Essas mascaras, em vez de ter por objecto desfigurar a cara humana, eram, ao contrario, destinadas a conservar a physionomia do defuncto, perpetuando-a atravez dos tempos. Hoje, a palavra «mascara» se usa no sentido pejorativo, isto é, careta, caraça, e as feições que ella representa são deformadas e caricaturaes. Ora, os antigos egypcios, ao modelar a mascara, tinham o cuidado de reproduzir, com o rigor e arte de que eram capazes, a physionomia humana, sem nenhuma preocupação de deformidade ou caricatura.

Este costume, de occultar a cara do defuncto sob uma mascara, obedecia ao proposito de resguardar o rosto e as demais partes do corpo mumificado contra a acção da atmospheria.

Os plenicios tinham tambem este costume. Consta que os gregos tambem o tinham. Disto não ha certeza.

Mas, á medida que a civilisação avançava, ou, melhor, á medida que a civilisação se transformava, amoldando-se ao tempo, a mascara começou a modificar-se. De uso exclusivamente funerario, como era entre os antigos egypcios, passou, na Grecia, a fazer parte das representações theatraes. Nos theatros gregos, pois, era destinada a dar certo cunho á physionomia do actor. Além disso, a mascara servia para dar sonoridade á voz. As representações, como se sabe, eram feitas ao ar livre, sendo, portanto, indispensavel recorrer a este artificio para que os espectadores pudessem escutar com clareza



Caraça, japoneza

o que os actores declamavam. As boccas dessas mascaras são rasgadas em forma de buzina, o que demonstra claramente o seu proposito, que era de ampliar a voz.

Os typos de mascaras eram poucos. Cinco ou seis variedades bastavam para cada peça theatral. O cynico, o heróe, o galan, o tyranno e outras personagens usavam, de accordo com o seu papel, a sua mascara correspondente. O actor, ao entrar em scena, já demonstrava o papel que ia representar. De resto, o publico, antigamente, não apreciava as surpresas.

Com os progressos da arte scenica, a mascara começou a dar maior amplitude á expressão physionomica das caretas, e, nos tempos dos romanos, chegou a offerecer innumerables aspectos, correspondentes aos mais variados e distinctos typos.

Existem tambem curiosos exemplares de caretas americanas, de innegavel caracter theatral, a julgar pela sua expressão e pelo facto de terem, na bocca e nos olhos, as respectivas aberturas. Tendo em conta as descrições que das danças e das pantomimas scenicas se encontram em muitas obras, deduz-se que estas caretas eram utilizadas pelos comicos para as suas representações burlescas. Os exemplares que destas caretas se vém no Museu Archeologico de Madrid, são de madeira e estão pintados de cores vivas. Uma dellas tem umas enormes orelhas postiças e moidiças, o que demonstra que esses povos se serviam dessa mechanica para produzir efeitos comicos.

A careta japoneza, que, mesmo em nossos dias, tão artistico caracter offerece, data de tempos remotissimos, e era usada em ceremonias religiosas, em festas cortezãs e representações theatraes.

Na idade Media, na chamada «Festa dos loucos», que, como derivação das saturnaes romanas, se celebrava nos templos, na noite de Natal, os bufões, bufarinheiros ou maninellos que nella



Caraça australiana, de madeira.



Esculptura de um actor romano, com a respectiva mascara, e a bocca em forma de buzina para dar volume á voz.



Artística caraça japoneza, usada em certas festas e solemnidades

tomavam parte, cobriam o rosto com caracás monstruosas. Estes festivos, grotescos e improprios do logar sagrado em que se effectuavam, foram tolerados pelos primeiros bispos da Igreja para facilitar a transição do paganismo para o christianismo. A nossa mascara de carnaval tem ali a sua origem. O nosso entrudo é uma recordação pagã das velhas saturnaes.

Os carnavaes de Veneza contribuíram para vulgarizar o emprego da mascara, de modo que não sómente entrou a ser usada nos carnavaes, como tambem foi adoptada em muitos lances da vida aventureira daquelles tempos.

A mascara, em Veneza, já estava civilisada. Era feita de seda ou velludo, cobrindo meio rosto ou com barbelas de seda. A meia mascara, a que os francezes chamam «loup», está hoje em pleno apogéo, nos salões de baile, para substituir a caraca de papelão.

Mas a mascara vae desaparecer. Os bailes «travestis» já se realisam sem a mascara; e nos corsos de carnaval, que estão actualmente substituindo os horrendos e desgastiosos prestitos, os grupos que tomam parte nelle já se apresentam de rosto nu.

A mascara entre os actores gregos e romanos devia ter a sua origem no uso que tinham esses povos de pintar a cara com a borra de vinho, nas festas consagradas a Baccho. Quanto á mascara tragica, a sua invenção é attribuida tanto a Eschilo

como a Cherilo de Samos. Na comedia, até ao tempo de Aristoteles, ignorava-se quem era o seu inventor.

Os tragicos davam aos deuses, semideuses e heróes um typo convencional, conforme a idade, as condições, o sexo, e distinguíam-se da seguinte maneira: as mascaras, no primeiro grupo, tinham seis variedades. Havia a glabra, com cabellos brancos de algodão; barbada, com barba cerrada e crespa; pallida, para os heróes de quarenta annos e doentes; a córada, para os heróes em pleno vigor, com bello e barba negros; mascara de barbas e cabellos louros para os personagens de pouca idade e de papeis secundarios nas tragedias, e, finalmente, com barbas e cabellos de louro pallido desmaiado para personagens secundarios e doentes.



Mascara que usava o actor comico nas primitivas representações do theatro romano. A bocca, aberta em busina, serve para a ampliação da voz, porque as representações se faziam ao ar livre



Mascara japoneza, usada no antigo theatro



Nesta mascara, as orelhas, exaggeradamente grandes, servem para transmitir os sons aos ouvidos



Mascara destinada ás mulheres, nas representações do antigo theatro romano

Ha tambem outros grupos de mascaras, com suas variedades correspondentes. Ha as pallidas, para os enfermos; as pallidissimas, para os personagens que vão morrer; as coloridas; as pintalgadas; as que, por convenção, eram consideradas bellas, e as que, por convenção tambem, tinham de caracterisar o individuo feio; as duplas com duas caras de cada lado; as triplices, com duas faces e uma terceira sobreposta na cabeça; e outras mais, e muitas outras para caracterisar, na scena, a creança, a matrona, a rapariga solteira, a mulher livre, a megera, a intrigante, a feiticeira, o heróe, o namorado, o homem cruel, o tímido, o cynico...

Por ahí se vê quanto, nos theatros da Grecia e Roma, o espectador era destituido de curiosidade.

O personagem, ao assomar na scena, já mostrava, pela mascara, o papel que ia representar.

Hoje, porém, o gosto theatral é inteiramente opposto. O interesse de uma peça, como de toda composição litteraria, poema, novella ou romance, reside sobretudo na surpeza do desfecho e no imprevisito dos episodios.

O autor theatral que não tem habilidade para illudir o espectador, recorrendo ao imprevisito para rematar certas scenas capitales, não consegue obter successo.

Já se vê que isso é um artificio. Mas não ha arte mais artificiosa que a arte do theatro. No Brasil, ou, melhor esse artificio, é designado pelo vocabulo chato e grosseiro de «carpintaria.»

A tragedia grega constitue uma arte elevadissima. Nenhum artificio. Cada personagem vem á scena dizer as suas ancias ou desventuras, as suas derrotas ou victorias, as suas esperanças ou desalentos. O poeta tragicô não recorria a nenhuma «carpintaria» para buscar um effeito.

Ao telephone Central

3

Peçam o melhor TAXI

Vencem as mulheres na Inglaterra e nos Estados- Unidos!

Direito ao voto politico

O movimento feminista iniciado na Inglaterra e nos E. Unidos e intensificado pelas *suffragettes*, nas vésperas da guerra, acaba de ser coroado pela mais brilhante victoria, o que vem mais uma vez provar que a influencia feminina é real e decisiva, quando segue uma orientação firme e sem desfalecimentos. Já mais de uma vez temos affirmado que a nossa *Revista* não é animada por um programma ultra-feminista, nem veiu a campo para reivindicações. Anima-nos, ao contrario, um sentimento conservador e religioso, que é a feição geral da mulher brasileira, sem, no entanto, deixarmos de acompanhar com interesse e entusiasmo, as conquistas pacificas que o nosso sexo vae adquirindo de par com a evolução natural da especie. Não nos extremamos; não queremos comprehender a mulher do seculo XIX como a troglodyta das cavernas, nem como a remendadeira de meias dos periodos do feudalismo; não a queremos comprehendel-a, tambem, de fuzil ao alvo, numa trincheira.

A conquista, porém, que ella acaba de obter na Inglaterra e nos E. Unidos, era um phenomeno social previsto a fatal, tal seja a aquisição do direito de voto politico, de que até hoje apenas gosavam os homens por um monopolio absurdo. A Camara dos Lords, da Inglaterra, approvou por 134 votos contra 69, o projecto que concede o direito de voto politico ás mulheres, e a Camara de Washington, nos E. Unidos, adoptou a mesma medida por 274 votos contra 136.

E' a mais bella victoria do feminismo dentro de um seculo!

Considera-se, assim, vencida a intensa campanha que os elementos femininos da conservadora Inglaterra e da democratica America do Norte vinham fazendo neste sentido.

O exemplo partiu das mulheres inglezas. Todos se recordam do que foi ali esse movimento formidavel até ás vésperas da grande guerra, movimento que quasi revolucionou a Grã-Bretanha e que arrastou ás prisões innumeras campeãs da propaganda original. Os «metings» se succediam e de cada vez as oradoras eram mais eloquentes. A' proporção que os homens, isto é, o governo, reagia, os discursos eram mais violentos. Mrs. Pankhurst e suas duas filhas, as duas inspiradoras, nesses ultimos annos, da defesa dos direitos politicos do sexo fraco na Inglaterra, chegaram mesmo a conspirar contra a ordem legal no reino e agrediram uma tarde, á saída do Parlamento, á M. Asquith, chefe liberal e então presidente do conselho de ministros. Mais de uma vez, bombas de dynamite explodiram junto aos mais importantes estabelecimentos officiaes ou ao pé das residencias dos «leaders» da reacção masculina. Quando se procedia á renovação da Camara dos Comuns, antes da guerra, verificou-se uma coisa curiosa: varias «suffragettes», em automoveis que tinham collados na parte externa amplos e vistosos cartazes, recomendavam com coragem e civismo ao eleitorado da City os nomes dos candidatos que amparavam intimamente a sua causa. Os conservadores, afastados do poder, reconheceram que ellas exerciam certa influencia na cabala contra a situação e se aproveitaram do momento critico, fazendo-lhes promessas e tirando-as contra os adversarios.

Veiu, depois, a declaração de belligerancia contra os imperios centraes da Europa e as mulheres, esquecidas da sua campanha, foram ao postos de caridade e piedade onde o dever civico as reclamava. Outras ficaram substituindo os homens nas officinas e nos campos. Prestavam serviços valiosissimos e esse patriotismo o sexo forte em nada ficou a lhes dever. Recomeçaram a propaganda, aureolada agora pela gratidão nacional e o proprio Sr. Asquith, o poderoso inimigo da vespera, um anno depois da guerra e ainda no

governo, mostrou-se favoravel á concessão do voto ás mulheres. Nesse sentido, foi apresentado um projecto de reforma eleitoral á Camara dos Comuns, que foi mais tarde approved. Ha dois mezes foi elle enviado, á Camara dos Lords, que tambem acaba de pronunciar-se favoravelmente, em linhas geraes. Isto quer dizer que ainda ha difficuldades a serem vencidas. Mas, a idéa vae...

Na America do Norte, a propaganda foi mais recente, mas foi mais pratica. Conseguiram as *suffragistas* o direito do voto para as eleições municipaes e depois para as estaduais. A campanha intensificou-se e tal foi a cohesão feminina, que os homens politicos, para não verem o seu prestigio abalado, tiveram que transigrir. E cederam.

Reconheceu-se á mulher, em diversos Estados, o direito de votar e ser votada. Uma dellas chegou a ser deputada á Camara dos Representantes. O actual presidente da poderosa Republica amiga, querendo pleitear a sua reeleição, declarou em um manifesto que apoiaria as pretensões femininas. A sua promessa foi cumprida, pois a maioria dos seus amigos no Congresso, isto é, o partido democratico que neste momento tem ali as responsabilidades do poder, acaba de approvare a resolução que manda submitter á acceitação dos Estados uma emenda á Constituição Federal, estabelecendo o direito de voto ás mulheres.

Os Estados têm sete annos para se pronunciar sobre a dita emenda.

NUNCA MAIS...

Era bella e divina a Mariquitás, vivia n'uma casinha branca, muito branca, docemente beijada pelo rio, aiém, entre os ramos negros dos chupus e as flores dos salgueiras.

Como era bonita, mesmo muito bonita, todas as noites, quando o luar vinha pratear-lhe os vidros da janella, envolvendol-a n'uma doce claridade, eu ouvia os accordes d'uma guitarra acompanhando ternas canções d'amor e de saudade, d'alguem que viera devagar e de mansinho, rio acima, quedar-se em frente d'essa casita branca, muito branca, docemente beijada pelo rio!...

E a guitarra ora suspirava e gemia, ora ria e cantava!...

Um dia — que pena e que tristeza! — a Mariquitá morreu, morreu como uma flor d'aquelle dia! Levaram-n'a para o cemiterio estendida n'um caixão branco... os labios abertos n'um sorriso... serena e tranquilla como quem descansa... enterrandol-a n'um coval estreito!...

Desde então eu nunca mais, nunca mais, tornei a ouvir os accordes dulcissimos da guitarra, que vinha devagar e de mansinho, altas horas, quedar-se em frente d'essa casita branca... muito branca... docemente beijada pelo rio!...

E' que o esqueite da pobre creança fora feito das pequeninas tabuas d'essa guitarra amante, que ora ria e cantava... ora suspirava e gemia!...

FERNANDO DA COSTA FREITAS.

FALLENCIA DOS PSYCHOLOGOS FEMINISTAS

A guerra tem trazido desenganos e desillusões a muita gente. Um dos seus efeitos mais inesperados foi o desaparecimento dos psychologos, o fim da psychologia.

Mas advirta-se que eu, aqui, no meu caso, não entendo por psychologia esse pequeno manual de philosophia a que se dá o nome de sciencia da alma, mas, sim, a parte da psychologia que se occupa da alma das mulheres, e, ainda assim, não de todas as mulheres, mas sómente daquellas que são capazes de descrever, com os seus proprios recursos, o seu estado d'alma.

O numero destas, já se vê, é muito restricto. Tão restricto é, que, em rigor, parece que não existe realmente.

Eu, á minha parte, acredito que esse numero não existe mesmo. É uma questão de convicção. O que eu acredito é que esta especie de mulheres é uma pura e simples convicção dos psychologos.

E os psychologos? Onde estão elles? Onde se metteram? Se é verdade que estão em alguma parte, é tambem verdade que ninguém já se lembra delles. Elles foram sempre absurdos.

Os psychologos eram cavalheiros de habitos finos, distinctos. Não eram propriamente homens de letras, mas distinguiam-se pela vivacidade na palestra e pela profundidade com que emitiam os seus conceitos. Elles affirmaram, como detentores de uma verdade profunda, indiscutivel, terrivel, que as mulheres (já se vê que me refiro ao restricto numero das mulheres subteis da alta sociedade) eram incomprehendidas.

Mas os senhores psychologos, quando as dizem incomprehendidas, não deixavam de acrescentar:

— Mas nós podemos comprehendê-las. Nós e só nós.

E elles offerciam-lhes os seus cuidados benevolos, abrindo, especialmente para ellas, uma drogaria de doses moraes. Organizavam «enquêtes», agiam, davam-se ares importantes...

Lisonjeadas em sua vaidade, algumas mulheres, (da classe a que me refiro) não tendo nada que fazer, diziam que, com effeito, nunca tinham sido comprehendidas. E isso o davam-lhes ao rosto esse ar de melancolia que tanto apiedava os senhores psychologos. E pouco a pouco, as pobres senhoras iam-se tornando neurasthenicas. Quanto mais neurasthenicas se tornavam, mais triumphavam os sacerdotes da psychologia.

— Vêde como ella soffre! dizem. Ella precisa encontrar alquem que a comprehendida.

E esta lastima do psychologo ia recahir, como censura, sobre quem? Sobre o miseravel mortal, pae ou marido, que, não sabendo psychologias, se cuidava um tolo, um imbecil, incapaz de comprehender essa creatura complicada, delicada e fragil.

Entre estes, contar-se-ão muitos homens, intelligentes e bons, que se fizeram desgraçados pela lábia dos psy-



Mão extranhosa para os enfermos



Sempre incomprehendidas...

chologos. Quanto a estes ultimos, quando, por acaso, eram consultados, respondiam por phrases vagas, através das quaes transparecia a commiserção pela dor dessas almas femininas. Ah! elles comprehendiam essas dores, penetravam-lhes a causa fundamental! Não fossem elles psychologos! Entretanto, toda essa penetração não servia de nada como recurso

curativo. E as lindas senhoras incomprehendidas, ceixando-se acabrunhar, não sabiam para que tinham vindo ao mundo, se para serem comprehendidas, ou se, mais simplesmente, para serem felizes.

Pobres senhoras! Como ellas foram troçadas!

Para falar verdade, a voga dos sports tinha feito fracassar, em parte, a psychologia. Quando se está bem nutrido, bem treinado nos jogos physicos, não se sente nenhuma necessidade de mostrar melancolia. E se se tem o temperamento amoroso, aborda-se o typo amado com uma candura tocante:

— Tu me agradas. Gosto de ti. Gostarás tu de mim? Caminhemos juntos ao longo da vida. Será um magnifico passeio, excellente para a saude.

Para quem encara a vida por esse prisma, é muito facil comprehender a alma da mulher, que, de resto, é a mais simples das almas.

Mas a guerra é o mais violento dos sports e a mais aspera das realidades. A luz terrivel que ella projecta sobre todas as coisas, desaparecem as illusões, desaparecem, como fumo, todos os phantasmas da imaginação. Novos deveres se apresentam. O papel da mulher destaca com uma nitidez maravilhosa: consiste em consolar a miseria humana. De dia e de noite, a mulher franceza, tendo tomado a sério o seu dever de devotamento e de coragem, deixou apagado o seu fogão e entrou para a usina, para o escriptorio, para o hospital, entrou por toda parte, mostrando uma capacidade de trabalho de que ninguém a cuidava capaz e um espirito de piedade, que todos lhe admiram.

Entanto, ella faz tudo isso com simplicidade, como quem cumpre um dever, e sem curar de nenhuma psychologia.



A mulher "enfant gâté"



Os psychologos foram sempre homens de uma extranha elegancia...

RIVAL DE SI MESMO

(CONTO DE CARNAVAL)

Por Jesusa Nijón

(Continua de outra)

I

Era uma manhã madrileña, de céu muito claro e muito azul. Alguns mascarados impacientes fizeram vibrar no ar os primeiros gritos da sua loucura carnavalesca. Manhã de domingo de carnaval, muito fria, muito brilhante, com as avenidas solitárias, com as árvores desfolhadas, onde, de longe em longe, enroscadas na ramaria, balouçavam, fluctuando, as serpentina.

Julio Altamira ouviu aquelles primeiros gritos estridentes, os mesmos gritos de todos os annos, que lhe pareciam, não de homens, não de loucos, mas de necios. Apesar disso, não procurou fugir-lhes; antes, poz-se a ouvi-los, divertindo-se. Estava a vestir-se na penumbra da alcova, e vendo-se tão pallido, pensou, por certo, no typo de pierrot. Tinha sonhado aquella noite. Sonhos mãos. Se sempre sonhasse assim, ficaria louco. Mas, quem cria em sonhos? Elle! Elle era romantico, nervoso. Como todos os artistas, sentia, a cada passo, seu coração agitado das mais descontentadas emoções. Em toda a sua vida só duas coisas o tinham tocado, a dor e a belleza; e os seus nervos vibravam como cordas de um violino pelas quacs roçasse uma mão desvaída. Podia ser feliz. Outro, em seu lugar, o seria. As preferencias na sociedade madrileña eram suas; altas damas da corte o applaudiam e o animavam; no Circulo das Bellas Artes, no Casino, era como um menino a quem se perdoam os caprichos, mercê do genio que se adivinhava em sua fronte, hoje pallida como a de pierrot.

Os gritos, na clara manhã, chamaram-n'o á realidade, ou, melhor, á mentira, ás travessuras daquellas horas de desvario. Tomou uma resolução e poz-se a escrever duas cartas. Eis o texto da primeira: «Maria Luiza, minha amada: Como todos os annos, vou passar alguns dias na aldeia. Tenho saudade do silencio e da quietude do meu rincão castelhano, sob o escudo velhissimo do meu solar. Rogo-te que por minha causa não te privas das diversões (Innocentes já se vê) do carnaval. Não terei ciumes. Teu, até á eternidade. Julio.»

Sorriu, pensou, acaso, que estava urdindo uma má aventura. E resolveu urdi-la. Escreveu então esta outra carta: «Amigo Carlos: Podes vir buscar-me ás duas horas. Por fim, cedo. Resolvi ir com vocês á Castelhana. Não farei papel feio, indo de pierrot. Julio.»

D'ahi á pouco, um menino levava as duas cartas. E o curioso romantico começou a estudar, deante do espelho, o seu disfarce. Enfiou a cara, avivou a carvão o arco das sobranceiras, e com o carmin poz-se a tingir a bocca, com uma convicção muito séria.

Pontunes, ás duas, os amigos de Altamira invadiram o seu atelier. A turba, ao entrar, grulhante e ruidosa, trouxe um tumulto á paz do seu ambiente. Julio viu-se rodeado dos amigos, que o abraçavam, o apertavam, lhe corriam em torno, dizendo com voz de falsete: «Você me conhece?»

Aquella alegria desusada atordoou-o um pouco.

— Esperem, fiquem quietos. Que horror!

O grupo apaziguou-se um momento e deixou-o livre. Mas a alegria é contagiosa. Elle também sentiu pruridos de comparticipar della.

II

A face enfadada destacava na carapuça de tulle negro, e elle parecia mais alto dentro do seu antigo traje de setim branco. Nunca as roupas de pierrot vestiram um typo tão airoso e romantico. A instancias suas, os seus camaradas tiraram a mascara, sem o que não poderia reconhecer-os. Como sempre, os «travestis» muito escolhidos são sempre os mais inadequados áquelles que os escolhem.

Um delles vestia um traje extravagante, exotico, pintalgado de cores brillantes, e tinha os braços tatuados: — Que phantasia é esta? — De selvagem.

— Selvagem de onde?
— Não sei... mas, não parece selvagem?
— Julio riu-se.



Não teudo omar. Chamam-me pierrot.

E pierrot encostou-se a um arvore, para não cair

diversões
ciumes.

Um tal Ortigosa, pouco trocista, typo de homem sério, incapaz de fazer rir a ninguém, envargara umas calças incríveis e um jaleco curto de campezon. O estudante de philosophia e letras, Jacintho Dias, do qual não se conhecia uma só aventura e ruborizava-se todo na presença de senhoras, vestia o traje tradicional de D. João Tenório. Escobar, republicano, socialista, atêo, cheio de idéas exaltadas, occultava-se nas roupas severas de Philippe II; e Bermudes, que era forte, athletico, quasi grosseiro, dissimulava os seus musculos sob as sedas levisimas de Luiz XV.

— E Carlos? perguntou Julio.

Carlos excusara-se á ultima hora. Parece—explícaram—que estava envolvido numa pequena aventura de carnaval. Julio sentiu uma vaga inquietação e pediu-lhes que não dissessem a ninguém que elle estava em Madrid. Precisava esconder-se. Era uma travessura que tinha urdido para divertir-se.

— Depois contarei a vocês a coisa.

Collou a mascara ao rosto, e o ruído do grupo, d'ahi a pouco, perdia-se no turbilhão de mascaras e de povo que se acotovelava na calçada da Castellhana. A immensa avenida rumorejava de vozes, gritos, exclamações e cortenadas estridentes. De sacada a sacada tinha rompido as batalhas das serpentinas. Lentas, bamboleando os seus gigantescos bonecos de papelão, os "carros" passavam, cheios de pessoas que gritavam em todos os tons. A policia, montada, assistia ao desfile, impassivel.

Julio e seus companheiros, abrindo espaço com os cotovelos, a avançavam a custo.

D. João Tenório ariscou-se a dizer uma audacia a uma chapeleirinha vestida de bebé. Luiz XV teve umas mesmas pãlancias para uma modesta rapariguinha da plebe. A tarde ía linda. As arvores, sem folhas, estavam toucadas de serpentinas. As casas brilhavam, illuminadas de sol. As pessoas distinctas refugiavam-se no passeio. Pelo meio da rua passavam, morosamente, os carros, os autos abertos, muitos delles ornados de flores. Dentre as flores surgiam formosas damas, que se divertiam, a tirando serpentinas e confetti. O povo gritava, ria, desvaíra. Um auto passou. Julio separou-se dos seus companheiros.

— Vou alcançar aquelle auto. Depois nos reuniremos no baile do Manrique.

O pierrot saltou do passeio, numa carreira, e alcançou o automovel que procurava. As moças, que o occupavam, iam jogando serpentinas para as sacadas. Julio saltou para a capota do auto, acomodou-se ahi, por traz de uma moça que ia vestida com uma "toilette" do seculo passado. A sala de seda amarella desenhava-lhe os contornos, que eram de uma purissima suavidade. As dobras da mantilha occultavam-lhe os braços, que eram redondos e brancos, fazendo, entretanto, entrever, sob a transparência, a carnção magnifica do collo larto.

Julio, artista apaixonado e de emoções facéis, ficou um instante a contemplar-a, silencioso. Ella permaneceu indifferente, sabendo-se admirada. Como não a conhecia, recebeu-lhe a homenagem, poi complacem-

cia. De pé no estribo, um arlequin, demasiado galante, demasiado audaz—segundo pensou pierrot—lavava com ella. Os olhos da mascara de pierrot dardejaram sobre os olhos indifferentes de arlequin olhares colericos.

III

O auto caminhava devagar. Julio inclinou-se para a dama do seculo passado, e mudando de voz, de uma maneira de que nunca se julgava capaz, falou:

— Tu me conheces, Maria Luiz? Não? Por certo que não, porque não sabes quem eu sou. Pois eu sei quem és. Sei até que teu noivo...

— Mas eu não tenho noivo!

Pierrot sentiu-se desconcertado. Depois de uma pausa:

— E Julio Altamira, o pintor? Sei que elle te ama. Sei que elle tirou o teu retrato com esta roupa do seculo passado. Esta

"toilette" é obra delle. Os pintores tiveram inveja delle, não tanto pelo seu trabalho, mas pelo formoso modelo, que és tu, Maria Luiz. Eu sei que elle é teu noivo. Eu sei... Não te rias. Porque o occultas?

— Não creias que o occulto, pierrot. Somos um pouco novos. Elle diverte-me, porque é romantico, artista, sabe dizer bellas coisas.

— Se elle te ouvisse, Maria Luiz, seria capaz de morrer.

Riu de novo, com seu riso de faceira.

— Pobre Julio! sei que elle me quer muito.

Julio viu que, sob a transparência do manton, o seu collo arfava num suspiro. Ella disfarçou, olhando os arabescos do leque. Elle, então, perguntou, esquecendo o disfarce da voz:

— E tu não lhe queeres?

Ella estremeceu:

— Jesus! esta é a sua voz!

Pierrot riu-se e retomou o disfarce.

— Imitei Altamira para assustar-te. Fiz bem? Elle é um tonto em se ir para a aldeia, deixando-te aqui, tão cercada de tentações. Verdade é que tu devias ser mais prudente.

— Que devia eu fazer?

— Ficar em casa.

— Pierrot, tu estás louco. Todos os pierrots são lunaticos. Elle mesmo me disse que eu podia divertir-me.

— E' porque é tonto, repito. Uma mulher como tu não deve querer a um homem como esse. E' um homem que vive de chimeras. Quem sabe se elle não ama menos a ti que aos seus proprios sonhos?

— Não fales mal delle, pierrot. Que sabes tu do que se passa em nossos corações?

— Mas tu não tens coração.

Naquelle momento o auto passava deante da tribuna do Circulo de Bellas Artes. Os artistas, que a occupavam, agruparam-se em torno do automovel que se detivera um pouco.

— Viva a musa de Goya!

— Bemdita seja a bella madrilena!



— De solenitas.
— Solenitas de noite?

LIMA CAÇADA DE CROCODILOS NO PARÁ



Caçada de crocodilos

Em algumas províncias do antigo Egypto, o crocodilo era um animal sagrado e venerado como um deus, não só dentro dos templos, onde, provavelmente, lhe erigiam altares, como nos rios e paues. O centro desse culto estava na cidade de Arsinoe, que, por esse motivo, foi pelos gregos cognominada Crocodilópolis. Mas nem todo o Egypto aceitava o culto desse estúpido e feroz saúrio. Em muitos districtos, os indigenas lhe davam caça e o perseguiram. Não lhe davam credito aos poderes sobrenaturaes e temiam-lhe os dentes. Os egypcios civilizados, habitantes dos centros religiosos, consideravam barbaros os primeiros e bem avisados, os segundos. E' uma questão de ponto de vista. No interesse de explicar esta diversidade de indole entre os habitantes do velho Egypto, alguns egypcios opinam que existiam duas especies distinctas: a dos maos e a dos bons. Estes eram venerados e aquelles perseguidos; estes, dotados de origem divina, aquelles, dotados de espirito maligno.

E' esta uma opinião destituída de valor, porque a verdade é que no Nilo havia, como ainda ha hoje, cinco variedades desse horrendo saúrio.

Com as primeiras enchentes do rio, appareciam muitos desses bichos, conhecidos na antiguidade pelo nome de «skak». Esta appareição era considerada de bom agouro, porque — suppunham os egypcios — o animal arrastava consigo a enchente. Mas a verdade está exactamente no opposto. A enchente, que arrastava os cardumes de crocodilo, invadia as terras, encharcava-as e enriquecia-as, annunciando aos lavradores a epoca das sementeiras do arroz ou do trigo.

Seja como for, a verdade é que esse bicho, nas margens do Nilo como nas margens do Ganges onde é amado como um deus familiar sob o nome de «devota», obteve uma veneração de que nunca foi digno. Em vida, era elle arreado Je jolas, e morto, era embalsamado nos templos para inspirar orações aos fiéis.

Passaram alguns mil annos. Hoje, o feisissimo reptil é um idolo caído. Ninguém mais lhe ergue templos; e se alguém ergue para elle alguma coisa, é o pão, para lhe quebrar a cabeça. Nem o bruto merece outra coisa, porque é de uma estúpida ferocidade.

Os negros da Africa caçam-n'o para comel-o ou para perfumar-se, porque o crocodilo tem uma carne tenra e deliciosa e possui glandulas que segregam uma especie de almiscar. Tem tambem algumas virtudes medicinas. Entre os seus meritos apontam-se ainda mais dois: os seus dentes servem para fabricar adornos e a sua pelle é excellente para o fabrico de sandalias.

Mas não é só na Africá que o crocodilo tem utilidade. O proprio homem branco preza-o muito quando elle se apre-

senta em fórma de valise para viagem ou de carteira para dinheiro. Além disso, o bicho forneceu ao europeu um symbolo: o da hypocrisia assassina. «Lágrimas de crocodilos», diz o povo, como a significar lagrimas falsas. Uma antiquissima tradição diz que elle chora antes de devorar o homem, como se fosse forçado a cumprir um doloroso dever. A tradição não diz se elle chora quando se dispõe a devorar qualquer outro animal. E' provavel que chore. No fundo, o mesmo hypocrita.

O crocodilo é valente e agil dentro da agua, mas covarde e pesado em terra.

O homem teme-o e odeia-o. Ha, entretanto, um passaro que o estima. E' um passaro pequenino, de bico longo. A' hora da sêta, á flor d'agua, o crocodilo dorme de bocca aberta. No intersticio das seus dentes ficam sempre algumas fibras da carne que comeu. Isso deve incommodal-o. Elle, então, permite que o passarinho se lhe introduza na bocca para se alimentar com os detritos que ficaram entre os dentes. E' um passarinho que faz as vezes de um palito. O crocodilo, nessa hora, para não o espantar, mantem-se quieto, fingindo que dorme.

Entre nós ha uma pequena variedade chamada jacaré, que abunda nos rios do nosso immenso sertão. Ha uma especie maior, quasi do tamanho do crocodilo do Nilo, que, no Amazonas e Pará, tem o nome de caiman. No Estado do Pará dão constantemente caça aos caimans, colheindo, não raro, os caçadores, mil ou mais exemplares.

O sr. Roosevelt, naquella celebre excursão em que, segundo disse, descobriu o rio da Duvida, fez, com o seu terrivel rifle de cowboy, muitas victimas entre estes bichos.

A nossa gravura representa uma bella caçada, realisada, não ha muito, no Pará.

A PRIMEIRA CIGARRA A ALTAIR G. MIRANDA

Naquelle pinheiral antigo da fazenda,
Em que o sol, a estalar, quebra a eolia mudez,
Uma cigarra azul, de azas brancas de renda,
Estrídula chilreou pela primeira vez.

No galho mais rasteiro e de folhas agudas
Pude vê-la de perto... Encarnado, o sol-potso
Fulgia no occidente, e pelas coisas mudas
Retratava-se todo o primeiro de agosto.

E entre a ramagem verde, a cigarra divina,
R maldizer o sol que lhe negava o dia,
Louca, por ter na voz sonôra cavatina,
Cantava a toda força, e saltava, e estrugiu...

Via-a de perto, quêdo, extasiado e mudo,
Quando n'ancia loquaz de cantar, a cigarra
Crava em aguda folha o peito de velludo,
E exanime prosegue a musica bizarra...

E da tarde de agosto aos derradeiros rastros
Inda sôa pelo ar estrídula fanfarra...
E a noite nasce em flôr pulverizada de astros
R's ultimas canções da primeira cigarra!

ASTROGILDO CESAR DE OLIVEIRA

Bolucatu — 21-1-918

TOLUOL - ■■■■■■■■ Tosses, Bronchites, asthma, molestias do peito e garganta. ■■■■■■■■
■■■■ Venda em todas as boas Drogarias e Pharmacias. ■■■■

CONSUÉLO

CHAMAVA-SE, chamavam-lhe Consuélo, Consuélo?!... Se o era, realmente, não sei.

Mas o que se dizia, o que se afirmava entre o fru-fru das sedas nos vastos salões dourados, nos recantos dos camarotes, por entre o ruído das fondas e o bulleio e a animação das tertulias e dos cafés, era que nunca, pelas compridas ruas de Madrid, alegres, buliçosas e concorridas, tinha passado mulher mais linda!

D'onde veio? perguntava-se. Quem era? A que família pertencia? Quantas primaveras lhe tinham se-

gredado, em confiança discreta, que a beleza passa, como a juventude, deixando após si uma viva e pungente saudade, saudade que nasce, cresce, alastra, como uma nodosa, como qualquer mancha, e quanto mais anda mais se enraíza e estende, até que já mais acaba, ignora-se!

Era de Málaga? de Alicante? de Cordova?!

Tinha nascido em Sevilha, embaçada pelos

sons plangentes da Giralda? em Granada, nas margens esmaltadas do Genil? ou n'esse jardim da Hespanha que foi em tempos distantes o eden dos arabes, como é ainda hoje o dos pintores e dos poetas. e a que os hespanhoes chamam Terra de Jesus, a dois passos do Paraizo?!

Ninguém o sabia ao certo.

Diziam-n'a oriunda do norte, que tinha família na Corunha; o pae em Cuba e o irmão fazendo serviço n'um regimento da provincia.

Mas isso pouco importa e para o que se pretende contar, menos importa ainda.

Triste capitulo d'uma pequenina historia d'amores — amores volúveis, amores inúteis, amores perdidos! — que fugiram com essa rapidez da agua junta dos açudes e tão breves, tão breves, como um al que se arrancou d'alma e ao chegar aos labios, nos labios se extinguiu, morreu!

Foi ella propria quem a contou, e hoje é a indacção d'um amigo seu que me permite transcreeval-a aqui.

Nada altero, nem uma syllaba acrescento e a differença consiste unicamente no idioma em que primeiro foi narada para aquelle em que a deixo tristemente correr mundo.

O d'ella um castelhanó familiar, e triste, cantante e ritmado, como as deliciosas canções da guzia de Boabdil, acariaciador e suave, com modulações e requebros, entrecortado de suspiros, os ais pondo virgulas de quando em quando, as recordações deixando pontos finas de longe em longe, as lagrimas formando periodos novos aqui e além.

Este, um portuguez delicado mas corrente, sem pretensões nem atavios, e tão simples, tão singelo, como o coração d'essa mulher que muito amou e para sempre se perdeu!

Eis o que, entre outras coisas a seu respeito, alguém um dia me contou.

Consuélo falava, de vez em quando sustinha-se, apertava convulsivamente as mãos de neve e fitando então o horizonte no largo por entre os delicados vitraes da juella geminada, suspirava, como se aquelle triste poente cór de sangue que além via, fosse feito de lagrimas de saudades, das lagrimas que chorava e das saudades que sentia, por essa felicidade que para sempre lhe fugira, ou representasse ainda para ella a ima-



No praia, quadra de Glimmer

gem da Ventura quasi a extinguir-se no triste aniquilamento d'aquelle dia prestes a morrer, ou na melancolica pallidez do longinquo horizonte, por entre o qual as avesitas se conservavam poisadas nos fios telegraphicos, como notas d'uma musica etherea, celestial, divina, que se concebe, que facilmente se imagina, em que se pensa e cre, embora não se veja, não se sinta e oia!

Falava, e

eu, attento, muito attento a escutal-a! Meus olhos seguin-lo com piedade, o seu profundo olhar; em meus ouvidos repercutin-to-se as suas palavras, como nas aspiras das conchas o mysterioso cicio do mar; meu coração adivinhando o que o pranto d'ella supprimia; a minha alma vindo na sua alma, como em largo e proceloso oceano, a saudade e o sentimento a marulharem!...

Fallava! De vez em quando sustinha-se e quando, por fim, conseguiu reunir da sua vida passada todas as recordações que, como as ondas, iam e vinham, a cercavam e lhe fugiam, levantou brandamente uma camelia que do fino *manton* se despregara e ao mesmo tempo que lhe arrancava distrahlida as petalas, uma a uma, serenamente a dizendo isto que só eu lhe ouvia:

«Uma noite, n'um espectáculo a que fôra assistir, notei que certo rapaz de figura insinuante e excellentes aspecto me fazia uma cõrte assídua, seguindo-me até casa no final da representação. Depois, a sua presença nas immedições do sitio em que habitavamos era constante desde pela manhã até á noite. Escreveu-me. Contava-me a sua paixão, narrava-me o seu sofrimento e dizia que não podia viver sem mim. Respondi-lhe. Amei-o. Porém, como meu pae se oppozesse a esses amores, porque desejava casar-me com um parente rico, ainda que muito mais velho do que eu, fugi-lhe! E na fuga fui cair nos braços do meu pretendido amante, percorrendo com elle a França e uma grande parte da Italia. Regressei, ao fim de muitos mezes; porém, um dia, ao despertar, vi-me abandonada. O meu seductor tinha desaparecido, deixando-me traçadas sobre um misero papel estas palavras: *Ganhei a aposta. Adeus.*

Na ante-sala da morte



No jardim do asylo. Ha dois eucalyptos gigantes, perfilados como duas sentinellas. No tronco d'onde desprenderam algumas espiraes de cortiça, ha manchas roxas. Nos macissos de arvores pendem festões e alem, da terra negra surgem hastes de roseiras, sem flor, e vergontes verdes onde as dhalias são pequenos capuzes ainda. Mais longe a horta. O arto é quasi chão e no circulo que limita o horizonte erguem-se montanhas recobertas de ligeiros gazes violaceos. O edificio projecta a sua sombra pelo jardim. Ha apenas um banco musgoso donde chegam ainda raios amarellecidos do sol que morre; e, a pouco e pouco, a sombra vae conquistando tambem esse dominio.

Um rumor surdo enche a tarde — o rumor da cidade longinqua que repercutem os montes d'alem. A's vezes um passaro voltaia pelo jardim e negros urubús passam no espaço, como se lhes faltasse o ar na quietude outonal da tarde e fossem a cair. As trepadeiras enredaram-se pelas janellas, como teias de esmeraldas. Do jardim avista-se a capella, com o seu telhado conico e a sua cruz de ferro, onde, nas noites de tempestade reclina o catavento. Vê-se tambem uma porta aberta sobre o negrume de um corredor. No apagado tom do jardim, as toucas de uma freira que resa pelo seu livro debaixo de uma mangueira, semelham azas de gaivota que tivesse caído do azul.

Os velhos estão aqui e além, aos grupos, mas cada um parece estar só; ellas, envoltas em mantos escuros, elles em capas de tons pardos. Alguns sentam-se no chão e contemplam os grãos de areia das aleias, tão fixamente, tão demoradamente como se quizessem contá-las. Um velho, secco e meudo, atacado de um mal raro, move constantemente a cabeça retorcida como se o pescoço fosse uma cabeça retorcida e alguém houvesse tropeçado nella.

No banco alumiado de sol ha quatro asylados: Maria, obesa e molle, com mollezas de sapo; Benedicta, diminuta, encarquilhada, cor de marfim, estirados para traz os cabellos raios, quasi azues, a unir-se numa nudez miserriima; Marcos, forte ainda, de rosto moreno, quasi negro, com picadelas fundas de hexigas, nariz recurvo, salientes as maçans do rosto, mostrando, por debaixo da camisa de baeta, excrescencias tuberosas de lepra no peito; do outro lado, o Louco, quieto, basbaque, sorridente, com um estranho e eterno sorriso que lhe contrae, num ricto macabro, a metade da cara bolachuda. Desde que chegaram ao jardim acomodaram-se os quatro naquelle banco, a gosar o sol; agora, lentamente, a sombra vae trepando, pelas pernas fora; já uma das folhas lanceoladas de um arbusto fronteiro cahira na cara do idiota immovel, como se fossem vermes a moldar-lhe as carnes bellas.

Maria — Perdeu-se a chave do jardim, do pequeno portão do jardim.

Benedicta — *(falando sem se mover, com as mãos flaccidas cruzadas sobre o ventre ainda mais flaccido, sem erguer os olhos tristes do chão.)* Perdeu-se?

Maria — Perdeu-se. A irman Agostinha perguntou-me por ella. Não a vi.

Benedicta — Nem eu. Faz-se um silencio, durante o qual a sombra sobe até ás coxas dos velhos.

Benedicta — Uma vez perdeu-se tambem a chave da egreja de S. Clemente. Soube-se depois que a haviam levado os ladrões para roubar.

Maria — Foi em S. Clemente da Fonte Nova?

Benedicta — Foi. Eu pedia esmola no pateo e vi os ladrões.

Maria — Eu tambem estive alli uma vez pela festa. Ha muita caridade em S. Clemente do Fonte Nova.

Maria — Sim. Louvado seja Deus! Os senhores do Poço Fundo foram que me trouxeram para este asylo. Assim Deus os tenha na sua gloria!

Pela avenida do jardim vem uma ancã, num penoso arrastar de pés; tem os cabellos alvissimos e os labios encolhidos que se não fecham nunca, bordejam o sulco negro da bocca sem dentes. Na mão traz uma almofada vermelha. Ha certo apuro no traje dessa asylada, certo grau de distincção. Passa. Afasta-se e vae sentar-se no banco que está abaixo da mangueira, ao fundo da avenida. Os seus passos rastejantes deixaram pégadas escuras na areia do chão.

Maria — Já saiu d. Antonia. Manuel, já saiu d. Antonia.

Marcos — (Torvo e secco.) Já a vejo.

Maria — Noutros tempos vi que olhavas para ella de modo diverso. Então ella era tão pobre como nós.

Benedicta — E d. Antonia é rica?

Maria — Tem duas casas em S. Bento. Mas puderia ter meia cidade. Os parentes do marido roubaram-lhe a herança. Mui poderoso senhor era o marido!... Casou-se com ella por amor: era a moça mais guapa daquelles logares. Houve rapazes que deram por ella uma sorte!... Mas foi o fazendeiro ricoço que lhes levou a palma. Lembras-te, Manuel?

Marcos — (olhando, sobre a curva do cajado, a mão direita carcomida de lepra.) Lembro; lembro-me, mulher.

Maria — Muito doudo foste tu tambem por ella, Manuel!... O sangue das tuas veias da-lo-hias então para a ver sorrir e darias tambem a tua chacara inteirinha. Lembras-te?

Alheio talvez á evocação, Manuel não responde; despegou dos labios a ponta do cigarro, amarelento e defeito, humida de saliva suja e sacudiu machinalmente a cinza. O sol foi baixando. Agora só aos rostos dos velhos chega a luz amarelenta, fria, triste. Ao longe ha umas nuvens brancas que espera a que o disco rutilante lhes chegue perto para envolver-lo e guarda-lo como um estojo algodoadado em rubi escarlate. Então incendiaram-se de vermelho essas nuvens e as faldas das montanhas tornaram-se mais escuras e na planicie

socegada correu um sopro mysterioso, roçando as folhas. Os pios das aves tornaram-se mais raros. Uma rá começou a coaxar num charco. Um passaro vouou de um dos eucalyptos, além, perto da cerca do jardim e Manuel seguiu-o com o olhar insistente. Disse Maria com a sua voz de inflexões eguaes:

Maria — Quanto deixaram a d. Antonia os irmãos do marido, tudo ella legou a esta casa. Paga o seu quarto, porisso tem mais cuidados. Vês essa almofada que a não larga? Dentro está cheio de notas, o que salvou a cobra dos parentes.

Benedicta — cheia de notas?

Maria — Palavra que si m. Quando dorme, collica a almofada debaixo do travesseiro, com receio de perdela.

Benedicta — (Sem a voz de si, afflicta.) Dormir!... Eu não posso dormir!... Já não posso dormir nunca!...

Maria — D. Antonia diz que quer morrer aqui.

Benedicta — (Sem a ouvir, mais vergada ainda pela sua angustia.) Passo as noites a resar, sem poder dormir. Nem o medico me pode fazer dormir!...

Marcos — (contemplando os montes longínquos, onde os cumes são já uma neblina brata.) Eu não que-

ria morrer aqui. Não tendes medo que a morte vos colha dentro destas quatro paredes?... Deviam deixarmos caminhar por esse mundo. Eu queria voltar a Fonte nova. Sei de muitos ranços, pelo caminho, que seriam para mim muito melhor cama do que aquella que hoje me dão. Dantes era melhor...

Benedicta — As freiras são boas...

Marcos — As freiras são boas. Mas o que fazemos aqui é esperar a morte. Agora eu penso sempre na morte.

Benedicta — Se todos somos seus filhos...

Maria — Tu algum dia ainda és capaz de fugir d'aqui como fez o Roxo, faz um anno pelo S. João.

Marcos — (carrancudo) Não; eu não fugirei nunca. Nunca pensei em fugir.

Do jardim agora, totalmente envolto em sombras, sobe ao ceu, luminoso ainda, uma melancolia suave. As folhas de eucalyptos tremem, á saudação da brisa, como



O VELHO PESCADOR

PARA A REVISTA FEMININA

A alvorada da praia resplandecia, afagada por um meigo luar de prata, quando, pela primeira vez, eu avistei o velho Ignacio, o antigo pescador, sempre carinhoso e sempre bom, com os seus cabelos brancos, como as espumas da vaga, que soluçava tristemente a seus pés.

Luzia em seu olhar, sereno e penetrante, uma luz suave e meiga, que mostrava ao mundo indifferente a bondade de sua alma — dessa alma forte, que soubera envelhecer conservando-se pura, como a alma de uma criança.

Já não partia o pobre velho pelos mares a fóra em busca de pesca; o tropeço de seu andar e o tremulo de suas mãos, finas e descartadas, já não lh'o permitiam; mas, á tarde,

quando os pescadores, aventureiros e corajosos, afastavam docemente da praia os leves barquinhos, — da porta da cabana elle os olhava, e nesses olhos, que para o mar se dirigiam, uma lagrima tremula brilhava — era uma lagrima de saudade, dessa saudade infundada das cousas que não voltam...

Morava com elle, e acompanhava-o sempre, uma netinha — uma criança loira e linda, que, com os seus grandes olhos sonhadores ouvia com delicia contar-lhe, á noite, o avôzinho as aventuras, os segredos e os mysterios do mar, que elle sempre adorara e a cujos pés fizera a sua cabana, para que nunca deixasse ouvir os seus gemidos, para que nunca deixasse de ver as suas ondas, ora brilhantes, banhadas de sol, e ora pallidas, beijadas pela lua.

Muito cedo, sabiam os dois, juntinhos, a ver a chegada dos pescadores, e o bom Ignacio pedia aos que chegavam lhe contassem a viagem, lhe dissessem tudo como se passára, pois não se saciava nunca de ouvir novas historias do seu grande amigo, o mar.

Uma tarde, porém, uma desgraça enorme veio ferir o coração do pobre velho: as ondas, num roldão, levaram-lhe a linda netinha, sem

ao menos devolverem á praia o seu corpinho frio, para que elle o pudesse cobrir de lagrimas e flores; rotavam, assim, a quem as adorára tanto, tudo o que podia deliciar os seus ultimos dias de existencia, num arruobo da ingratição e de maldade!

O pobre pescador, de joelhos, a chorar, implorou a bondade das vagas, pediu-lhes, rogando de lagrimas a praia, não fossem tão más, não lhe dilacerassem assim o coração. Ellas, porém, indifferentes e frias, continuaram a rolar, a rolar, escondendo, com usura, em seu seio, aquelle anjinho, que barbaramente haviam arrebatado e que, em sua vida, não fizera mais do que as amar.

E então dos labios tremulos do velho, de onde, até aquelle dia, só haviam partido bençãos para o mar, sahiu a primeira imprecação, e um forte grito de desespero e de colera dominou o mar e o lhar tristonho das ondas perfidas e assassinas e acou por toda a praia, como uma queixa



que devesse chegar até ao céos.

Desde esse dia ninguem mais viu na praia o velho pescador.

Fugindo ao mar tyranno e sem piedade, elle partira para longe, para muito longe, não mais querendo ver as ondas falsas, que elle amara tanto e que, em paga, lhe haviam arrancado a alma e o coração!

E é por isso que hoje, á tarde, quando os pescadores partem, já não ha um velhinho, de cabelos brancos, que, sentado á porta de uma cabana, acariciando uma cabeçita loira, lhes envie um olhar sereno em que brilhe uma lagrima de saudade...

NOEMY

O casamento entre as diversas raças

— Costumes, ritos e tradições —



Balibidos marroquinos por ocasião de um casamento no Têto.

O ceremonial das bodas difere bastante entre os diversos povos muhometana permite até quatro esposas legítimas com os mesmos direitos conjugaes; mas, como nem todos os filhos de Islam estão em desafogada situação economica que possam manter quatro mulheres, a maioria se contenta com uma só.

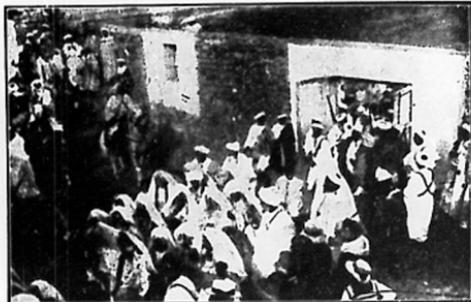
Abdul-Amid, o horrendo sultão deposto pelos jovens turcos chegou a dispôr de duzentas esposas. O serralho onde ellas residiam era um vasto palacio, servido por mais de quinhentos eunuchos, que as guardavam, armados de alfanges. Um dia, Abdul-Amid embarcou as suas duzentas huris e mandou afogalas no Bosphoro. Pereceram todas. O sultão, para justificar o seu crime, pretextou que ellas conspiravam contra a segurança do throno. Pôde ser isto verdade. Mas não é impossivel que elle as afogasse, pelo tedio que lhe causavam tantas mulheres, e que, de mais a mais, tinham já perdido a antiga belleza.

Mas, voltemos ao assumpto que nos occupa. A religião de Mahomet prohibe o celibato. O Corão tem até este versiculo: "O matrimonio é um dos actos que pratiquei; o que não seguir o meu exemplo não será dos meus". De resto, o Corão ainda ordena: "Casae, ou fazei casar os que ainda não estão casados".

Mas o casamento, entre os mouros, é menos um sacramento religioso que um contracto civil.

O ceremonial limita-se a um contracto de venda, em que a mulher é o objecto vendido e o marido o comprador. Os mouros não conhecem, em geral, o delicioso periodo que antecede o casamento, esse periodo que, entre as raças christãs, se chama "noivado" e que é, decerto, o mais venturoso da vida. Os paes, entre si, concertam o casamento dos filhos, debatem as questões que se prendem ao facto, discutem, e, uma vez de accordo, vão avisar os seus filhos do casamento que lhes prepararam. Dessa fórma, não é raro que os jovens, que não se conhecem, se sintam embaraçados quando se vêm casados. Este costume que nós reprochamos aos mouros, costume detestavel porque não serve de garantia nem de base á felicidade domestica, nós, os brasileiros, o praticámos tambem num passado que não está muito remoto. Os nossos bisavós casavam-se assim.

A pobre moça teimava, em vão, externar a sua preferencia pelo gracioso transeunte, olhando-o atravez dos quadrangulos estreitos da sua janella de rótula. A essa preferencia antepunha-se a vontade dos paes, que lhe impunham o noivo. O noivado, nesse tempo, era inteiramente despido de encanto. Os noivos, quando se encontravam na mesma sala, nunca se approximavam nem se fallavam. Eram como



Os conceitados a entrar em casa do pai da noiva.



O unico ao sair do aposento onde passou a noite anterior ao dia do casamento

dois desconhecidos, ou, melhor, como dois adversários vigiados pelas suas famílias, e só podiam trocar as primeiras phrases intimas quando entravam para a alcova nupcial.

Os cabilas, quando se casam, não se juntam na primeira noite. Dormem em compartimentos separados e não podem vêr-se nem fallar-se. No dia seguinte, pela manhã, as mulheres convidadas, que, em sua maior parte, passaram a noite com a desposada para verificarem se ella é realmente virgem, a vão levar ao noivo, entre pompas e apparatus.

O ceremonial de casamento, nas capitães civilisadas dos povos christãos, é sempre o mesmo, quer seja realisado em Paris, Londres, Berlin, Barcelona ou Rio. Mas nas zonas afastadas dos grandes centros urbanos, esse ceremonial já offerece di-

versidades, que, por vezes, são pittorescas.

Na Noruega, a noiva, no dia da boda, coifase com uma corôa de rainha. Lá, as bodas só se realisam no inverno, que é a estação em que ficam suspensos os labores agricolas. O sacerdote, que faz o casamento, depois de um longo sermão em que fala dos deveres entre os conjuges e dos mil assumptos que se prendem ao acto, estende uma sacola para fazer, entre os parentes e convidados, uma collecta em dinheiro, que

nas da Floresta Negra, as moças casadoiras formam uma especie de côrte de honra, que, com a noiva á frente, se encaminham para a egreja, com os seus melhores trajés, e tocadas de uma volumosa braçada de flores, que serve de corôa e de parasol. Essa coifa de flôres é de absoluto rigor, e ninguem se animaria a apresentar-se no cortejo sem essa coifa monstrosuosa.

Na Inglaterra, o bolo da boda pertence ao ceremonial do casamento. Não é apenas uma guloseima, porque não se considera válido o casamento, por mais legal que tenha sido sob os seus aspectos civil e religioso, se a noiva não for a primeira a partir o bolo com a espada do noivo, se é militar, ou com uma faca, para o distribuir, em partes eguaes, entre os convidados. Só depois disso

é que os jovens estão realmente casados.

Entre os povos civilisados, nos centros urbanos, o noivado e o ceremonial de casamento obedecem a uma praxe uniforme, invariavel, e — porque não se dirá? — absolutamente destituída de raça. Os jovens, que já se elegeram mutuamente, atravez de longos mezes de flirt, de namoros e de intimidades de salão, em que se mutuaram livremente as suas ternuras, acertam, entre si, de se casarem. Os paes são con-



Moça hollandezana, com a veste nupcial.

vae constituir o dote dos recém-casados. Só depois disto é que começa o baile, que dura tres dias. Os convidados permanecem na aldeia durante esses dias, sendo que os mais prezados entre elles ficam hospedados na casa dos desposados.

As campesinas allemãs, para se casar, atavam-se de uma forma complicada e original. Nas aldeias visi-



Joven camponesa da Noruega, vestida á moda do seu país, na cabeça uma corôa de prata enzebolada, significando a elevação da mulher pelo casamento.



Bonzeila de Buechenburg em traje de noiva.



Boda campestre no calle de Gutach, na Alemanha.

sultados depois, para a obtenção do consentimento. Obtido este, faz-se entrega dos aneis, e, após a realisação das nupcias, que se resume num prosaico contracto civil ou no "conjugo vobis, vão os desposados fazer a sua lua de mel no estrangeiro ou numa estação de aguas. E' o que ha de mais chato e de menos poetico.

Na Índia ha uma tribu onde as mulheres são excessivamente feias e os homens notavelmente bellos.

Permitta-se-nos, neste ponto, um parenthesis. Nem todos sabem a razão por que a mulher é mais bella que o homem. A razão é por que o homem, tendo, na vida, mais sobrecarga de trabalho, de preocupações, de soffrimentos e de responsabilidades, vae-se tornando feio. Trata-se de uma herança ancestral de fealdade. Já se vê que ha muitos homens vadios, destituídos de belleza, assim como ha homens que, embora sobrecarregados de trabalho e de soffrimentos, são de uma belleza apollinea. Mas nós referimo-nos ao sexo, e não ao individuo. E tanto é verdade que o trabalho, atravez de gerações successivas, vae deformando o individuo, tornando-o desgracioso, accentuando-lhe as zigomas, asymetrisando-lhe as

linhas do rosto e tornando-lhe aspera a pelle, que, nas familias tradicionalmente ricas, os homens, em geral, são perfectos e possuem uma graça quasi feminina.

Schopenhauer, entretanto, acha que o homem é mais bonito que a mulher. Tem os contornos mais proporcionaes, e a saliência dos musculos dão um impressionador relevo á sua belleza. O philosopho pessimista accrescenta ainda que os dois traços principaes da fealdade da mulher são as pernas cur-



Noivos da Bretanha

tas e a largura excessiva da bacia.

Isto são opiniões, que, felizmente, não vingaram. E a humanidade, pela bocca dos poetas, continua a cantar louvores em torno dos encantos femininos...

Mas, fechemos este parenthesis, que já vae longo, e voltamos á tribu indiana. Nessa tribu, os homens são absolutamente ociosos. Elles ficam no lar, inuteis, deitados pelo chão ou cantando "berceuses", á beira dos berçinhos, para embalar os filhos. As mulheres é que vão para o povoado labutar a sua vida exercer o seu pequeno commercio com os estrangeiros, ou, então, vão para as suas lavouras, armadas de ferramentas, para lavar a gleba ingrata. Nessas condições, não é para admirar que ellas, com as suas mãos callosas, com a pelle queimada pelo sol dos juncas, magra e cheia de musculos, não tenham muitos encantos physicos nem graças feminis para tentar os homens.



Um casamento na Rumania. A noiva transportada á espreita num pittoresco carro de bois.

São ellas, pois, que fazem o pedido de casamento. São ellas que passam, quando vão para o seu trabalho rude, pela casa do eleito do seu coração; são ellas que iniciam a corte, que praticam, enfim, todos esses actos que, nas outras raças, são privativos do homem. São ellas que, obtido o consentimento do seu eleito e dos futuros sogros, entram a fazer promessas de felicidade e de dedicação ao trabalho para a prosperidade do seu lar. Ao eleito não incumbe outro dever senão aceitar essas promessas, do clics baixos, e sul metter-se



Um casamento typico na India.



Couture para de noivos da Brestanha

mão mais demorado, um gesto mais significativo são coisas que, por julgar impraticáveis e acima das suas forças, nunca lhe passaram pela ideia. A mulher, essa, mesmo depois de tornar-se esposa, nunca se anima a exprimir ao seu companheiro o affecto que a perturba e a faz feliz.

Entretanto, esse affecto, que une os esposos sertanejos, esse affecto, que elles mutuam a toda hora e não se confessam nunca, é o mais puro, é o mais intenso, é o mais verdadeiro de todos.

Fique, pois, estabelecida mais esta differença que ha entre o sertanejo e o homem civilisado:

este externa, por palavras, um amor que muitas vezes não sente; aquelle não confessa, nem pelo gesto, a paixão a que se escravizou.

Não supponham as leitoras que estamos tratando este assumpto com propositos de exaggerar, afim de lhe dar um interesse anecdótico. Não. Nem todos os nossos sertanejos, por certo, serão tão tímidos e tão reservados em questões de affecto. Mas a ver-

com o mais adoravel dos enlevoes, desejos e vontades da sua noiva.

Quando ao ceremonial, que preside a esse casamento, é o mesmo que usa a população bengali e a maior parte das raças da religião budhista.

Entre os caipiras do nosso sertão, o noivado, parece, deve constituir uma tortura. O rapaz e a rapariga são igualmente tímidos. Se elle é animado de uma excepcional coragem, o mais que consegue fazer para significar a sua afeição, é olhar para a sua noiva e sorrir.

Um encontro furtivo, uma aperto de

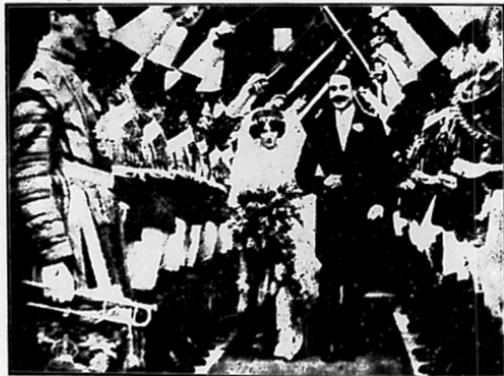


Preparando a banca da noiva. Costumes das habitantes da Floresta Nyot.

dade é que esses, que se mostram corajosos, são typos de excepção. Do resto, a indole dessa gente vaese transformando dia a dia, em contacto com os viajantes que constantemente estão demandando o sertão.

Os noivos caipiras vêm celebrar o casamento no povoado. Do sitio, em que moram, partem para o povoado, acompanhados dos parentes e amigos. Vêm a pé ou em carros de boi. O noivo, como unico enfeite, põe ao pescoço um lenço novo, de ramagens vermelhas. A sua "toilette" é o que ha de mais primitivo: calça e jaleco de algodão riscado, camisa de malha com desenhos vivos, chapéu de palha de bambú e pés nus. Ella, descalça tambem, traz o seu vestidinho vermelho ou verde, muito tufado de saias engomadas, e um véo de filó. Algumas, por garridice, levam, em torno da fronte, uma corôa de flores do campo.

Na igreja do povoado, [deante do crucifixo tosco, recebem a bençã



Casamento de um official inglez em Londres. Os soldados do seu regimento fazem a abalada de aço, cruzando as espadas.



Um casamento intancístico em Paris: Os noivos, montados em burros, dão um passeio pelos meandros de Paris.

e enfiam no dedo as "memórias", isto é, os anéis. Estão casados. De volta para o sítio, tratam de festejar as bodas com danças e musicatas.

Mas, o mais interessante dos casamentos é o de uma certa tribo indígena do Brasil central.

Em geral, segundo afirmam quasi todos os sertanistas, que se têm arriscado, mata a dentro, para observar de perto a vida dos nossos selvícolas, elles não se casam, ou, melhor, não fazem anteceder a sua união de nenhum ceremonial ou rito religioso.

O selvícola, na intimidade da sua taba, escolhe para companheira a mulher da tribo que mais lhe agrada, e une-se a ella, desde que os paes della se não oppoñham á união ou desde que — o que é ainda mais sério — algum selvagem mais forte não lh'a venha disputar, de tacape em punho.

Os homens valorosos da tribo é que têm liberdade de escolher companheira, impondo a sua vontade aos paes della. O homem valoroso não é apenas o mais forte para a guerra ou para os duellos singulares, e sim aquelle que tem mais prudencia e astucia em todas as modalidades da luta, principalmente na lucha pelo alimento, que é o problema maximo da vida das nossas inhospitas selvas.

Valoroso é o indio, que, com mais segurança e habilidade, sabe fisgar o paixe á tona d'agua; é o que sabe procurar, a tra-
vez da escuridão da selva, enredada de

lianas, o mel das abelhas silvestres; é o que, conhecendo a época em que deve ser feita a colheita do mel, sabe também colhe-lo sem sacrificar as reservas de que as abelhas precisam; é o que sabe imitar, pelo assovio, a voz das caças de pelo e pluma; é o que tem mais certo e golpe de flexa; é o que tem maior poder de visão e mais aguçada percepção auditiva; é o que mais conhece o sertão, não sómente em todos os seus meandros e descaminhos, omo tambem em todos os seus recursos de aguas, de fructas e de caças; é o que conhece maior numero de ervas uteis e medicinaes e que as sabe applicar segundo a circumstancia o exige; é o que consegue, com mais

fino ardil, evitar o perigo, occultar-se do adversario e atacal-o, alapardado numa tocaia, sem arriscar a vida; é enfim aquelle que mais elementos tem para vencer a vida no sertão. O indio, dotado dessas qualidades, é sempre um chefe.

Um homem desses é que pôde escolher esposa, segundo a sua vontade ou capricho,



Casamento popular parisiense. Os noivos deslocam-se no auto nupcial do Jardim das Plantes.



Casamento de um official cavalleiro. A noiva dispõe-se a partir o lolo nupcial com a esquadra do seu noivo

VIDA FEMININA

A MULHER E A GUERRA

A guerra levou a mulher a empregar o seu esforço em indústrias onde ella, dantes, não trabalhava.

O economista francez Léon Abensour nota que, nos estabelecimentos metalurgicos, a operaria aquece e carrega, hoje, os fornos, conduz as prensas hydraulicas, descarrega os wagons, lamina o estanho, funde o latão. Algures, entrega-se a trabalhos menos duros, mas mais delicados: nas fabricas de correntes e accessorios para cyclos, trabalhos de caldeireiro, fabricação de ferraduras, cravos, etc.

A mulher não só trabalha o metal, mas a pedra. Ao lado da ferreira, a pedreira, a operaria que faz os tijolos, fabrica as retortas, ajuda a fabricação da porcelana e da faiança, n'algumas fabricas, ellas fabricam o vidro. As indústrias de precisão solicitam-nas. Veem-se em Lyon e Nancy fabricar limas e compassos, e lampadas electricas em Paris. Trabalham tambem nas fabricas de nádeiro, onde conduzem as machinas.

Tambem se dão nos trabalhos de abrigão. Nas indústrias, em que já se empregavam antes da guerra, tem hoje occupações mais variadas que em 1914. E' o caso das indústrias chemicas: os indústrias, para fazer fices as encomendas, empregaram as mulheres na manipulação dos productos pharmaceuticos (iodo ou glicerophosphatos), productos chemicos propriamente ditos (soda, enxofre, enbalto, neidos puros) gazes asphyxiantes.

Nas indústrias dos coiros e pelles tambem são empregadas na manutenção dos coiros verdes, na lavagem e tintura das pelles, na contintida dos coiros, vernizes nas diversas operações do corte das lúvas.

Na alimentação, em fim, ellas têm assegurado o funcionamento das leiterias, das fabricas de conservas e de massas alimentares, das fabricas de bolachas, acعانando os trabalhos mais penosos ou mais delicados lo que sem ellas, teria sido impossivel assegurar o abastecimento militar ou civil.

Congresso Scientifico Panamericano de Senhoras — Por indicação da illustre escriptora patricia, d. Julia Lopes de Almeida, a secretária da Commissão Auxilar de Senhoras, Mrs. Glen Levin Swiggett dirigiu á nossa directora d. Virgínia de Souza Salles, uma carta, fazendo-a acompanhar de um exemplar do Relatório da Conferencia Auxilar das Senhoras, effectuada em Washington e subordinada ao Congresso Scientifico Panamericano.

O Report on the women's auxiliary conference of the second Pan American scientific congress vem cheio de materia interessante, que evidenci, de uma fôrma surpreendente, a alta cultura

da mulher americana. As senhoras, que fizeram parte dessa conferencia, que é a segunda, têm, na sua maior parte, o nome con-agrado nas letras e nas artes. Essa pleiade brilhante de senhoras tem demonstrado, de uns tempos a esta parte, de quanto é capaz, em materia de sciencia, a mentalidade feminina.

A Conferencia Auxilar das Senhoras do Segundo Congresso Scientifico Panamericano foi organizada, com o fim de aproveitar a oportunidade que se lhes offerecia, para trocar impressões, não só sobre assumptos femininos, mas tambem sobre todos os assumptos referentes ao Panamericanismo e com o intuito egualmente de se poder desenvolver um maior

interesse da parte de todas as senhoras das Americas para uma cooperação amigavel e harmonica. E' de esperar que tal cooperação de senhoras constituirá um factor poderoso no desenvolvimento dos meios tendentes "a augmentar o conhecimento das cousas americanas" e "para espalhar e fazer com que a cultura de cada um dos países americanos passe a ser p trímio de todos as Republicas Americanas."

O fim para que se tem reunido, por diversas vezes, a Commissão Auxilar das Senhoras dos Estados Unidos junto ao Segundo Congresso Scientifico Panamericano é dos mais elevados. Essa commissão tem-se reunido em Washington para discutir assumptos panamericanos, em geral, especialmente sob o ponto de vista feminino: para discutir os modos e os meios de desenvolver a mais cordial cooperação entre as senhoras de todas as Republicas de Hemispherio Occidental, não só para os fins da Conferencia mas tambem para o trabalho que deve ser executado pelos membros da Commissão Internacional: e

para orientar a Secretária no que respeita á correspondencia com os membros da Commissão Internacional — não só no seu teor mas tambem com a ideia de apresentar e trocar com os membros da Commissão, de tempos a tempos, ideias que possam levar á effectivação dos fins da Conferencia e fructificação dos seus planos.

E' bom lembrar que a Commissão Executiva da Commissão Auxilar das Senhoras Estadunidenses junto do Segundo Congresso Scientifico Panamericano tem auctorização para se reunir em qualquer occasião para discussão e para agir por toda a Commissão *ad interim*.



Bolsa para guardar roupa.

Devemos procurar arranjar a casa de moda a que apresenta um bonito aspecto, que haja lugar para tudo e não sobretocarregar de megalas as commoedas que em geral são pesadas. Lembra-se para ditta damas queje um modelo de bolsa para guardar as lençes, meias e mesmo roupa branca até que chegue a hora de ir para a lavadeira.

Como a esposa consegue atrair o marido

Tanto a galanteria, filha da vaidade, que as mulheres ostentam diante de todos, e não somente diante do marido, é condemnavel, como é digna de louvor, como é benéfica, a galanteria conjugal que não preciosos resultados de sympathy e felicidade origina.

Ha mais de sessenta annos, escreveu Mme. Girardin: "Ser galante e boa dona de casa, eis duas qualidades indispensaveis a uma mulher."

Ora, é desta forma que se deve comprehender a galanteria conjugal, indispensavel a todas as mulheres.

A natureza humana é assim, e o mais bello adorno do seu diadema, o que de maneira irrefutavel attesta a origem divina que teve, é a sua caracteristica de aspirar sempre ao ideal e a perfeição. Todos os nossos sentimentos, por nossa vontade ou involuntariamente, giram e movem-se em torno destes dois polos; e tudo que é vulgar e banal nos enche de tedio e aborrecimento, ao passo que somos exaltados, nas aspirações, por tudo que encerra harmonia e belleza.

A esta lei não formam excepção as sympathias. Ellas dirigem-se apenas para o que a nossos olhos é elevado. Não ha excepções. O nosso ideal pode estar em coisas diversas, pode ser de maior ou menor grandeza, mas ha sempre um ideal.

É esta a razão porque tudo que desperta sympathy e o que nós aspiramos alcançar, é o que nos agrada ao espirito ou ao coração.

A sympathy penetra na nossa alma irresistivelmente, e desenvolve-se tanto mais quanto melhor a pessoa com quem sympathizamos realisar o nosso ideal.

As meninas solteiras adivinham tudo isto naturalmente, ou alguém lhes ensina, porque todas ellas sabem como há de encantar, isto é, como conseguem despertar a sympathy.

É que fazem para tal fim? Fazem realçar todos os seus encantos physicos e qualidades moraes e escondem o mais possível os seus defeitos.

Ora, que estranha aberração lhes transtorna depois o espirito, a ponto de, pouco tempo depois de casadas, não sentirem já a necessidade de agradar ao marido? É na verdade, uma singular concepção de amor conjugal!

Mas tal é o resultado funesto da ignorancia em que se conservam as raparigas a respeito do casamento.

Ao contrario do que ellas pensam, é exactamente dos esposos que as mulheres mais necessidade tem de agradar ao esposo. Exactamente quando o amor sentimental se vai extinguindo, é que ellas mais precisam de se aproveitar do prestigio dos seus encantos physicos e moraes, para transformar a sympathy sentimental em sympathy conjugal.

Evidentemente, a mulher não sabe isto, porque nunca ninguém lhe disse. E é por isso que o estamos dizendo com insistencia e chamando a attenção da leitora para este ponto, especialmente.

Esposas, conservae sempre aos olhos dos vossos maridos o que em vós de principio os seduziu e lhes despertou o amor.

Com todo o cuidado sabieis evitar, quando solteiras, pela vossa apresentação, pelas maneiras, pelas palavras e pelas acções, todo o desconcerto que podesse deprimir o prestigio que tinheis no espirito delles.

Pois bem! Como deixaeis agora perder a lisongeira consideração com que antigamente elles vos distinguiram? Como é que, por vossa vontade, desceis do pedestal que o amor de vossos esposos vos havia erguido, como se fosseis deusas, e assim vos tornaes diante delles mulheres vulgares, mulheres como todas as outras, como todas aquellas que não se importam de parecer bem, e se vestem sem gosto, e se penteiam mal?

Que não culdeis de parecer bem á outra gente, é justo; mas é indispensavel que vos mostreis sempre graciosas e galantes a vossos maridos, porque é preciso que elles vos achem sempre cada vez mais encantadoras.

Tende o cuidado de nunca lhes apparecerdes antes de arranjadas com correção.

Vestir bem não quer dizer que andeis luxuosas, cheias de enfeites extraordinarios. Não.

Os vestidos mais simples, que trazeis habitualmente, mas usados com gosto, com elegancia e cuidado, é o que convem a uma esposa que deseja agradar. Não se calcula deversas quanto valem pequeninas coisas, quanto o marido pôde encantar-se, por exemplo, com uma fita que puzerdes á volta do pescoço, com uma flor graciosamente metida no cabelo, com uma blusa a clingir bem, a fazer realçar as formas do busto.

Todo o segredo do agrado se resume nestas pequenas coisas. Agradar sempre: deve ser esta a principal preocupação da esposa, e a isto se limita a galanteria conjugal.

Esta galanteria conjugal não resulta apenas dos dotes de belleza physica, que nem todas as mulheres possuem, e que, cõ'q'z' mesmo nas mais formosas, se extinguem com os annos. É que a mulher pode sempre, seja ou não formosa, seja ou não joven, conservar uma certa distincção e um cuidado de apresentação e de vestuario que a tornem agradável ao marido.

Por outro lado, tanto se obtém encantar pelos dotes moraes e intellectuaes como pela belleza physica, e ainda nisso a mulher pode tirar partido, impondo-se pela graça e delicadeza de espirito á sympathy do homem, seu esposo.

É galanteria conjugal ainda o cuidado que a esposa tem na boa disposição do interior domestico, tornando-o agradável ao marido, para nelle encontrar o conforto e os attractivos que só o bom gosto da esposa soube dar á casa.

Como se vê, esta graciosidade da esposa pode largamente desenvolver-se, porque se mostra em tudo que possa agradar ao marido.

É esta a chave do enigma do amor e da felicidade conjugal.

Vós, esposas de ha pouco ainda, já sabeis que os enleivos do amor sentimental cessam o seu papel consolador, quando esse amor desaparece, mas tambem sabeis já que os podeis substituir pelas alegrias profundas e duradouras da amizade conjugal.

Para chegardes a esta mudança sem crise dolorosa, basta que para isso vos tenhais preparado, pensando deversas no assumpto—certificando-vos com profundidade de que toda a união conjugal pode ser feliz, por muito diferentes e imperfeitos que sejam os caracteres dos esposos, se ambos se empenharem na harmonia do lar, sabendo sacrificar alguma coisa da sua vontade.

Pois bem. Começae por serdes vós as primeiras a sacrificar alguns caprichos. Para obrigar os maridos a terem-vos amor deveis em tudo ser lhes agradáveis.

Cuideae da vossa belleza, da elegancia de vestir, das maneiras, da linguagem. Que o marido nunca vos encontre desprevidas na vossa tarefa de serdes encantadoras, e de merecerdes uma boa opinião sobre as vossas qualidades.

Cuideae, principalmente, das vossas qualidades moraes. Dissimulae o mais possível as asperezas de caracter, e vereis que com esta vigilancia constante, ficareis com a alma mais suave. Estudando o temperamento e os habitos do marido, reparae especialmente no que lhe agrada e no que lhe desagrada, para assim vos esforçardes por lhe dar só alegria e nunca o mal-estar.

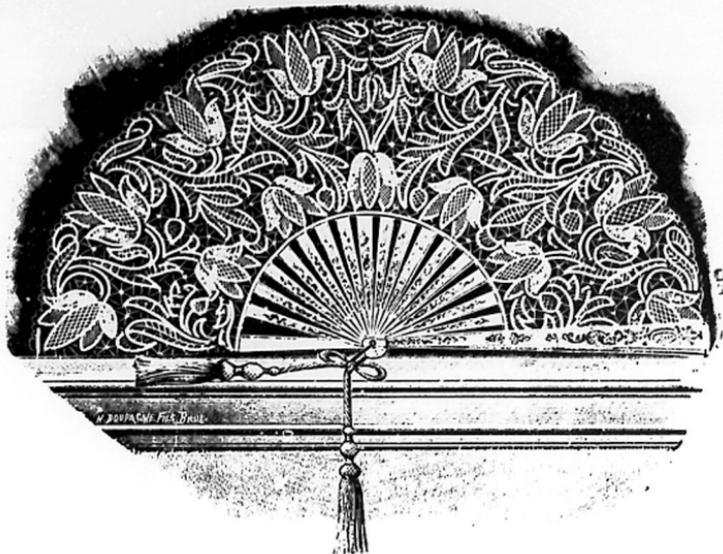
Procedei assim desde os primeiros tempos de casadas, e durante t-toda a vida.

Quando se quer agradar, agrada-se. Consequente-se agradar consegue-se o amor.

Ficae convencidas de que não ha outro meio. E aqui tem, minhas senhoras, o que lhes aconselhamos para serem bem amadas por seus maridos.

A vida conjugal, todavia, apresenta outros aspectos alem do amor.

Dissemos já: é preciso amar para viver. Mas, alem disso, é preciso, para viver, attender ás necessidades materiaes da existencia, ás necessidades moraes, intellectuaes, artisticas, ás eventualidades passionaes, etc.



LEQUE "AS TUBIRAS"

Desenho riquíssimo e de grande efeito. Os pontos de fantasia, nas pétalas das flores, podem ser variados à vontade. Nas folhas, simples beidas. Este leque se faz com um laçete muito fino. Encarimos a quem não a polir, um desenho em tamanho natural. Preço, 2500.

O LEQUE

Depois de uma curta decadência, o leque entra de novo a ser adoptado, e dia a dia vae ganhando a sympathia das damas. Não é mesmo impossível que, em breve, elle tenha chegado ao apogeo a que chegou em fins do seculo XVIII e principios do seculo passado.

Nesses tempos, o leque, mais que qualquer outro objecto, constituia o attributo principal da -toilette- feminina. E se não era o principal, era, pelo menos, o mais sumptuoso e mais caro. As varetas eram de marfim, e os artistas, que os trabalhavam, eram, em geral, chinezes. Não raro, o artista chinez dedicava grande parte da sua existencia a lavar o marfim, a desenhar figurinhas em relevo, com uma minucia espantosa, e com uma perfeição até hoje inexcédível. É facil de imaginar que o artista, que dedicava os melhores annos da sua vida a esse labor esforçado e diuturno, traduzindo, em cada grupo de chimeras minusculas, que fazia resaltar em cada angulo da vareta, os seus devaneios, os seus sonhos e delirios de artista, é facil imaginar que elle não daria o seu trabalho ao comprador senão a troco da sua independencia. Muitas vezes, o artista, com a venda de um leque, de um só leque, tinha assegurada a sua subsistencia, não precisando mais trabalhar por toda a vida.

As damas chinezas, já se vê, nunca usaram desses leques. Assistiam, de perto, á sua execução, acompanhavam, com olhos curiosos, aquelle trabalho penoso do artista, mas não se sentiam tentadas a adquiril-os. As moças chinezas não podiam comprehender aquelle luxo, que sempre lhes pareceu barbaro. Ellas, sem excluir as mais ricas e as mais legitimamente representantes da velha nobreza, contentavam-se, como se contentam ainda hoje, com um modesto leque de papel de arroz, com desenhos extravagantes, construido de varetas de bambú.

Mas o leque rico e sumptuoso, que, mesmo na sociedade fina de Londres e Paris, foi, durante largos annos, substituido pelo leque de papel, começa a ter novamente a sua voga.

Vae ganhando, aos poucos, a adopção das senhoras. Hoje já se vêem leques, que, por certo, não têm a sumptuosidade dos leques do seculo XIV, mas que já se vendem por preços altíssimos. Essa voga, entretanto, não será de muita duração.

Aquelles seculos, como se sabe, se caracterisavam pelo excessivo luxo, a par do excessivo recato. O leque era um objecto indispensavel para as mulheres. Nas suas varetas de marfim ou de sandalo escreviam ellas os seus juramentos de amor, as suas promessas de fidelidade, os sonhos e esperanças, essas mil coisas emfim, que constituem, em todos os tempos, a vida da mulher. Era ao leque que ella fazia as suas confidencias, dizendo-lhe, em voz baixa, as coisas mais intimas do seu coração. Era naquellas varetas que o seu noivo escrevia as suas primeiras juras...

Os noivos inventaram, mesmo uma complicada linguagem, servindo-se do leque para a formação das palavras. Não havia idéas, por mais subtis e fugitivas que fossem, que não pudessem ser transmitidas pela linguagem desse objecto. D'ahi decorria toda a sua importancia e indeclinavel utilidade.

Mas os tempos, hoje, são outros. Hoje, já os noivos não necessitam desse malicioso estratagemas para se communicarem.

Outros tempos, outros costumes...

Divertimentos de Salão



Esta secção, que inauguramos neste numero, terá, por ventura, para muitos dos nossos leitores uma grande importância. De facto, os trucs da magia, as empalmeações de cartas de baralho e outros jogos têm a virtude de entreter as horas, em sociedade, chamando a atenção de todos para a pessoa que os executa. Não faltam por ali livros desse genero, chamados de magia branca, dos quaes poderíamos transcrever aqui os artigos mais interessantes. Mas não os fazemos porque a maior parte das sortes que se encontram nesses livros, são de difficil execução, e exigem, ás pessoas que tentam pol-as em pratica, aptidões especialissimas e ligezezas de prestimano.

Nós preferimos, pois, ir traduzindo o que nos pareça menos difficil, ensinando, desta fórma, aos curiosos, sortes de grande effeito. Verdade é que, todo individuo, que, num salão, vá executar uma sorte, necessita possuir alguma habilidade, muito desembaraço no falar e um pouco de graça ao annunciar as suas operações. Se elle for destituído destas qualidades, não deve, por decoro proprio, fazer nenhuma tentativa desse genero.

Estas qualidades são indispensaveis. Para começar, apresentamos hoje aos curiosos a seguinte sorte, a que damos o nome de

Ovo magico

Este jogo parece que encerra um certo magnetismo, requerendo uma pequena preparação que o antecede. Consiste ella em dissolver tanto sal commum quanto possa ser absorvido por um quartilho de agua, ajustando-lhe o sal de maneira que se veja o liquido inteiramente saturado segundo o precipitado que fica no fundo do recipiente. Encha-se com esse liquido a metade de um recipiente de crystal de bocca larga — quanto mais larga melhor — e a outra metade com agua pura. Ao deitar a agua pura sobre o liquido salgado, deve-se ter muito cuidado, de modo a não misturar os liquidos. E' melhor fazel-o por meio de uma colhêr, despejando-o, aos poucos, pelos rebordos. A agua fluctuará sobre a agua salgada, por causa da sua menor densidade. Como ambos os liquidos são transparentes, os espectadores não se aperceberão do truco.

Encha-se outro recipiente identico com agua pura só e colloquem-se os dois vasos sobre a mesa, á espera da oportunidade. Esta oportunidade deve ser provocada com habilidade, de fórma que se não perceba a preparação que a antecedeu. Não se pôde tocar nos vasos para que os liquidos não se misturem. A propria mesa em que elles forem collocados precisa ser firme.

Para se executar o jogo, toma-se um ovo. O operador dirá alguma coisa, com a eloquencia de que dispuzer, sobre certas influencias magneticas, influencias occultas de que só os esotericos e os magos têm o segredo. Este assumpto dá muito paño para a manga. Basta advertir que as ciencias occultas, embora sejam uma disciplina muito séria, são excessivamente elasticas e servem para socorrer os charlatães.

Tomado o ovo, deita-se á agua. Elle irá até ao fundo. O operador dirá: "Isso qualquer faz." Tire-se com uma colhêr o ovo, e, após varios passes, que se

suppõem magneticos, deite-se em outro recipiente: o ovo fluctuará no centro da agua. Este pequeno phenomeno offerece oportunidade para novas dissertações. Em seguida, para que o ovo suba, revolve-se a agua, misturando-se a de cima com a de sal: o ovo virá a superficie e ali permanecerá.

O exito da sorte não dependerá da habilidade do operador, porque não é precisa nenhuma habilidade, mas do cunho mysterioso que o operador deve imprimir aos seus passes e ás suas palavras.

Á moeda perfuradora

Tome-se um pedaço de papel grosso e faça-se no centro um buraco, que corresponda á quarta parte da moeda que vai servir para o jogo, um nickel ou uma moeda de prata.

Quando os espectadores se convencerem de que a moeda não pôde passar por uma abertura, que é a sua quarta parte, dobra-se o papel precisamente pelo centro do orificio, e, levantando-o pelos dois lados, como está indicado na figura, a moeda cairá sem romper o papel.

O ovo saído

Esta sorte é de execução facil. Entretanto, requer um pouco de exercicio. Um individuo paciente consegue pratical-a, ao cabo de algumas tentativas.

Tomam-se dois copos, como os que se vêem na illustração, e um ovo. O processo consiste em fazel-o passar de um para outro copo.

Colloquem-se os copos junto ao operador; ponha-se o ovo naquello que estiver mais proximo, com a parte mais estreita para baixo. Sobre-se forte e de prompto contra uma das faces do ovo, e até abaixo, entre o ovo e o fundo do copo. Se o sopro fór executado com pericia e a tempo, o ovo saltará de um copo para outro.

Esta sorte não é destituída de interesse.

Á rolha teimosa

Parece facil, por meio do sopro, fazer entrar uma rolha no gargalo de uma garrafa, quando esse gargalo é mais largo que a rolha. Parece facil, mas não o é.

Faça-se a prova com varios espectadores e verá-se que se dá o contrario.

Collocada a rolha, como indica a figura, os curiosos que tentarem a experiencia, receberão a rolha no nariz, saltando em ricochete, porque acreditam que, quanto mais forte soprarem, mais facilmente entrará a rolha.

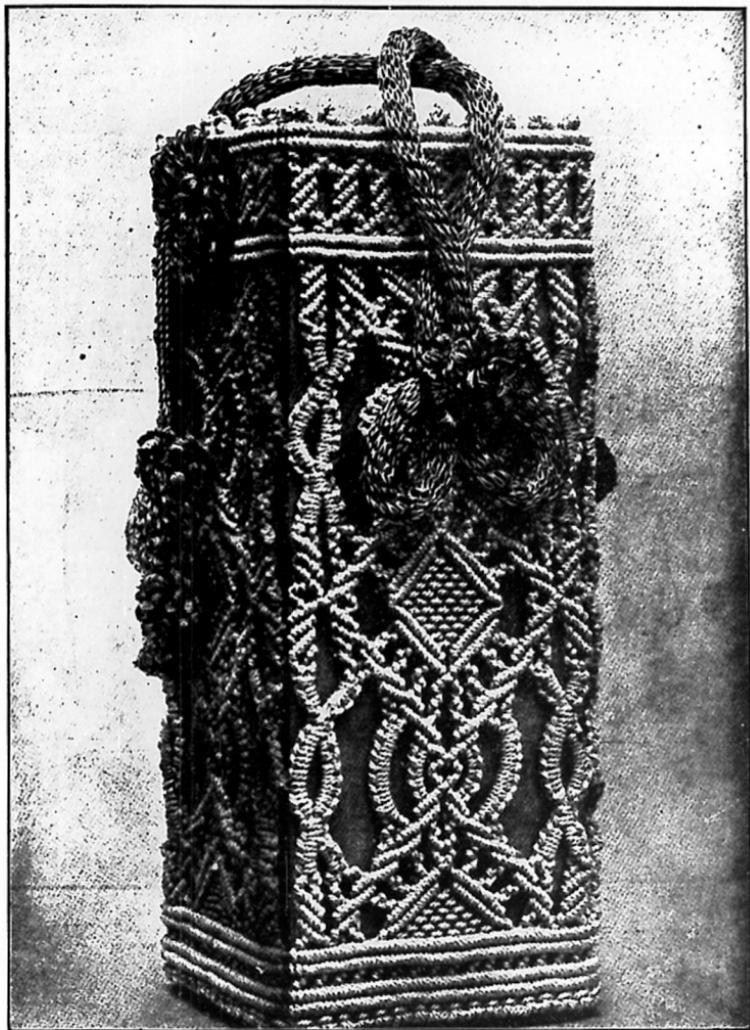
A operação deve ser feita assim: Sopre devagarinho com um canudinho. A rolha obedece e entra no gargalo.

O leite matzno

A maior parte das senhoras não se preoccupam de tomar providencias afim de que o seu leite garanta uma perfeita nutrição para o seu filho. Não ha nada melhor, para enriquecer o leite, tornando-o grosso, gordo e rico de principios calcos, do que as pastilhas de Malcolm. Quatro dessas pastilhas por dia é a unica garantia para a saúde e robustez da creança. A Revista Feminina é unica depositaria deste producto em S. Paulo. Um vidro com 100 pastilhas: 20\$00.



COMO ENFEITAR MINHA CASA



ORIGINAL CESTA PARA PAPEIS

Uma caixa de madeira envernizada em cor serve de fundo para esta original cesta, feita em macramé.

O desenho vem nos livros 4 muito bonito e é uma novidade no gênero.

Não precisa explicação para sua confecção; o próprio desenho ensina.

Para os diversos pontos queiram as nossas leitoras consultar os números 21, 22 e 23 da coleção de 1906, nos quais ensinamos a maneira de executar o macramé.



A ILLUMINADORA FABRICA QUALQUER
 ARMAÇÃO PARA
 47, RUA BOA VISTA, 47 ABAT-JOUR E ENCAR-
 REGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO DE ELETRICIDADE

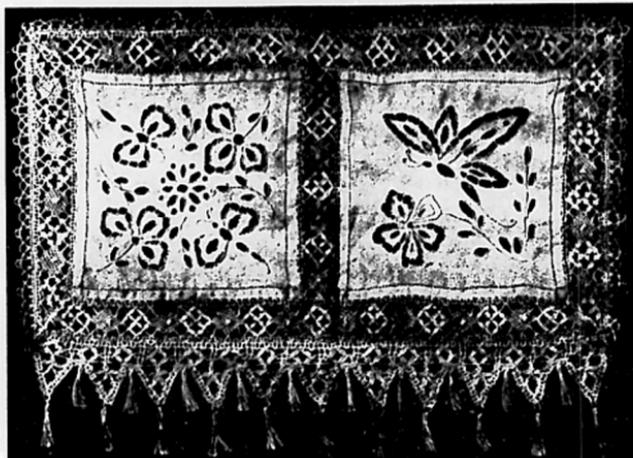
TRABALHOS FEMININOS

Espaldar para poltrona

O modelo é executado em lino branco bordado em ponto inglês e lilhelien.

Os quadros têm uma balda aberta em volta e são decorados de renda do Norte.

Enviamos o desenho por 35000 e podemos fornecer o entremecido a 18200 e a renda a 2500 metro, sem bordas.

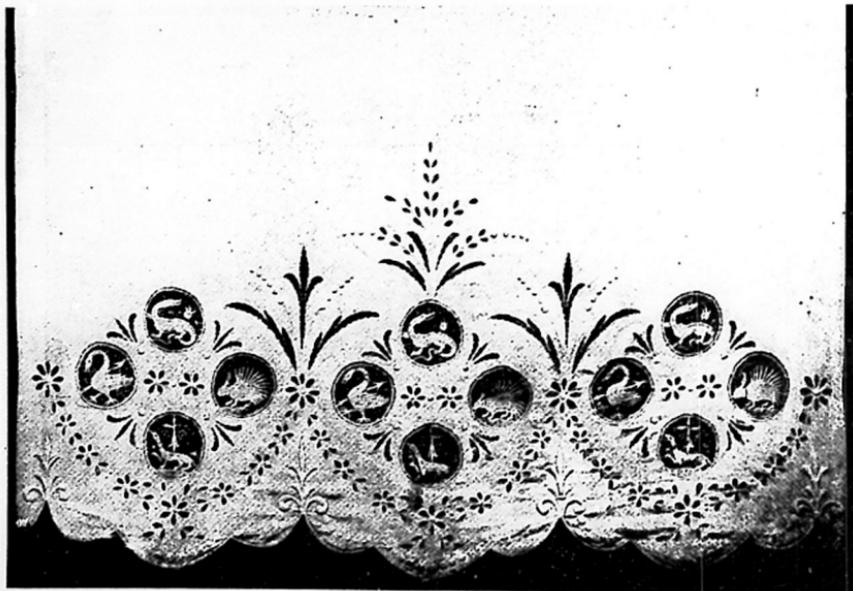


ESPALDAR PARA POLTRONA

Barra para store. Este original modelo para store é ornado com guilherdinas e palmas bordadas e plumetia. As metatoccos com renda de Madras gasear se apresentam os emblemas do Cateau de Blois. Essas metatoccos podem ser em Bielefeld ou então substituídas por outras em renda do Norte ou Arnoza.

Enviamos o desenho do bordado por 18000.

Temos as encostas de renda do Norte a 18500 cada uma com outros desenhos.



BARRA PARA STORE

A MODA

A Roupa branca e a moda

Preparar um enxoval! palavra evocadora de sonhos roseos aos ouvidos de uma moça, como promessa de um futuro feliz.

Noivas, cosei por vossas próprias mãos esta roupa elegante que é uma das riquezas de vosso lar, confeccionae-a com alegria, com emoção, afin de que, quando viereis os annos, revivaeis contemplando as diversas peças de vosso enxoval, as horas felizes, os momentos dourados em que, formando tantos castellos, o preparaveis. Tempo feliz que nunca mais voltará!

Não é sómente esta razão sentimental, particularmente sensível aos corações femininos, que vos devem inspirar para confeccionar coquettes guarnições de roupa branca, os sentimentos poeticos não excluem a rasão pratica e esta ultima é sufficiente, quando faltam os primeiros.

É preciso ter portanto muito cuidado na escolha dos tecidos, na qualidade das rendas, dos bordados, para que não sejam uma imitação do artigo fino.

Toda pessoa de bom gosto aprecia uma roupa branca fina, bem acabada, trabalhada em cambraia de linho linon bordado ou rendado, leve como uma brisa, ornada com fitas de tons suaves; mas... quanta paciencia, que mãos de fada são precisas, para saber empregar com graça o *fillet* bordado, a irlandia, a renascença, os *a jours* para unir as costuras, pois tudo isto reunido é que faz o encanto do trabalho! É preciso attender a todos esses pequininhos detalhes; não ha

roupa
branca
bonita, fi-
na, mal
cosida.

Portanto, caras leitoras, se não tendes tempo, se vos falta paciencia, ide a uma casa de confiança ondeis sabeis que preside o gosto e a seriedade a par de preços modicos, e compree ali o vosso enxoval.

Ha casas que cuidam com um carinho especial este ramo de commercio, e dentre ellas destacamos os grandes estabelecimentos *Mappin Stores* que importam todo seu sortimento de roupa branca, não só de uso, como de cama e mesa, de conhecidas casas parizienzes e que são caprichosamente confeccionadas e de fino gosto.

Aquelle estabelecimento acaba de receber um lindo sorti-

mento neste genero; ha alli roupa para todas as bolsas; guarnições de tres e quatro peças em pongé de algodão e cambraia de linho, ornadas de lindissimas incrustações de rendas legitimas e bordadas a mão; saias brancas finissimas; corpinhos em gase messaline de seda e em tulle enfeitados de renda guipure que são a ultima criação da moda. A casa recebeu tambem os afamados *Colletes Rejane* especialidade sua, confeccionados dos melhores artigos francezes e os unicos apropriados ás exigencias da moda actual.

Até para o *boudoir* encontram-se alli lindos *peignoirs* e toucas de filó trabalhadas a mão. Já veem nossas leitoras que não ha neces-

sidade de se fazer a grande travessia do Atlantico, hoje tão perigosa, para adquirir um rico enxoval, pois temos em S. Paulo tudo o que ha de fino, desde as meias ate as mais ricas *toilettes*, basta sómente tomar um *taxi* e descer no *Mappin* subir pelo *elevador* e extasiar-se com a linda e sumptuosa exposição dos salões do 1.^o andar.

Porque, felizmente para nós, S. Paulo ja offerece, em materia de moda e luxo, recursos que bastam a satisfazer os gostos mais apurados e as exigencias mais rigorosas. Os elementos que aqui se encontram com abundancia, não se vendem, é verdadeira, pelos preços que seriam para desejar. Mas a culpa disso não cabe aos negociantes de armario e fazendas, e sim ao governo, que continua, a despeito da grita geral, a onerar pesadamente os artigos de importação, principalmente os que elle considera sumptuarios, como a seda, os perfumes, as rendas de linho e outros artigos de necessidades. Os negociantes, como é notorio, contentam-se com lucros cada vez mais infimos, no interesse de manter a sua clientela.

A Casa *Mappin*, por exemplo, é uma das que, nesse particular, mais se sacrificam em favor dos seus frequentes. Os seus preços são commodos. De resto, ha alli artigos para todos os preços, podendo-se abastecer nas suas vastas lojas não só as pessoas que podem gastar, sem sacrificio, quantias avultadas, como as que só podem dispor das quantias estritamente precisas para manter, com discreção, a sua indumentaria.

Damos neste numero em outro lugar, duas graciosas *toilettes*, uma para cerimonia, outra para passeio, com as competentes descrições.

E por hoje basta.



TRABALHOS FEMININOS



Cuberta para elagère

Interessantissimo este desenho, que pôde ser uma coberta de etagère, uma barra de store e até de um centro para mesa. Sua execução é facilima. São quatro quadros de linho antigo branco ou creme e que mede 20 cents. cada um. O primeiro representa uma *pierrlette* colhendo flores. O contorno de sua blusa, as pregas da saia assim como o collarinho são bordados a ponto inglez.

O segundo representa um *clown* conduzindo um bastão. Sua ampla vestimenta é designada por uma linha bordada à ingleza, assim como os grandes botões.

O terceiro é um *pierrrot* que canta uma ballada, tendo o chapéo decaixo do braço. Sua vestimenta é tambem bordada a ponto inglez.

O quarto que faz pendant ao primeiro é um outro *pierrrot* que tambem collie flores, tendo a vestimenta bordada, como as outras, a ponto inglez.

Os rostos, os penteados, as mãos, as pernas, os sapatos,

são bordados a ponto de cordão, em todos os personagens.

Um entremelo estreito de renda circunda cada um dos quadros, que são unidos por um rectangulo tambem de renda ou filet.

Outro entremelo mais largo circunda a banda toda que termina por um renda por borlas. Este trabalho tem a vantagem de poder ser confeccionado em pedaços separados, aproveitando-se, para isso, as horas vagas, o tempo em que vamos visitar a uma amiga intima, pois carregamos em nossa bolsa sem inconveniente algum. Podemos fornecer os desenhos dos quadros por 25000; o entremelo estreito a 700 réis o metro; o largo a 15700, e a renda, sem borlas, a 15800, com desenhos diferentes dos do modelo. Tambem podemos mandar confeccionar a renda do modelo que desejar nossa leitora, porém custará mais caro e demandará mais tempo.



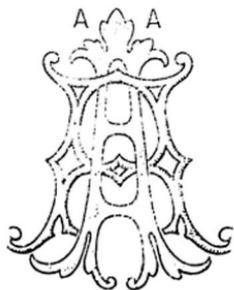
Monogramma para roupa de mesa ou de cama.

Uma letra é bordada a ponto de relevo, a outra a ponto de areia.

Nos monogrammas usam-se sempre letras de phantasia, compostas de linhas que se entrelaçam, de maneira a entrar umas por dentro de outras. Esse é o característico dos monogrammas. As letras simples, sem curvas nem desenhos caprichosos, devem ser rejeitadas, porque o monogramma, traçado com ellas, se torna mesquinho, ou, pelo menos desinteressante. Entretanto, como se trata de caracteres de phantasia, quaesquer outros ornatos são dispensaveis. O accumulo de ornatos torna até indecifrável o monogramma. Assim pois, no desenho A B, que damos acima, os dois ramos, que saem do traço interno do A, podem ser excluidos.

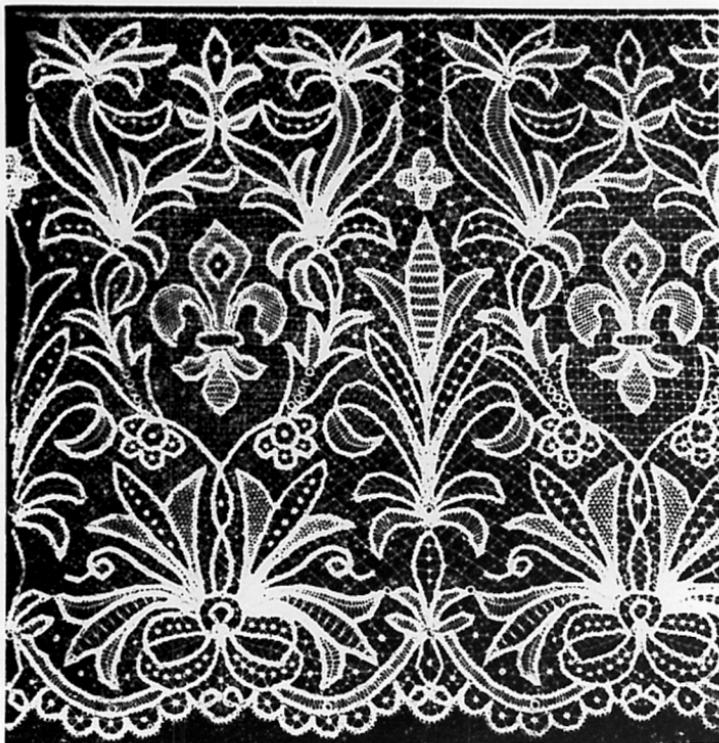


Monogramma para guardanapos a ponto chato e a relevo



Monogramma para guardanapos grandes, bordado a ponto de areia e ponto de relevo.

TRABALHOS FEMININOS



Modelo em renda Renascença para alva

Rico este trabalho e de grande beleza para alvas, roquettes e toalhas para altar.

É executado com lacet branco; as palmas são trabalhadas em ponto russo e bridas voltadas, aranhas com bridas, e ponto simples de tulle. As flores de lys são executadas com ponto de tulle de diversas qualidades; o fundo, em quadradinhos, com bridas à picot.

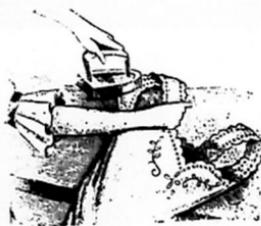
Diversas vezes temos ensinado a maneira de fazer a renda Renascença, mas como todos os dias aumenta o numero de leitoras e nós queremos facilitar a execução dos nossos trabalhos, vamos de novo ensinar.

Procura-se papel de engenheiro ou tela forte, faz-se o desenho á tinta; feito isto, alinhava-se o lacet com muito cuidado, acompanhando os contornos do desenho; cosem-se as dobras do lacet formadas ao canto das folhas e dos recortes e começa-se a fazer os diversos pontos que formam a renda.

Os numeros 28 e 31 desta Revista ensinam diversos pontos desta renda.

Podemos enviar o desenho para a barra e as mangas da alva em tamanho natural. O desenho da alva 68000; o das mangas 28000.

ECONOMIA DOMESTICA



Como se passam as mangas de uma camisa



Medo de passar o bordado da gola



Como se passa a frente

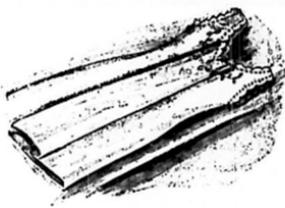
Diversas vezes temos tratado da economia domestica, ensinando a maneira de ter certo conforto no lar sem pesar muito na bolsa do marido. Uma das coisas com que é preciso ter muito cuidado é a conservação da roupa de uso, de cama e mesa. As fazendas de côr devem ser lavadas de um modo especial. Para esse fim deve usar-se o sabão branco, que não contém materias descorantes. Um modo muito pratico é dissolver o sabão em agua tepida e deitar algumas gottas de sumo de limão, ou um pouco de pedra lume que se fará dissolver antes de deitar a roupa na agua; esfregar a roupa com esta preparação, deitando sabão e isso mesmo pelo avesso nas partes mais enxovalhadas; esfregada a roupa, deve-se passar em trez ou quatro aguas limpas até que saia todo o cheiro do sabão; depois estendê-la á sombra porque a acção do sol estraga a côr. E' máo systema molhar diversas peças de roupa na mesma vasilha porque passa a tinta de umas para as outras.

As meias pretas: devem ser lavadas em uma infusão de heras, e depois de viral-as pelo avesso expol-as ao ar para seccar.

Para os tecidos pretos faz-se uma infusão de chá da Índia e lava-se nella a roupa.

A roupa de côr não deve ser engommada com amido, mas com uma solução de gomma arabica bem fraca, para ter apparencia de nova.

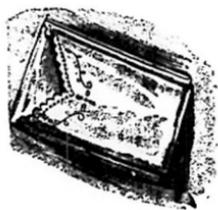
Para a roupa branca pôde-se empregar amido, mas em diminuta quantidade para não entesar muito a roupa. A gomma deve ser feita da maneira seguinte: para gomma forte deita-se uma colher de amido para dois copos de agua; raspa-se um pedaço de stearina e mistura-se bem para que o amido fique diluido, em seguida deita-se agua fervente tendo o cuidado de revolver bem a gomma, para que não fique residuo; depois de cozida, vai-se deitando agua fria aos poucos e batendo sempre até ficar no ponto que se deseja. Uma vez molhada a roupa na gomma, torce-se bem e estende-se ao sol para seccar, depois rocia-se com agua limpa, aperta-se bem para ficar humedecida por igual, e passa-se o ferro conforme explicam as gravuras annexas.



Preguendo da frente da camisa



Dobragem das costas



Dobragem terminada

O FIM DE UMA RAINHA



A Ex-imperatriz da Russia com suas filhas.

Entre todos os monarchas que ainda resistiam á acção egualitaria do seculo, o mais poderoso era, sem duvida, o czar de todas as Russias, monarcha absoluto, em cujo imperio "o sol nunca se deitava".

Nas suas mãos estavam a vida, a prosperidade, a vontade, a acção de milhões e milhões de homens. Nenhuma autoridade se antepunha á sua: elle podia expoliar, castigar, torturar, matar, a seu bel-prazer... Seu poderio era immenso e a barbara instituição dos cossacos dispunha do *kozak*, do ignominioso chicote, para castigar aos que murmuravam contra tão revoltante prepotencia.

Foi com esta Russia barbara, sanguiscenta, viciada, autoerata, tyrannica, despótica, que tiveram os aliados que admitir a seu lado para a conquista da civilização contra a barbaria!... A influencia dos aliados — e principalmente da "democracia franceza" — não podia deixar de agir na Russia e, apesar de ser o czar um de seus aliados, os alemães não tiveram constangimento em auxiliar a sua queda e o seu exilio, para a implantação da Republica no vasto territorio.

Victoriosa a revolução, o czar, que ver-

berava os aliados como seus traidores, quando estes apenas o abandonaram por um principio superior — foi preso e, com toda sua familia, enviado para a Sibéria.

A ex-czarina de todas as Russias viu-se encerrada numa pequena casa colonial, numa cidade de presidiarios, onde acaba de enlouquecer, segundo o ultimo telegramma, não podendo conformar-se com o de-gredo... pena, que, no entanto, o czar inflingiu a milhares de russos!

A ex-familia imperial da Russia está em Tobolsk, na Sibéria, numa cidade cujas casas são todas de madeira, excepção daquella em que estão os Romanoff, que é feita de tijolos vermellos, residencia sem nenhum conforto.

Nicolão II e sua mulher, informa um correspondente estrangeiro, não podem sair nem para assistir aos officios religiosos na cathedra da Anunciação ou mesmo no mosteiro. Por um favor especial, a autoridade revolucionaria permite que elles frequentem, uma vez por semana, os banhos publicos. Quando saem, são escoltados por quatro officiaes da guarda, acompanhados de um pelotão de soldadões.

Os habitantes de Tobolsk não têm para com os exilados nem manifestações de hostilidade, nem de sympathia. A existencia da pequena cidade siberiana é immutavel e monotona. Gelo e tédio.

O antigo tsar aceita com resignação essa vida toda feita de tristeza e humilhação. A ex-tsarina, porém, não se conforma com a sorte desgraçada que o monge Rasputin apressou. Tudo a fere, tudo a choca a tudo a irrita. Occupa-se muito com os filhos, que a exhortam a resignar-se mas, ao lembrar-se da triste situação a que foi reduzida, chora convulsivamente. O que mais a revolta é não poder receber nem escrever cartas, porque não se submete á censura estabelecida pelos officiaes revolucionarios.

Nas suas crises nervosas não cessa de repetir ás suas filhas: "Não se esqueçam nunca do quanto nos faz soffrer na hora actual!"

E a ex-tsarina, para quem os dias se succediam sem premissas de liberdade, acabou enlouquecendo entre as paredes quasi nuas da sua modestissima residencia de Tobolsk.

O SORRISO

O sorriso na mulher, quando esta não tem consciencia delle, ou si, tendo-a, não usa opportunamente da sua graça embelezadora, é como uma flor sem fragancia muito bella em si, mas carecendo do seu divino encanto. Atrevo-me até a dizer que de um sorriso depende em muitas occasiões o futuro duma mulher; daqui a importancia de se assimilar este artigo e de aprender a sorrir.

O sorriso contribue para augmentar a formosura, o encanto da mulher, como a fragancia augmenta a belleza e o encanto das flores; e o que ajuda a illuminar a physionomia, o que attrae e captiva os homens, aquillo a que os poetas dedicaram muitos dos seus mais brilhantes pensamentos. Claro é que ha as suas excepções, como a daquellas carinhas de Madonas dos velhos retabulos, cuja formosura é serena, pensativa quasi triste.

Si analysarmos os sorrisos, temos que dividir em que ha muitas classes delles, si bem que uma seja a sua essencia e esta pode classificar-se de graciosa. Mas, desgraçadamente, não é sempre espontanea; quantas vezes se floresce nos labios depois de grandes esforços para o conseguirem!

Que o sorriso deve ser gracioso, soa como um paradoxo; mas si meditarmos um pouco, e considerarmos o assumpto com attenção, convenceremos-nos bem depressa da verdade que esse conceito encerra.

Cada uma dos sorrisos duma maneira particular, a nossa, a do nosso individualismo, sem prestar attenção as suas diversas manifestações, pois, estudando o sorriso com profundidade, vemos que ha muitas maneiras de sorrir, que cada uma tem o seu significado proprio, pelo qual é possível descrever o verdadeiro caracter da mulher.

Assim, por exemplo: Não tendes visto os sorrisos que formam um pequeno arco com os labios, como o arco de Cupido? Esses sorrisos são os da travessura; rápidos, rápidos, fugaces, promptos a desaparecerem; avivam os olhos, encurvam os labios, deixam entrever os dentes, illuminam a alma e, portanto, deixam uma esteira de pesar quando se desvanecem. Outras pessoas, vê-se um sorriso suave, repousado, languido; e assim



como o primeiro é o reflexo duma intelligencia viva, o segundo é de amabilidade; a combinação de ambos dá o mais bello dos sorrisos, o mais atractivo que pode necessitar uma alma que precise de a ganhar, ao mesmo tempo, de uma doce serenidade.

Pessoas que fizeram um estudo consciencioso do sorriso dizem que nos devemos prevenir daque as que sorriem so com os labios, sem acompanharem esse sorriso do sorriso dos olhos, que é um luminoso rastojo entre as palpebras, porque naquelle caso o olhar é seco e secco, em contraposição com o que se quer ex-

primir. Deve sempre fazer-se um esforço, um premeditado e detido estudo e pratica, afim de que os olhos e os labios sorriam unisonamente; e o unico modo effectivo de o conseguir, é fazer com que participe do sorriso o coração, ou, melhor, que o sorriso nasça do coração.

Ha tambem muitas physionomias, geralmente as daquellas mulheres que têm uma natureza terna e formosa, em que os olhos sorriem sem que os labios participem no minimo que seja desse sorriso; este sorriso dos olhos é a luz solar do coração.

Asseguremo-nos, pois, do nosso sorriso, de que é o proprio, o que deve ser; em caso contrario, apprendamos outro, o verdadeiro, o que se harmonise com a nossa natureza, pondo a vontade á prova para o conseguir, por ser a bocca a parte da nossa cara mais difficil de manejar ao nosso alvedrio. Ha rostos que parecem impossivel de manejar pelos mãos habitos adquiridos com o succeder dos annos; mas, pondo-nos em frente a um espelho e fazendo-se um minucioso exame dos defeitos, depois de passado algum tempo sobre os trabalhos reformatórios, chegaremos a convencer-nos de que a impossibilidade só existia na nossa imaginação.

Talvez o sorriso seja de susto, diminuindo a formosura ao forçar-se até abaixo a commissura dos labios no momento de buscar o sorriso. Outras vezes observa-se que se sorri largamente, e nesse caso deve conter-se o sorriso, estudando-o ao espelho, até que o sorriso seja, por assim dizer, de correcta dimensão e não monopolise a cara. Depois deste exercicio, os musculos, a que se deu uma lição deante do espelho, extendem-se apenas o sufficiente quando nelles allora o sorriso. Mas não esqueçais que a naturalidade é o seu maior encanto; ainda que o tenhaes estudado muito, deveis certificar-vos que não se veja nelle affectação.

É' muito importante notar si ao sorrir se morde o labio inferior, pois esse defeito, si não se corrige a tempo, acarreta como consequencia o anormal desenvolvimento dos labios, desfigurando-os.

Muitas senhoras têm o costume de enrugar a frente de cada vez que sorriem, sendo este um dos defeitos que se devem eliminar immediatamente, pois, do contrario, seria necessario recorrer á massagem para fazer desaparecer as rugas prematuras que esse costume acarreta. Noutros casos, vêem-se sorrisos tão violentos, que enrugam a cara em fórma de ondas; esse não é um sorriso mas uma careta, que occasiona a formação de rugas ao redor dos olhos. A minha experiencia ensinou-me que estes sorrisos são hypocritas: são os sorrisos do esforço, da falsidade.

Ha ainda outro sorriso que se distingue por uma pequena depressão da physionomia, uma contração dos labios, que se alargam ligeiramente, mas sem relaxar os musculos e sem deixar entrever os dentes: este é o sorriso do avarento.

É' evidente que um sorriso precioso é um verdadeiro dom do céo, que, quando se não possui, se torna necessario crear, e para isso só se dispõe do espelho, unico mestre de tão bizarra arte, e da observação de outras pessoas, de sorriso bello e agradável.

Recorde-se que Voltaire dizia: «Nenhuma mulher pode ser bonita sinão possuir dentes formosos, nem tampouco feia si os tiver.» Mas Voltaire não quiz referir-se á materialidade desse adorno necessario á bocca, sinão porque os dentes são os brilhantes em que se engasta o sorriso. Dahi a importancia que elles adquirem e o me ver obrigada a terminar este artigo com a recommendação que acho mais acertada para os conservar sempre limpos. Deve-se usar pasta ou pó, o que mais se accomode ao gosto da pessoa, todas as noites, antes de deitar, e um dentifricio diluido em agua depois de cada refeição, ou mais vezes, si for possivel. Evitem-se os acidos e dê-se preferencia ao sabão puro. O alcool é desinfectante e preservativo. Uma das minhas amigas, cujos dentes têm a formosura das perolas, recommendou-me, não ha muito tempo, a seguinte formula para lavar a bocca depois da comida, unica que ella emprega com tão maravilhosos resultados:

O NOVO BISPO



Monsenhor Benedicto de Souza, Bispo eleito de Espirito Santo.

Foi recebido, em nosso meio, com as mais vivas demonstrações de sympathia o gesto da Santa Sé elegendo para a sede do Espirito Santo o insigne e virtuoso prelado, monsenhor dr. Benedicto Paula Alves de Souza.

No dia 6 de Janeiro, o sr. arcebispo metropolitano, após o elevado e brilhante discurso gratulatorio que, durante a piosissima solennidade, pronunciara monsenhor Ezequias Galvão da Fontoura, venerando presidente do Cabido Metropolitano, deu aos revesos, capitulares a honra da eleição do monsenhor Benedicto, digno arcepreste e vigario geral do arcebispado, para bispo da diocese de Espirito Santo, vaga com o fallecimento de d. Fernando Monteiro.

A escolha da Santa Sé não podia recair sobre pessoa mais digna. Monsenhor Benedicto, no decurso do seu apotolado, tem vivido sempre rodeado de um ambiente de sympathias, mereço da sua bondade sem mancha e das suas virtudes christãs. O novo bispo é um espirito de excel, e ha muito que soube impor-se a estina de todos que tiveram a ventura de privar com elle ou vir-lhe a voz, sempre inspirada e eloquente, na tribuna sagrada

Monsenhor dr. Benedicto Paula Alves de Souza, agora elevado a bispo, occupou, na sua rapida e brilhante carreira, os cargos de secretario particular do sr. cardinal Arcoverde, quando bispo de S. Paulo; professor e reitor do Seminario do Rio de Janeiro; vigario de Santa Cecilia nesta capital; secretario, pró-vigario geral e, actualmente, vigario geral na Archidiocese de S. Paulo.

Presidente da Confederação Catholica, s. excia. revma. desenvolveu uma assombrosa actividade.

Foi agraciado com os titulos de vice-reitor honorario da Universidade de S. Paulo e presidente da Associação Beneficente Universitaria, que dirige o Hospital "Dr. Luiz Pereira Barreto", e, senão ha ainda offerecida uma cadeira na Academia Paulista de Letras, da qual tomou posse ha dois annos.

Alcool	1 onça
Sabão verde	1 "
Agua destillada	1 "
Glycerina	20 gottas
Azeite de gualteria	10 "

A par disto, cuidem-se os labios, fortalecendo-os com banhos de alcool camphorado, á noite e pela manhã; melhor ainda será humedece-os com alcool camphorado e em seguida pulverisa-os com subnitrito de bismutho, sobretudo quando se notar que começam a rachar.

Agrada esta prosaica terminação ás minhas amáveis leitoras? Si se pensar no seu lado pratico, achar-se-á que ella é tão poetica como o proprio sorriso, motivo deste artigo...
Mercedes Peres de Lara.

A MORAL DO VESTUÁRIO

NÃO ha razão para que todo mudo, de uns tempos a esta parte, se mostre surprehendido e escandalizado pela crescente ouzadia com que se tem apresentado a moda das "toilettes" femininas. Não sejam hypocritas, aparentando, no fundo, escrupulos que estão longe de ser sinceros. Se a mulher, dia a dia, vae recatado menos as suas linhas, se, cada vez mais, vae entremostrando, de uma forma alarmante, encantos que deveriam ficar occultos, os responsaveis somos nós, que preferimos a embriaguez lasciva ao prazer honesto, que prezamos mais a formosura exhibida com escandalo do que a belleza que se amuralha na timidez. A ingenuidade da mulher deixou, ha muito, de ser um incentivo para o homem. O que nos seduz em Eva é o presentimento, calumnioso ou justo, das suas secretas perversidades.

A innocencia feminina está em descredito. Ouve-se, a cada passo, dizer que Fulana de Tal, cançonetista, bayadera, ou "chanteuse goumeuse", casou-se com o millionario Sicrano. Ouve-se, não raro, que tal cançonetista, pelo seu lindo palmo de cara e pelos "couplets" mallicosos que se impoz ao seu publico, rejeitou os mais vantajosos casamentos.



VESTIDO PARA PASSEIO

Original e elegante este modelo, que pode ser recatado ou de duas fantasias, a escolha da se desta moda era alguma coisa que se estava de tudo. A originalidade da modelo está no modo por que é feita a parte superior da blusa, um pequeno detalhe, e um grande baco, tudo feito em linha e sem que dá muito realce à fantasia lisa do vestido.

Essa subversão do senso moral masculino será um symptoma de emancipação dos preconceitos seculares que sempre julgamos respeitaveis, ou terá o caracter maisão de uma amoralidade? Longe de mim a pretensão de querer, na geographia da moral, mostrar, conforme exige a sociedade, o ponto em que estão situados os vicios e as virtudes. A experiencia ensinou-me que essa definição do bem e do mal imposta pelas preoccupações sociaes e pelas leis que as consagram, é o que ha de mais arbitrario.

Eu creio que, em amor, o homem está obrigado a ser o Colombo do continente em que se propõe viver, sem submeter a sua eleição ás garantias que lhe offereçam os outros. O nosso bem e o nosso mal não estão onde os collocou a opinião alheia, mas onde nós os collocamos. Melhor que isso, dizem os francezes: "Je cherche mon bien où je le trouve."

Entretanto, por traz do descoco, da impudencia apparente de uma mulher, pôde haver uma consciencia honrada e o seu coração pôde ter sahido illeso de todos os temporares passados que affrontou. A vida é demasiadamente complexa; e, porisso, não é muito prudente predermo-nos a definições simplistas que eximam o homem da obrigação de pensar. Eu não quero calumniar a toda uma série de mulheres que conquistam a sua subsistencia e o seu luxo, cantando ou movendo os quadris ao rythmo das musicas salitantes. Esse procedimento não as degrada, porque é imposto, muitas vezes, pela luta pela vida. De resto, procedendo assim, não fazem mais do que prestar-se á perversa curiosidade do homem, sem ser cumplices, porisso, dessa febre de libertinagem maisã.

Se e nosso gosto está tão estragado, que sotopomos a grande e excelsa arte á arte baixa, de caracter aphrodisiaco; se preferimos dar o nosso dinheiro e o nosso applauso á linda Cubanita, "chanteuse á diction", em prejuizo da honrada artista e do consciencioso actor que ennobrecer, com o seu trabalho, as altas visões do poeta e as honestas idéas do dramaturgo, a responsabilidade é menos das mulheres,—que dissimulam, com o canto e com os bailados, a exposição de outros attractivos do sexo, menos ideacos, por certo, mas mais suggestivos, sem duvida,—do que da nossa, já hoje irremediavelmente, depravação.

A maioria dessas mulheres teriam accedido outro destino, se o homem, a tempo, lhes houvesse offerecido outro.

Nem sempre é a frivolidade e a ausencia da moral que lançam essas mulheres ao azar da arte barata. Não seria, talvez, difficil, numa "enquête", indagar os verdadeiros motivos por que ellas se entregaram a esses azares. Por que, dentre muitos desses motivos, sobrepairá, ás vezes, uma illusão desvanecida, um amor infeliz cuja chaga ainda sangra, a amargura de um desencanto sentimental, a falta de pão no lar domestico...

E o mais interessante é que os homens, que as não quizeram innocentes, recatadas e honestas, são exactamente os primeiros a cortejal-las, a dedicar-lhes um amor ardente, depois que as vêm envolvidas nas promiscuidades sexuaes da nova vida.

Mas esse spectaculo de injustiça encobre um perigo que já começa a ameaçar-nos: esse perigo é o da mulher honesta, humilde e resignada, que, a contas consigo mesma, começa a estudar os meios de entrar em concorrência com aquellas.

O methodo de luta, por parte destas ultimas, não requer grandes esforços. Basta que ellas, ao espelho, se decidam a copiar as modas de vestir das rivas. A principio, o seu espirito ha de sentir uma tal ou qual revolta, receando descer a tão baixa concorrência. Os atavismos de educação, os costumes domesticos em que foram creadas, os escrupulos religiosos, e tambem, o respeito que se devem a si mesmas, constituem meios de resistencia a taes mudanças; mas, como o systematico desmeder dos homens acabará por irrital-las, e como as mulheres têm muito sensível a epiderme da vaidade, ellas começam, principalmente nas capitães, e exercer a sua competição. Injusto, pois, seria julgar-lhes a mo-

ralidade pelo aspecto do vestuário. Se as modas severas poem em risco a sua ascendencia sobre o homem, claro está que ellas tratam de abandonar a severidade das suas roupas para poder entrar, vantajosamente, em concorrência com as suas rivais poderosas. E' o que ellas fazem. E porque censural-as? As' proprias mães, advertidas do perigo, recalcarão os seus escrúpulos, subordinando-os a fins mais praticos, isto é, farão o possível para que as suas filhas não fiquem solteironas. E o peor é que a perda do decoro, do recato e o prazer da ostentação podem levar mais longe a pobre moça...

A' reforma externa pode sobrevir, insensivelmente, a reforma interna, e á liberdade da moda a liberdade dos costumes. Embora se diga que o habito não faz o monge, parece que a verdade reside no enunciado opposto. O homem, revestido do uniforme militar, acaba por adoptar um certo rigorismo e aspereza de gesto e de andar. Todas as pessoas que têm alguma experiencia de quartel sabem disto.

O uniforme nas educandas, das meninas que estudam nos recolhimentos religiosos dá-lhes ao espirito um certo mysticismo e na' gesto uma recolhida reserva. E mais tarde, quando ingressadas na sociedade e no mundanismo, não perdem inteiramente o recato a que o uniforme collegial as habituou.

Porque, pois, ha de ser temerario suppor que uma mulher que veste livremente, acaba por pensar livremente tambem? Não ha nisto malevolencia contra o sexo encantador... Estou arrazoando com simplicidade e com logica.

Seria, por outra parte, insensato ver nessa ligera depração de costumes um irremediavel perigo de dissolução social. Não. A moral ainda não annunciou a sua fallencia. As excentricidades da moda não passam, em rigor, de um pormenor passageiro.

M. B.



TOILETE DE GERMÂNIA

Pelo seu preço de uma vez só, para sua confeção precisa-se de 6 metros e 15 de seda de 100 cent.; 14 de cotoiço lencinho, de 100 cent., para as mangas e blusa; 14 de cotoiço para as mangas e a parte inferior da blusa. Este modelo que muito bem se adapta aos gostos, pois a blusa costura aberturas da toda esportiva da moda elegante moderna.

Decálogo infantil

(CONCEITOS QUE TODAS AS MÃES DE FAMÍLIA DEVERIA SABER DE CÔR)

Dizem os hygienistas que a maioria das enfermidades e das mortes das creanças podem ser evitadas se se seguir ao pé da letra, com o maximo rigor, o seguinte decálogo:

Primeiro. Criem-se as creanças com o leite materno, que é o unico alimento que a natureza prepara e destina para esse fim.

Segundo. Dê-se-lhes o peito com regularidade, nunca com menos de trez horas de intervalo, para que a digestão seja boa e perfeita.

Terceiro. As janellas do quarto onde dorme a creança devem estar sempre abertas, para que a mudança de ar seja constante.

Quarto. Faça-se com que a creança durma uma sesta ao ar livre, para que respire o ar mais puro possível.

Quinto. Evite-se que as moscas e mosquitos pousem nas carnes das creanças, cobrindo-as com um mosquiteiro quando ellas estiverem em seus berços.

Sexto. Dê-se-lhes um banho todos os dias, e, nas epochas de calor, varias vezes por dia, para que estejam ellas sempre limpas e frescas.

Sétimo. Não se envolvam as creanças em muitas roupas e faixas ajustadas, senão folgadas, para que tenham livres os braços e as pernas e poderem exercital-as á vontade.

Oitavo. Não se deve fazer-lhes cócegas, aliral-as ao ar nem cavalgal-as sobre os joelhos, evitando-se, com isso, muitos transtornos nervosos.

Nono. Convem fazel-as deitar cedo, para que durmam bastante.

Decimo. Não se lhes dêm especificos, xaropes calmantes ou outras drogas sem a approvação do medico, para evitar intoxicações e morte prematura.

ESCRITORES SUL-AMERICANAS

Entre os escritores argentinos, um dos mais brilhantes, foi sem dúvida, José Hernández Rodó, autor de inúmeras obras de alto valor, entre as quais, *Trilce*, *Metáfora de José, Mirador de Fátima*, e muitas outras. Encontramos a propósito de Ildefonso de grande escritor, que escreveu muito recentemente, um excelente conceito, publicado pelo brilhante diplomata e jornalista uruguayo, Dr. V. M. Carró. Encontrado, de *Negocios de Uruguay* na Bolívia e no Chile. O Sr. Carró, que anda e muito novo, tem feito uma rápida e victoriosa carreira na diplomacia. Deve isso não só aos seus dotes pessoais, de bello e gallico libalismo castelhano, como amada, e principalmente, ao vigor de seu espirito, formado em suas escolas philosophicas, e abençoado, finalmente nos melhores autores da literatura mundial. No intuito de dar a conhecer as boas letras das bellas espíritos da republica uruguaia, e aqui estamos ligados por laços de tão estreita amizade e simpatia, transvemos a seguir alguns topos do artigo do ministro Carró, que é um grande apaixonado de nossa literatura, tendo, ainda agora, traduzido para o hespanhol a comedia *El arrazo de*, de Claudio de Souza.

No momento do desaparecimento de José Augusto Rodó aquilata-se o influxo exercido por seu espirito singular, formado na sabedoria helênica, e vivendo numa epoca turbulenta, versátil e sceptica pelo seu superficialismo — seculo que poderá representar o occaso de uma civilização envejecida, ou o amanhecer de um revigoramento geral das energias sociaes. Bem sabia Rodó que a sementeira da juventude representa a promessa de uma farta messe na velhice; e, assim, desapareceu o sementeiro, certo de que a bô semente que espalhou; continuará a fructificar no continente americano. Si analysarmos o traço predominante de seu caracter, verificaremos que elle nasce da luta interior que o empolgoa, luta que se precipitava do conceito á acção immediata, e que se devia desenvolver num scenario extranho para a sua alma helênica, embalada nas phantasias dos crepusculos suaves, após o incendio turbilhão das creações cerebraes; scenario em que vive uma sociedade febril, de almas pequenas como as das formigas, e pretenciosa como a dos leões, e que se se rejubila quando descobre o ponto vulneravel, por onde pôde atacar e vencer, com hypercisia e disfarce.

Rodó, porém, não se deixou vencer pelas forças dissolventes que o cercavam, resistindo aos conselhos de Otruda, que tentava emmanhar-lhe o nas tortuosidades do penedo esteril da politicagem.

Em Rodó completam-se, com harmoniosa serenidade, a idea e a palavra. Quando pensa, seus conceitos defluem naturalmente, transfigurados por uma luz nova, sejam fundidos no crysol de nobres optimismos, sejam animados pela realidade mais subtil.

Sua phrase escripta decorre como limpida corrente sobre leito de porphyro; ella a esculpe com os carinhos com que um esculptor apaixonado aparta e burne um baixo-relevo; é o orniçes que iraballa com amor a filigrana que deve receber as preciosas gemmas da idea.

Não escapou Rodó aos embates da paixão, pois que de barro era a sua essencia; por duas vezes foi injusto, e quasi que o foi, apenas, para que resaltasse a pureza do seu caracter. Em *Trilce*, escripto na sua mocidade mais precoce, não se libertou dos prejuizos consagrados; encanou os Estados Unidos pelo criterio hespanhol, tentando a conquista de Cuba através da formula Monroe. Prospero teve assim monologos arbitrarios; assignalou a seus ouvintes uma America materialisada, com a alma do dollar, musculos de aço, e por coração um cofre-forte; esquecendo-se que a America se formou com a peregrinação de todos os escorraçados e revoltados pelas injustiças europeas, e que, por isto, se tornou essencialmente o seu programma a reinvidicação da liberdade; esquecendo-se que nella surgiram Jorge Washington, alma admiravel de formador, Edgard Poe, de imaginação ardente, Emerson o grande filosofo, e tantos outros que não podiam ser acimados de "almas de dollar"; e não

prevendo que aquelle povo, seculos depois, como ora se dá, havendo conquistado o outro do Mundo, em meio da derrocada dos valores moraes, se erguia em campeão da democracia e escudo do Direito das Gentes. A outra falha foi a sua descrença no destino humano através das edades. Rodó duvidava da democracia, da democracia cujo seculo e cuja hora nós outros vemos chegada, desmanchando-se a multidão, homogenea e anonima, em individuos singulares, que representam os principios, cuja victoria não tardará, com a formação do novo ambiente social, que fornecerá a todos os que á vida aspirem, pequenous ou grandes, a mesma quantidade de oxigenio que a Justiça social impõe. Em Rodó havia sempre o pre-admittido, o consagrado, o ex-cathedra, num conservadorismo que não se deixava empolgar pelos problemas metaphysicos. Em "Liberalismo y Jacobinismo", opusculo de combate, olvidou verdades terrenas, as da liberdade, igualdade e fraternidade, que, no seu sentido profundamente humano, afervoraram o sangue dos *sans culottes* de 89, e repercutiram pelas gerações successivas como o unico, authentic e pertinaz grito supremo da especie. São, porém, ligeiras nugas, que não formam a obra do eminente pensador; dellas se pôde separar quem não tiver o mesmo credo conservador, apreciando o escriptor pela sua face geral, sempre elevada e pura. Rodó é um operario do bem e da belleza, descobrindo os thesours do espirito, e engrandecendo, com a poderosa lente de sua analyse, o mundo interior que nos habita, e que com elle assume formas e cobra movimento. Com a sua luz aclarara-se o fundo sombrio do nosso "eu", surgindo minucias e reflexos insuspeitados; despertam as adormecidas vozes ancestraes, e ouvimos os ecos de risos, de soluços, os vagos anhelos que fizeram vibrar nossos antepassados, e que os fez, como nós, tentar um passo para a frente, passo incerto em busca da felicidade...

Rodó faz reviver o "Trilce", que se consubstancia em cada um de nós outros, leva ao bem pelos transportes da belleza platonica; a obra pela contemplação; ao pensamento pela lamínosa escada de sua linguagem.

Leonardo, em momento genial, fixou na tela o mysterio do eterno feminino. O sorriso de Gioconda é bom e máu, virginal e perverso, tacito e interrogativo, franco e revel; passará enigmático, e enquanto houver uma alma apaixonada, seguirá sorrindo sem descobrir-lhe a decifração. Gioconda nem é retrato, nem é simples obra de um pintor: é a mulher integral. Rodó, igualmente, sem fixar tipos, discorre sobre o que todos nós levamos de alado, dentro de nós mesmos, de luminoso e impreciso, de anciado e perseguido; o influxo, a scintella do genio subtil que Shakspeare oppoz ao protervo Caliban. Eis, porque sua obra será permanente e existirá enquanto um ponto de intergação se abrir nas consciencias, e enquanto os insomnes, altas horas da noite, mergulharem sua meditação na calma e sonhadora luz do luar!...

Outro merito de Rodó é a frescura de sua obra; suas paginas são rebrotos de primavera, cantos de entusiasmo, vertigem juvenil das altitudes. Quando' nos últimos lustros, o Mundo se cobria de sombras, que presagiam a tempestade, cuja solução, ainda não podemos adivinhar nem prever, a mentalidade de Rodó foi a alva gaiovta entre brumas e torvelinhos de utilitarismos individuais e collectivos, a alva gaiovta que, ao fechar-se o céu carregado da borrasca, abandonou o rispido alcatil e lançou-se mar a dentro em busca de mais hospitaleiros horizontes... Rodó, morto, representa para a America o triumpho da vida; quebrou-se a urna, queda-se porém, o perfume, como a afirmação de um renascer no perpetuo mysterio da fecundidade. A juventude recollherá a sua herança, e na frase feliz de Guyau, transmitirá a tocha inextinguivel aos vindouros, correspondendo aos jovens uruguayos o grave dever de reconhecimento para quem soube coroar a cultura nacional com um ramo de louros colhido em todo o Continente.

V. M. CARRÓ.

ADORNOS FEMININOS

JOIAS DIVERSAS

Os objectos mais simples, taes como broches, botões, fivellas, alfinetes, têm sido pretexto para que as joalherias produzam joias artisticas e até de grande valor.

As *fabulas* da antiguidade, o fecho ou broche da Idade Media, e que realmente não era mais do que os actuaes broches, eram sem par de formoso e exquisito lavor, chegando a fazer-se nelles incrustações de magnificas pedrarias. Inventaram-se os berloques para cadeias de relógios, tão bonitos como diminutos e que se offerciam como prendas, em qualquer anniversario. Os pentes com que as senhoras seguram os cabelos, ornamentavam-se tambem com pedrarias.

Os diamantes utilisaram-se para botões. Um grande senhor russo offereceu a uma beldade em voga, doze desses preciosos botões, sobre os quaes fez gravar caracteres egypcios, a que attribuia um sentido occulto e mysterioso. A feliz possuidora desses botões chama-se *Bella Otero*.

Os botões que se usaram nos trajes dos hidalgos, durante os seculos XVII e XVIII, eram joias preciosas. Eram em extremo procurados os de Hollanda em prata repoussé e os da Polonia e Hungria em cobre ricamente cinzelado.

As cruces peitoraes dos prelados, os emblemas das virtudes theologaes, a pomba emblematica do Espirito Santo, medallhões, relicarios não obstante seu objecto religioso, eram joias preciosissimas, cujos specimens ainda hoje se podem admirar.

Depois destas joias, vêm as corôas reaes e heraldicas, os diademas, os pontaes, as palmas de ouro e pedrarias, conchas nos mantos e vestidos e até o escarvalho verde do Egypto foi incrustado em ouro.

Lavraram-se, cinzelaram-se todos os metaes, e marfim, a tartaruga, a madreperola, fazendo-se com elles trabalhos que são verdadeiras obras primas.

Vio tambem a filigrana, e com quanto a de Genova e a franceza sejam muito apreciadas, as portuguezas, executadas no Porto, gosam de melhor reputação.

Enfim, o homem empregou uma grande parte de seu genio em adornar a humanidade, tomando á Natureza tudo quanto pôde auxiliar-o.

E' um bem ou um mal? Sacrifica-se ás vezes tanta coisa util para possuir uma joia!

Poder-se-iam soccorrer tantas miserias com o preço de um collar!

Mas o homem não se contentou de cavar a rocha para extrair o ouro do carvão bruto; de abrir galerias subterraneas para colher o diamante; perseguiu os elephantas, quasi extinguindo-os, para lhes roubar as



Victimas da guerra

Não são os que estão nas trincheiras os únicos que soffrem, porque a mobilisação dos chauffeurs trouxe muitos desconfortos para os frequentadores dos theatros...

defezas de marfim; quasi extinguiu os "aves do paraizo", para, com as suas caudas symptomáticas, fazer "aigrettes" para os chapéus; deu caça ás marhas zibelinas, ao lindo e candido arminho, aos beija-flores do norte do Brasil. E o homem continua a devastar a natureza para arrancar della tudo o que possa constituir adorno para a mulher!

NÃO SOFFRE DUVIDA

que os productos da Companhia Antártica Paulista, devem ser os preferidos pelo publico, devido a sua cuidadosa manipulação e pela excellencia das aguas empregadas, as quaes são extractadas de poços artesianos com cem metros de profundidade.

A DANSA DAS HORAS

O POEMA DO GIRASOL

Um dia, Claudio Monet, pintor de França, collocou-se em frente à cathedra de Rouen, rodeado de telas em branco, e foi fixando em cada uma, em horas successivas, o mesmo espectáculo, constantemente renovado só pelo prodigio da luz cambiante sobre as velhas pedras esfumadas e cobertas de musgos, sob a patina do tempo.

Assim também eu quero contar-vos os meus entusiasmos ante o espectáculo da vida, sempre a mes-

a farinha, como a agua do degelo que lembra as fontes da montanha. Porque me amou e amei-a também.

Vi o velho inverno, com o seu manto de arminho e senti-me menino, como em presença de um avô que me adormecesse com os seus contos de antanho. Ao ver os montes cobertos de branco, o céu cinzento e, no crepúsculo invernal, os ramos hirtos das árvores, soube como na Vida se podem encontrar, em reversão dulcíssima, as estampas maravilhosas do velho Natal que



ma e sempre renovada, até ao milagre, só pelo giro do sol que a corteja.

A Primavera traz as violetas e o perfume estonteante dos narcisos; tem o estio noites religiosas e crepusculos lentos; o Inverno, amor da intimidade, junto dos lares recatados; magnificencias de ouro antigo, o Outomno.

Passou deante de mim a Primavera, coroada a frente de jasmims, carregada de cylindras. E eu bendisse a Vida, vendo o azul dos seus olhos de céu, limpo e puro. Vi, no Estio, o milagre do girasol, sor de vontade viva que vai seguindo o astro-rei para lhe oferecer a sua floração pomposa. E a Vida foi para mim como uma rapariga exuberante das aldeias, de labios espessos, vermelhos, pelle tostada e cabelleira crespa, fluctuando ao vento. E estreitei essa visão espiritual nos meus braços, sentindo-me tonificado ao seu contacto, sob a sua carícia, simples e forte como o pão que sabe

nos encantaram a infancia. E amei também a Vida do inverno.

E appareceu-me o outomno, na sua opulencia soberana, digno remate de uma existencia noble que devolvesse em flor e fructo quanto houvesse colhido a Vida.

O céu recompoz-me com este dom divino dos meus sentidos lucidos: Giraram as flores para mim! Vieram e vão os tempos! E o encanto incessante da Vida desprega-se e deslha ante os olhos do meu espirito atonito.

Cada momento traz a sua flor.

As horas dançam em frente de mim, em bando leve e rythmico de musas e astros.

E eu vi... sim, vi também, em todos os tempos, esfarrapados e miseros, arrastando-se, com dissimulação astuta, pelas sebes dos jardins, para roubar magnolias e matar roxinões. Vi mulheres perfumadas trocar o

pão por joias afim de que nós outros, contentes com o seu aspecto gentil, lhes pagassemos mais caro o amor... Vi almas de cinza e almas feitas de ether... Fui unguido pela felicidade de escutar a voz de almas immensas e chorei pela dor que passa sobre a humanidade, semelhando o vento que sopra sobre os areaes do deserto...

Hoje vi, sem ir mais longe, entre a vida vulgar, numa dessas ruas de grande movimento, uma velhinha com um grande taboleiro cheio de bugangas, botões, passadores, lapis, pequenas cousas... Muito cosida á parede, para não interromper o transitio, chorava sem gemidos, sem convulsões, sem uma queixa...

Por que miséria? Por que ultrages? Pelo canção de tanta amargura na velhice? Pelo peso dos annos?...

Alguem que passava, commentando a pobre visão, dizia que ella não venderia nada e fez notar a triste irrisão da coitada que na mercadoria pozera todas as suas economias, como uma unica esperanza para reunir, tostão a tostão, na ganancia de cada compra, com que sustentar a sua decrepitude.

Seria essa a explicação do seu pranto? Não pude averigual-o porque levava pressa. As centenas de pessoas que, como eu, passavam pela rua, lambem levavam pressa.

E a velhinha alli ficou, derramando lagrimas sobre o seu thesouro lastimoso.

Era magnifico o céu, esplendida a tarde, a belleza eterna. Giram as horas sem cessar. Cada momento traz a sua flor...

E assim todos os dias, uma ancian chora ante a Humanidade que tem pressa. Floresce, debaixo de um céu magnifico, um prodigio distincto em cada hora. E um espectador monstruoso — eu, tu, nós todos — canta embriagado pelo entusiasmo e pela dor, a grandeza immortal desta immensa tragedia que é a Vida...

1917

Manoel Aóril.

PRECE

(SOLICITE O MATERIAL DE PREENCHIMENTO)

Tudo acabou-se! Pallida, sem vida,
na santa compostura de uma crente,
sobre um esquite, lugubre, estendida,
com placidez sublime e permanente.

Parece descançar de enorme lida
— como um justo a dormir serenamente,—
pois que tanto luctou, sempre trahida,
pelas ingratidões de muita gente!...

Lá do céu, onde habitas, tu, agora,
tua alma transparente, alma de aurora,
cheia da Luz de Deus, alma de Asceta,

Derrama o teu olhar e a tua prece,
todo o favor que Deus te concedesse,
sobre mim, tua inconsolavel netá!

S. Paulo — 9-9-917

EDWIGES M. DE CARVALHO

Jogos de Prendas

A CIGARRA E AS PORPIGAS

Tira-se á sorte para saber qual dos jogadores é o primeiro a fazer de *cigarra*. O sorteado conserva-se de pé, enquanto os outros jogadores que representam as formigas assentam-se em circulo; escreve em seguida num papel que conservará escondido, o nome de um grão que mais lhe agradar para seu sustento, e dirigindo-se aos circunstantes dirá: Minhas boas amigas, supplico-vos a esmola de um grão para meu sustento que me daes vós, boa amiga? (dirigindo-se em particular a um jogador).

O jogador interpellado responde por exemplo:

— Só vos posso dispensar um grão de milho.

— Obrigada, e vós, minha visinha, (dirigindo-se a outro jogador).

— Alguns grãos de centeio.

— Obrigada, visinha.

Assim se dirige a cada jogador até que um lhe offereça o sustento previamente escripto; este dará prenda e tomará o papel de *cigarra* e neste caso dirá:

Acceito, minha boa amiga, e que Deus vos pague! e mostrará o papel escripto. Se nenhum dos jogadores acertou, a cigarra dá prenda e o jogo recomeça do modo seguinte:

— Louvado Deus! Já comi. Pede-me o pé um pouco de dança. Que dança me aconselha visinha? (como anteriormente, escreve a dança escolhida).

O jogador interrogado responde, por exemplo, a valsa, e enquanto não fór nomeada a escolhida, a volta continúa, pagando prenda o jogador que repetir uma dança já citada.

Assim continúa o jogo até que um dos circunstantes tome o lugar da *cigarra* e a nova *cigarra* proporá um novo pedido e assim successivamente até que todos os jogadores, por sua vez, tenham feito o papel de *cigarra*.

INQUESTIONAVELMENTE

Quem zela de sua boa saude deve preferir os productos fabricados pela Companhia Antartica Paulista devido o esmero empregado nas suas fabricações e principalmente pela qualidade das aguas que são utilizadas as quaes são extrahidas de poços artezianos de cem metros de profundidade.

As heroínas do Brasil

BARBARA BEBIODORO

Em todas as nossas grandes revoluções democráticas ou em quasi todas, como tambem na minoria das nossas revoluções repressivas e patrióticas de toda a ordem, pôde de certo se apparecer sempre um homem, e mesmo muito de mulher a animar, a encorajar e dignificar os heróicos e desinteressados actos, commungando plenamente nos seus ideaes e batallando a seu lado, quaes verdadeiras heroínas — umas pelo coração e espirito, outras pelo exemplo e acção, todas, porém, sem medir sacrificios, com devotamento e abnegação. Assim foram Beata Patria, na Capitania do Rio de Janeiro, em 1793; D. Anna Luit, nos Alagoas, em 1817; D. Anna Alencar Arrajpe, no Ceará, em 1821; as irmãs de Beato Gonçalves, D. Anna e D. Antonia, no Rio Grande do Sul, durante dez annos, de 1835 a 1842 (Guerra dos Farrapos); e Annita Garibaldi, pela mesma época, em Santa Catharina.

Barbara Heliodora, a Heroína da Inconfidência, como figure chamam Americo Werneck, é a primeira filha de mulher que surge, em a nossa historia, numa insurreição puramente republicana.

Era filha do Dr. José da Silveira e Souza e de D. Maria Bueno, descendente, portanto, de uma das mais illustres familias de S. Paulo, e de Amador Bueno, aquelle que, em 1641 ou 1642, quando chegou ao Brasil a noticia da Restauração de Portugal, rejeitou a acclamação do rei, aconselhando e conseguindo que o alivio e forte povo paulista reconhecesse como tal a D. João V, evitando assim, por esse seu zesto espontaneo e altamente patriótico, que Brasil se fraccionasse em duas — o norte e o sul — pois sabido que desde a 1.ª invasão hollandesa (1624) até 1641, a nossa patria, do Rio de Janeiro até a extrema ponta do Brasil, viveu por si mesma, independente do Governo da metropole e como uma verdadeira republica, segundo a affirmação do grande historador Oliveira Vianna em seu livro *O Brasil e as Estrelas Fortificadas*.

Barbara Heliodora — narra um coetaneo historador mineiro — recebeu educação primorosa e a forte personalidade que revelava a nobreza de sua origem (*Campanha da Princesa, estudos historicos*, pp. 23).

Prossegue: "Todos os encantos da intelligencia, da belleza, da graça e da virtude se encontravam nessa mulher extraordinaria. E para que melhor pudessem comprehender o seu espirito, o culto das musas, he era tão familiar, como a elle proprio (*Op. cit.*, pp. 23).

A heroína mineira era casada com o Coronel do 1.º regimento de cavallaria auxiliar Ignacio José de Alvarenga Peixoto, inspirado poeta e ex-ouvidor do Rio das Mortes, um dos cultos de maior proponderancia na Inconfidência, não só pela capacidade de albedão que, como pela sua riqueza e os elementos de acção de que dispunha para quando o movimento tivesse de entrar no terreno da realisação pratica.

E era por isso que os conjurados da revolução de 1789 em Minas nada deviam sem o ouvir. Assim, na primeira reunião havida na casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade para se entrar de-issivamente em acção, isto é, fazer explodir o movimento, foi a sua palavra que deu sancção plena e definitiva ao plano desde muito elaborado nesse sentido.

"Ahi, diz Joaquim Norberto — soube a Alvarenga Peixoto a immoventidade de angustiar gente entre os habitantes da Capitania do Rio Verde, onde gozava de grande influencia — e o coronel do 1.º regimento de cavallaria auxiliar."

Na segunda reunião que teve lugar em casa de Claudio Manoel da Costa, para se tratar da bandeira que devia ter a nova republica, foi tambem a palavra de Alvarenga Peixoto que prevaleceu, na parte respeitante á divisa da mesma bandeira.

Claudio Manoel da Costa propuzera a principio a inscripção que era então a bandeira dos Estados Unidos: *Libertas aequi spiritus*, que foi rejeitada, e que elle substituiu por esta outra: *Viri libertas est nihil*. Alvarenga Peixoto oppuzesse, porém, a ambas e

lembrou logo, como mais apropriado e expressivo, este versiculo de Virgilio: *Libertas quærens timor*.

E os conjurados unanimemente o acceitaram.

Barbara Heliodora inclinada honestamente por Alvarenga Peixoto tinha sobre elle absoluta e decisiva influencia. E no seio da conjuração o grande inconfidente nunca apresentou um pensamento ou uma idéa que não tivesse sido antes submettida ao juizo da esposa e á sua approvação, quando essa idéa ou pensamento não eram o resultado de um estudo preliminar de ambos, que não de este modo ella foi uma incomparavel e dedicada collaboradora do marido, na obra theorica da revolução.

Senhora de legitimo talento e cultura, e tambem de uma rara energia, Barbara Heliodora possuia inatas e vigorosas qualidades sensorias e um temperamento affirmativo que, reunidos áquelles predilectos supremos, á sua belleza e ás suas inextinguíveis virtudes, dominava inteira e triumphalmente o espirito, a accção e o caracter de seu marido, nullo as lousava verdadeiramente superior pelo pensamento e pela acção.

Este, que era de uma grande iniciativa e de um espirito pratico firme e empreendedor, pelo seu talento e pelo seu amor á patria e aos ideaes humanos, politicos e sociais, não no campo transcendente e sem fim da especulação ou da abstracção, mas no campo mais util e fecundo da industria, da positividade, da verdade e da realidade das cousas, deixou a magistratura e fez-se industrial, porém, de tamanha tino e genius que, em poucos, era dos primeiros, acção a primeiro, da sua terra natal.

De S. João d'El-Rei, onde residia, passava para o Campanão do Rio Verde, e como diz Alfredo Valladão, "adquire alli terras mineiras e realisa importantes trabalhos hydraulicos na exploração das jazidas. E estes trabalhos aproveitá á colheita de ouro, dessecando-as em melhores minas e lavras de varios possuidores, as quaes comprehendiam para mais de quatro mil dattas mineiras, até então abandonadas pela falta de expedição de aguas."

Foi em virtude deste enorme beneficio, prestado á industria local e consequentemente á provincia que a prozelização que se fez na Capitania de Minas, D. Rodrigo de Menezes, o nomeia coronel do 1.º regimento de cavallaria mineira da Campanha.

Logo no inicio dos seus admiraveis trabalhos de mineração, a prosperidade começou a sorrir a Alvarenga Peixoto que, em breve, possuia, como diz Joaquim Norberto, além de sua importante fazenda dos Pinheiros, as terras e aguas mineiras da Boa Vista, Santa Rufina, Espiçães, S. Gonçalo Velho, Castro, Campo do Fogo, Atarrado, Ouro, Falso, Santa Luzia, e muitas outras, como consta do sequestro de seus bens (*Brasil*). Obras poeticas de Alvarenga Peixoto, pagina 111, nota 79).

Logo, Alvarenga Peixoto, que aliás desde o seu enlace matrimonial com Barbara Heliodora, fizera do seu lar um ninho de enleves e felicidade, mais profunha e exclusivamente, se é possivel, nelle se conceitrou, agora com o soberano encanto de sua linda filha, Maria Epiphania, que era o retrato physico e moral de sua illustre mãe, tornando-se para esta a mais apreciavel das filhas, um verdadeiro e incomparavel talismão, pois Barbara revive nella numa desigualavel idólatra de filha, adorava-a — e exigia dos mestres não só toda a paciencia, como deferencia por aquella que, dizia ella, devia ser tratada como filha.

E sonhava para a filha tão altos, tão maravilhosos destinos, que á a sua aspiração parecia tocar ás nuhas da inverosimilhança, do impossivel. Mas era mãe e as mães, rogo genualmente assignalla Guerra Junqueiro numa das suas poesias, são mesmo assim, quando pensam na sorte e na felicidade dos filhos.

A tal respeito velamos o que diz Joaquim Norberto á pagina 182 da Historia da Conjuração Mineira:

"... E a testemunha José Joaquim de Oliveira diz: *Uma vez que eu estava com a filha Barbara e com a sua filha, Maria Epiphania, devia ser tratada como Princesa do Brasil, e era logo conhecida que apresentava que, se o país visse a ser governado por nacionalis, sem sujeição*

à Europa, e á sua filha, pela sua intelligencia e actividade, era ser para sempre das mais antigas e primeiras familias paulistas.

Como se vê, sonhava para a filha a deusão de uma Catharina da Russa, mimosa Catharina de Suedia, e democrata. Conhecesse bem, por ali, que era uma poetisa e uma phantasia e idealista do estro igual, senão mais vivo, que o de maritima, que nunca conseguia apaixonada e delirantemente, e atesta, a fundo, esta poesia que elle esconjurou, ás nas maismoras florestas e sinistros da ilha das Colôras, onde escongeva e agonizava sangrando, só cheio de amor por ella, a sua alma limpida, idealisada e de ouro

Barbara heita
Do Norte estrella,
Que o meu destino
Sabes guiar;
De ti ausente,
Triste somente,
As horas passo
A suspirar.

Por entre as pommas
De heultas bronzas
Cança-me a vista
De te buscar;
Perço a tua imagem
Mas que o desejo
Sem esperança
Tem de encontrar;
De te buscar
A noite e o dia
Sempre contigo
Ficou passar;
De te buscar
Sorte invejosa
Destra fortuna
Me quer privar

Por entre as pommas
Temos abraços
Da filha amada
Vides gozar;
De te buscar
Triste somente
De ti e della
Inessa dos modos
De me matar.

Parcees Camille Desmoulins enviando da prisão verees e cartas sentimentalissimas á sua adorada esposa Luclie Duplessis.

Denunciada á Conjuracão do Visconde de Barbaente e de Albuquerque, pelo Coronel Joaquim Silveiro dos Reis, foram presos os inconfidentes Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade; Desembargador Thomaz de Alvarenga, ex-ouvidor de Villa Rica (hoje Ouro Preto) e celebre poeta da Marília de Dirceu; Padre José Carlos Corrêa de Toledo, vigário da villa de S. José; dr. Claudio Manoel da Costa, advogado e tambem poeta insigne; Capitão José de Rezende Costa e um filho do mesmo nome; e o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Freixo.

Alvarenga Peixoto foi um dos ultimos ou o ultimo a ser preso. Vendo o destino desses seus grandes companheiros de ideaes politicos e calculando a rigor da punição que os esperava, torturado por toda a sorte de apprehensões, entre o dever civic e o amor que consagrava á esposa e á filha, de quem nunca contou ter de separar-se senão pela morte, desesperado e louco, pensa em realçar o primeiro e fugir no seu terrivel infatigavel, seguindo o exemplo inominavel e infame de Silveiro dos Reis, denturando por sua vez, os seus amigos e irmãos em patriotismo e aspirações democraticas.

E sob essa idéa satânica e vil, que lhe esmaia a alma, os seus melhores sentimentos, torna-se extranhamente taciturno e recluso, encauchando-se em apartamentos privados do lar, fortando-se ao convívio de todos e de propria esposa e filha infinitamente amadas.

Barbara Heliodora, adivinhando, percebendo mesmo claramente os intuitos intimos que o dilacerava, não se retrahiu do seu regular, injustificavel e improprio de um animo que ella conhecia sempre varrel e heróico, resolveu interpollar-o do subito e desvencando-o, metendo no quarto onde elle se asyava no momento:

Que tens, Alvarenga?

Elle vacilla a principio,
E depois, com a voz trémula da esposa,
vassa-de alma, contalle tudo: a catastrofe que estava imminente, e a salvação unica — a denuncia!

— denuncia!
— denuncia!
— denuncia!
Que horror! Tu, delatador?... A denuncia, nunca! Contam sobre nós os castigos todos

deste mundo, por haveres trabalhado pela liberdade de nossa Patria! Arrastou-se a nossa casa, tirou-se a nossa vida. Mas comprometidos teus amigos que contigo se bateram por tão santa causa! Se é preciso, segue com teus companheiros para o martyrio! . . .

E ajoelhou-se, suplicante.
— Por Deus, Alvarenga, poupa a tua familia e a honra da deusa!

Perdiu! disse Alvarenga.

E beijou as mãos esposas como as do anjo da guarda.

Esses filhos esqueléticos são do bello

ouso *Companhia da Felicidade*, de Alfredo Valladão, que tanto tempo citou no perfil da egreja heroica mineira.

Alguns dias depois daquelle scena dramatica e dolorosa, surgia em S. Paulo d'El Rey o official enviado a prender Alvarenga Peixoto.

Este não estava, porém, em casa. Andava em passeio pela cidade. De repente, encontra um soldado que o faz estrear, d'élhe vae de prisão e condit-o a presença do dito official.

E Alvarenga Peixoto é logo algemado e coberto de ferros, não mais voltando ao lar, nem mais vindo a familia.

Assim, foi carregado para a cidade do Rio de Janeiro, onde chegou privado de chagas, sendo immediatamente recolhido ao subterraneo de uma das fortalezas da Ilha das Cobras.

Ahi aguardou o desenvolver do processo que durou quasi tres annos e que terminou por condemnar os *carcerados* a degredo temporario, em Africa, menos Tiago de Que, como militar, foi enforcado no dia 21 de Abril de 1792, no Rio de Janeiro, no local do antigo e vasto Campo da Lapa, onde se eleva hoje o edificio da *Escola Medica Fluminense*, destinado a assignalar um alto preito de admiração civica á sua gloriosa memoria.

Mes a sentença contra Alvarenga Peixoto (o que succedeo nos compoentes) declarava infame a sua prole — diz Alfredo Valladão.

Barbara Heliodora, que até ahi suppoz soffrerem serenidade e resignação a sua immensa desdida, cahiu fulminada pela desolação e desampno diante do miseravel habên elle que vicia a natureza e a honra, e ella que tinha o mais justo e fundamental orgulho da honra e da nobreza de sua familia.

E assim narra ainda Alfredo Valladão — a desorden invadididoe os sentidos, apogou-lhe a intelligencia brilhante e a intrépida matrona submergiu no chaos da loucura.

Mes teve uma luctuosa poelidoe — accusada o mesmo historial — sorria e cantava em voz baixa e como lhe flexões suas impressões fugitivas da maldizaga revolução e suas causas, simbulva distribuir entre em pé as pessoas que della se approximavam, acompanhando o gesto com palavras de uma ironia reconhecida sobre a ambigão mesquinha e insensivel dos despozes. De vez em quando reflectia, com tristeza, a poesia que o martyrio lhe cantava da prisão. . .

E assim morreu. A filha, a talitosa e encantadora Maria Epigénia, a quem ella appellidava a *Princesa do Brasil* e para quem se ambicionava um soldo, mas um soldo demorata no Brasil livre e poderoso, a precedera no tumulo, folizmente!

GENERAL CARLOS DE CAMPOS.

BOAS FESTAS

A *"Revista Feminina"* continua a receber dos seus numerosos assignados, de todos os pontos do paiz, cartões de felicitação nas boas festas. Enviaram-nos boas festas as seguintes pessoas:

D. Clementina D'Ornellas Camara, Recife; A. Maria Cruz, Recife; S. Carolina Cyrillanti, Embosé, Paraíba; A.ura D. Leme Nogueira, Barretos; Elisa Moreira, Pindamonhas; Maria; Marieta Penna, Bello Horizonte; Idalene — Valjean, Recife; Dr. João de Castro, Bello Horizonte; Helicé; Zelina Moreira Bussante, Perdiões; Eulânia Martins, Guarapava, Paraná; Lucilla Mattos Barreto, Arraquiara; Instituto Universitario de Mandato.

Enviaram-nos tambem folhinhas de anno, com lindos chromos, o sr. J. Teixeira Chibante, rua Cantareira, 10; Companhia Paulista de Seguros e Cias. Financeiras, o calendario de Holmberg, Beck & Comp., importadores de papel; Sociedade de Artes Graphicas; Casa Falcão e Companhia Calcado Villegas.

A todos os nossos bons amigos, as nossas boas festas e desejos de felicidade.

A Sciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: — Isto elle bebeu com o leite e nesta synthese popular está enveredada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber a força, a saúde, o *mens sana in corpore sano*; e com o leite pode-se tambem beber o rachimismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentição, renunciando a futuro miseravel, arrastado em meo de molestias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella não se preoccupou de repousar, de alimentar-se bem e, principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da creança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella terli evitado se tomasse cada dia quatro *Milcom Iralcals Pastilles*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcicos para a formação dos dentes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica d'positaria deste producto em São Paulo — Um vidro com 200 partilhas: 20\$000. Enviar o pedido e importancia. — Com quantia tão insignificante garantirei a formação perfeita do lindo bebé sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

Empreza Feminina Brasileira

Praça Antonio Prado (Palacete

Bricolca) São Paulo

REMESSAS PELO CORREIO:

Atendendo ao pedido de grande numero de leitores, resolvemos enviar ás nossas leitoras de interior, os artigos necessarios para trabalhos de agulha. Todos os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importancia e mais 10% para portos. Os artigos que não puderem seguir pelo Correio, serão enviados por estrada de ferro, frete a pagar.

Ricos albums de modelos. *Tamanhos geralmente grandes nítidos e desenhos independentes para trabalhos, a saber:* — *Ponto de cruz, volume 1, um \$3500* — *Bordados sobre elatimino — um \$3500, a serie de tres \$12000* — *Bordados sobre elatimino coloridos, um \$3000* — *Rendas e franjas macramé, um \$3500*. *Bordados sobre Fielet ou labryrintho, um \$3000* — *Dezenhos ponto de talapuz de cruz colorido, unico labryrintho, modelos grandes, cada um \$600 reis* (trêsna sua grande variedade) — *Leus Merião Dia Distal, em todas as cores, volumes de 20 grammas, cada \$600*, em outras cores, modelos grandes \$3500.

Linhas de linha para bordar \$3500 o pacote.

Archivos de seda para trabalho, modelo 65000, cubargo de lii varians cores em peças de 20 metros, cada \$3200 — *Vitelo de seda, artigo superior, azul claro, metro \$3*, *Cordão de seda, grosso, metro 600 reis, linha sua para mais fino, 100 reis, papel chinês para desenhos, cada folha 500 reis.*

LIVROS NOVOS

Justa Malata, poema de *Menotti del Pichia*, edição da Casa Paulina, Hapira, São Paulo, 1918.

Menotti del Pichia é um nome já conhecido em nosso meio literario. O seu poema biblico *Moyses* errou em torno do seu nome uma atmosphera de sympathia e curiosidade.

Justa Malata, este seu ultimo trabalho é interessantissimo. É um episodio da vida do serlio, simples, mas intenso. Os versos de Menotti são sempre correctos e os seus conceitos são, ás vezes, de uma empolgante originalidade. O poema é dividido em nove partes, que levam estos titulos: *Genios, A coronata, Alma silena, Fugacitade, Demontação, Precipicio, A monja, A vir das telas, e Recurrençãe*.

Gratos pelo exemplar que nos enviou.

Um cartorio para todos, de *Ji para Mogyra*, edição de Pimenta e Comp., Rio de Janeiro, 1917.

É um livro interessantissimo este, que se lê com prazer, fazendo demorar a imaginação, por vezes, numa pagina onde o estylo tem uma fulgurante mais viva, ou num conceito onde uma verdade nova e extranha se encerra. É, sobretudo, um livro leve, de leitura leve, como esses que a gente gosta de ler em certas horas, para fazerem passar mais dias de pressa.

Alvaro Mogyra, no contrario da maior parte dos nossos escriptores, que se comprazem tanto em ser eloquentes e em dar o valor de um trabalho, em meio pela sua extensão, é um synthetico. Todas as suas composições são curtas; mas não se perde o esforço, que elle deve ter, de fazer o melhor. Apesar de curtas, ellas se caracterizam por uma rara belleza e, ás vezes, por uma extranha intensidade.

Fera é que não possuamos, neste espcro estreito que nos é reservado para agradecer os livros que nos enviam, dizer mais sobre o valor de Alvaro Mogyra e das bellezas que a seu livro contém.

Par, versos de Augusto de Andrade, edição da Imprensa Nacional, Recife, 1918.

Augusto de Andrade é medico em Recife. A sua estrã nas letras com o livro *Psychophysiolgia*, foi das mais auspiciosas, impudendo elle, em seu meio, pelo vigor do estylo e pelo encantador eruditismo que, a cada passo, fazia ressaltar das suas composições.

Com o seu livro *Par*, o autor de *Luzes*, com brilho, a sua estrã nas poelias. E tem prosadoo elegantemente que tem poelias. Os seus versos são lindos. Os versos não tem sozinhos para elle. Manjeio com facilidade e segurancia, obtendo, não raro, effeitos d'arte surpreendentes.

Faço aqui os nossos leitores, facino lida desse comprehendido volume de versos, apud vae este conjunto, que não é, por certo, o melhor, mas aquillo em que estão mais altamente caracterisadas as suas qualidades.

A FRUTILLA

quando a fruta de Fera, nua e semita, hucelios acordes excento.

Surge da negra treva a luz da aurora
E em cada canto um cantico se escuta.

E todo aroma o espirito de Flora...

Rugem as feras no Amago das grutas...

E lora a seara... O mar estroinda, chora

A fonte e até sentilha a pedra bruta.

Georgina um nido em cada fôrca tota;

A planta verde em Bades se desortea;

O odio amargo e feroz é amor triumphal.

E' que no suppo da fruta, se detrona;

Nua turbilhão de sons, poi solta a terra

A harmonia da vida universal.

DO ODIÓ... AO AMOR

Envolto em nuvens de pó passava um dia, á luz ardente do sol da Judéa, um corcel ofegante e velóz, montado por um moço rubro de colera e cheio de vinganças.

Corria de Jerusalém em direcção a Damasco.

Os vinte e cinco annos, mais ou menos, do cavalleiro judeu brilhavam, chispantes de vida, em todos os seus gestos e ameaças. Chamava-se Saulo ou Paulo, e tinha abandonado a cidade dos prophetas para ir enganar a sua lança, numa furia horrivel de perseguição, em o peito tranquillo dos primeiros christãos, que começavam a aggrejar-se para os lados de Damasco, em volta da nova idéa do Martyr da Cruz.

De subito, o céo abriu-se, numa chama offuscante de graça e luz, e deixou passar pela frente do cavalleiro pharisaico uma pergunta divina: « Paulo, Paulo, porque me persegues? » Subjugado pela visão e tocado pelo arrependimento quebrou a lança que tinha nas mãos, e, arrastando-se até aos muros da cidade visinha, foi cahir constricto e vencido aos pés d'um velho veneravel—do velho Ananias, de que nos falla a Biblia.

Feito christão, arranca a armadura de aço que lhe ferrava o corpo, toma a tunica e o manto dos filhos de Christo, e faz-se Apostolo.

Já neste tempo, a nova doutrina, rompendo os limites da Judéa, costeava a Phenicia e irradiava esplendida e triumphante sob o céo de Corintho e pelos bosques de Daphné da corrupta Antiochia.

A lucta continuava.

E a pompa do Amor voando sempre de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, passava gloriosa sobre as cupulas desmantelladas das synagogas silenciosas e sobre as ruínas dispersas de todos os idolos. As settas dos inimigos bem lhe riscavam a plumagem macia, mas resvalavam torcidas, porque tinha a protegel-a o metal forte d'uma idéa, a vontade suprema do céo.

Paulo foi escolhido para apostalar ás terras do Oriente.

Neste comenos, achava-se em Antiochia.

Lança um ultimo olhar sobre a cidade gentilica, e parte, cheio de alvoroço, levando n'uma das mãos uma cruz e na outra alguns pedaços de papyro.

la prompto para fallar, e segurava nos dedos o vôo das suas epistolas.

De raça hebraica, corria-lhe nas mãos o sangue puritano. Era um d'aquelles espiritos que não conhecem obstaculo no caminho. Apparelhado para a victoria lançava-se nos espaços escuros ou claros, borrascosos ou limpidos, contando que, como as aguias, venesse as alturas e voasse acima dos abysmos.

Dentro em pouco o moço fogoso chega á Syria, á Frigia e á Galácia; atravessa a Tróada, a Mysia e a Arabia; entra na Macedonia e em Filippos; e por toda a parte derrama as labaredas purificantes e extensas do facho bemdito que agitava nas suas mãos—do facho da fé e do amor em Christo.

Não era um simples homem que passava por aquellas terras negrejantes de sombras; era um torvelinho valoz como uma setta, e escaldante como uma braza, que ateava todas as imaginações e fazia vibrar todas almas.

Bateu depois ás portas de Athenas.

Estas abriram-se pesadas e scintillantes, sem esforço e sem demora, para dar passagem ao peregrino mysterioso.

Pensava Athenas que havia de ofuscar com as maravilhas e fulgores intensos dos seus jardins e lyceus o forasteiro audaz, o orador impetuoso.

Athenas enganou-se.

O convertido de Damasco foi direito ao seu fim. Foi ao santuario da philosophia e das letras. Foi direito ao Areopago. Fixou a legenda -ao Deus ignoto-, talhada em bronze acima d'um portico, e entrou.

As cadeiras altas e eburneas dos pontifices da sciencia estavam occupadas.

Envolvidos nas suas tunicas alvas e ricas os sabios interpellavam-se e discutiam.

De repente ergue-se deante delles a figura austera e aprumada de Paulo, com signaes evidentes d'uma viagem apressada — cançado ainda e com manchas de

pó sobre um manto velho e amarrotado.

Convidado a dizer porque alli apparecia, o grande Apostolo das gentes abriu os seus labios e, n'uma lingua-gem impregnada de oiro e fogo, desvendou-lhes o grande mysterio da legenda metallica, mostrando quem era esse Deus, que os discipulos de Jesus não ignoravam, e que os sabios de Athenas ainda desconheciam.

E á medida que o Apostolo desdobrava os explendores da sua doutrina, os velhos sacerdotes d'aquelle templo de luzes, sentiam que se lhes apagavam as rutilações do saber e que se sumiam no esquecimento e no desprezo os pergaminnos, cobertos de illuminurias, da sua philosophia peripathetica, imperiosa e calculista.

As chammas das suas idéas lá ficaram. E, pouco depois, arrastando-se em todos os sentidos, ao sopra de Paulo, foram até Cesareia, e, d'alli, serpenteando em todas as direcções, subiram até Roma.

Com ellas, entrou na capital do mundo o grande operario de Christo. Aqui deu de rosto um dia com o vulto venerando d'um velho respeitavel. Era Pedro — de frente coroada de cás, de mãos calçadas pelo trabalho, pallido, pobre, quasi mendigo.

A acção do moço de Tharso uniu-se, n'este momento, aos esforços experimentados da velhice; e, dentro em pouco, os ensinamentos do Golgotha entravam jubilosos em todos os lares e em todas as almas — no casebre do pobre e no palacio do rico, no coração da gente escrava e no coração da gente patricia.

E, para que a doutrina já divulgada, não fosse esquecida, Paulo desenruga o papyro das suas epistolas e fal-as espalhar, pujantes de vida e palpitanes de amor, pelos Galatas, pelos Ephesios, pelos Corinthios e por todos os povos já catechizados, para lhes afervorar a fé e lhes enriquecer o espirito de sentimentos nobres e de virtudes divinas, de fortalezas santas e de verdades eternas.

Não tardaram, porém, as perfidias, as ameaças e as persiguições da maldade e da seita.

A sua obra sinistra e maldita leva-o, em breve, aos ferros, ao martyrio e á morte.

E, n'um dia de sangue, descobrem-lhe a garganta com a ponta d'uma espada e separam-lhe a cabeça. A grande basilica, fóra de muros, lá está a indicar, n'um gesto de gigante, o logar, onde a vida se lhe partiu como uma lamina, e a sua alma se corou de rosas e voou para o Céu.

Parece á primeira vista que tudo tinha acabado, e que as trevas poderiam continuar a envolver a terra. Puro engano!

Os apóstolos, transpando as muralhas de Jerusalem, tinham tomado todas as direcções do mundo.

A palavra eloquente de Paulo e a autoridade de Pedro tinham feito de cada homem um adepto, de cada adepto um discipulo, de cada discipulo um soldado, e de cada soldado um heroe. O hymno dos christãos começava a ouvir-se em toda a parte.

O sangue dos martyres bronzeava-lhes o peito. A luz da grande doutrina não podia, pois, morrer. Intensificando-se ainda mais, ascendeu, subiu, irradiou violenta como um sol, e foi unir-se á cruz, que se erguia, como uma flecha, nas alturas do capitulo e assomava rutilante na curva immensa de todos os horizontes.

Emquanto meditava em tudo isto, que é sublime e divino, abri, ao acaso, uma das epistolas de Paulo e li pausadamente: «A terra é habitada por uma grande familia de irmãos, filhos do mesmo Deus e regidos pela mesma lei... O amor da humanidade deve supplantar o odio das nações... Diante de Deus todos os homens são iguaes...»

E então disse no silencio que me envolvia: se os povos em lucta tivessem lido e comprehendido aquelle fragmento de carta não teriam queimado a sua alma e manchado o seu nome no sangue innocente de irmãos!

Que as nações famintas de conquistas e desvaídas de vinganças ponham alli os olhos, e façam d'aquelle pedacinho de papel o principio fundamental da paz que todos desejam. Tal é o valor da palavra do grande santo, festejado ha pouco, depois dos idos de Janeiro, em um dia de sol e alegria, e ao qual fui buscar o pseudonymo de que uso —

PAULO DE THARSO

Entrou em minha casa sem se fazer anunciar. E' provavel que tivesse saltado o muro, marinhando pelo passadiço que alcança as escadas internas. E logo que entrou, começou a esfregar a sua cabeçita pelas minhas pernas. Olhou-me, como se fosse um velho amigo, embora fosse a primeira vez que o vi.

—Como te chamas? perguntei.

Não me respondeu. Quiz talvez guardar o incognito, o gracioso gatinho. Mas, mesmo sem falar, revelava em cada gesto a sua indole mansa e carinhosa. Não falou, mas disse, muito suggestivamente, olhando para os meus olhos:

—Miau!

Esta palavra pareceu-me um gesto de submissão, uma supplica reprimida, uma queixa talvez. Eu traduzi-a da seguinte maneira, adaptando-a á grosseira linguagem humana: «Não te pareces com muitos que conheço e que encontro a cada passo, e que correspondem a ponta-pés os meus carinhos. Os teus pés não me enxotam, e tu pareces ter em teu olhar uma grande piedade da minha miseria. Para ti, que és bom e grande (referia-se ao meu tamanho) só terei mimos e delicadezas. Porque não havemos de ser amigos? Miau!

O meu novo hospede, em sua linguagem, tinha-me demonstrado que ha muito erro nas maximas humanas.

— Não é verdade, acrescentou elle, que nós, os gatos, somos falsos e enganadores, mentirosos e egoístas. Como vês, se vim procurar-te é porque te estimo. Os meus semelhantes estão ácima da reputação que lhes fizeram. Somos prudentes. Que mal ha nisso? Algumas



Os nossos Amigos

(Uma pagina de Salvador barina)

vezes, somos tentados a pecar. Mas qual de vós poderá atirar-nos a primeira pedra? A muitos parece-

mos ladrões, mas seja-nos perdoado esse defeito porque temos o appetite exaggerado. Porque é que o homem nos maltrata, como sempre faz, atirando-nos pedras, puxando-nos pela cauda, jogando-nos contra a parede, arrojando-nos da janella abaixo? Porque? Entretanto, se nós não temessemos o homem, seríamos, por certo, mais confiados, e, portanto, mais meigos.

Foram estas as palavras que acrescentou, synthetizando-nos no ultimo vocabulo que usa nos momentos de intimidade: Miau!

Ergui o gatinho á altura do meu peito, anedei-lhe o pello, que era longo e sedoso e dei-lhe um beijinho no focinho roseo. Elle deixou-se acariciar, ronronando ao meu ouvido algumas phrases que eram, porventura, muito affectuosas. E á medida que ia entrando em minha intimidade, alargava as patinhas para me arranhar, de leve, com as suas unhas aguçadas e curvas, escondendo-as de novo, no receio de me maguar. Trepou-me ao hombro, roçou-se pelos meus cabelos, como se quizesse abrigar-se nelles.

Nada me pediu. Entanto, para pagar-lhe a visita e mostrar-lhe que eu sei receber os meus hospedes com generosidade, levei-o, empoilado no meu hombro, á cozinha. Offereci-lhe migas de pão embebidas em leite fresco. Aceitou. Comeu algumas, de vagar, quasi sem appetite, e recusou o resto, atastando o focinho. Não era, pois, a fome, que o trouxe á minha casa. Procurou-me como amigo, por simples necessidade de affecto. Isso commoveu-me.

Em seguida, apparece á minha filhinha mais nova. O gatinho deixa-me e corre para ella, erguendo no ar, com o mais gracioso dos seus movimentos, a patinha rosada, e, agarrando-se aos vestidos da creança, vae-se aninhar em seu hombro, como fizera connigo.

Não era então de mim, exclusivamente de mim, que o lindo bichano se tinha enamorado. Elle amava a todo

(Continúa pg. 58.)



O MENU' DE MEU MARIDO



Pudim de peixe

Tira-se a codea a um pão de 100 réis e põe-se de molho em 1 2 garrafa de leite durante 2 horas. No fim deste tempo, bate-se bem para que se torne uma massa homogênea, na qual se deita 1 2 kilo de camarões passados na machina e refogados em bom azeite, cheiros verdes, tomates e cebolas, tudo picado muito miúdo, uma colher de queijo parmesão ralado, 1 dita de manteiga, uma de farinha de trigo, 3 gemmas e as 3 claras batidas como para suspiro. Mistura-se bem tudo e põe-se a assar em forma untada.

Pudim de presunto

Faz-se do mesmo modo. O presunto deve ser afiambrado e cortado bem miúdo.

Cenouras com molho branco

- 1 litro de cenouras,
- 1 litro de batatas,
- 2 copos de leite,
- 2 colheres grandes de farinha de trigo,
- 1 colher grande de manteiga,
- 3 colheres grandes de queijo parmesão ralado,
- 3 colheres grandes de farinha de biscoito.

Descascam-se as cenouras e deitam-se a cozinhar em água e sal; quando estiver em meio a cocção, juntam-se as batatas que devem ser cortadas ao comprido bem como as cenouras. Depois de bem cozidas, refoga-se em gordura, cebola, tomate e cheiro verde, tudo picado miúdo.

Faz-se o molho branco misturando o leite, a farinha de trigo e a manteiga diluindo tudo muito bem, e leva-se ao fogo para cozinhar. Estando tudo prompto conforme ensinamos, toma-se um prato proprio para forno, e deita-se uma camada de cenouras, uma de molho branco, outra de queijo e outra de farinha de biscoito,

procedendo-se assim até ao fim. Cozinha-se em forno quente e vai a mesa no mesmo prato.

Bravarejos

Faz-se um creme com 1 2 garrafa de leite, 2 gemmas e 5 colheres de assucar. Na occasião em que se estão batendo as gemmas e o assucar, deita-se 1/2 calice dos de licor de aniseite e leva-se ao fogo para engrossar bem, sem ferver. Enquanto esfria, derretem-se 3 folhas de gelatina branca em 1 colher de água fervendo, até que fique bem diluída; batem-se as duas claras que ficaram, como se fosse para suspiro e mistura-se juntamente com a gelatina no creme. Molha-se em água fria a forma, despeja-se nella o creme e leva-se a gelar.

Rimperatriz

Com 1 garrafa de leite, 1 chicara de arroz, 5 gemmas, e o assucar necessario faça-se um arroz doce bem frito. Depois derretam-se 3 folhas de gelatina, e bata bem as 5 claras que ficaram, misture tudo no arroz doce, deite em forma molhada em água fria, que vai a geladeira para gelar.

Brã de fubá mimoso

500 grammas de fubá mimoso peneirado, 1 2 litro de leite, 8 ovos, erva doce, uma chicara das de chá de gordura.

Ferve-se o leite e deita-se o fubá na mesma vasilha, e mexe-se bem para que fique molhado o fubá; feito isto despeja-se em uma vasilha para esfriar. depois de frio vai-se quebrando os ovos de um em um até ficar no ponto; o ponto é quando se tira a massa com uma colher é preciso despregar com outra.

Gelêa de champagne

Dissolvem-se 60 grammas de gelatina em 200 grs. de água e leva-se ao

fogo para reduzir a 120 grammas de liquido que se deita em uma vasilha e mistura-se nua garrafa de champagne.

Deita-se tudo em uma forma molhada em água fria e enterra-se no gelo; quando estiver dura, passa-se a forma muito rapidamente em água fervendo e vira-se em um prato.

Creme de amendoas

Depois de pisadas 65 grammas de amendoas doces, as quaes se juntarão somente 3 amendoas amargas, diluem-se em leite a ferver; passam-se pela peneira, acrescentando-se-lhe gemmas de ovos e água de flor de laranja e e aquecem-se a banho-maria.

Torta com geleia e fructa

Faz-se uma forma com massa folhada, põe-se no fundo uma camada de geleia de qualquer fructa, sobre a geleia fatias de maçãs e bananas cortadas bem finas. Toma-se 1/2 garrafa de leite quatro gemmas, o assucar necessario e baunilha mistura-se tudo muito bem e derrama-se por cima das fructas e leva-se ao forno quente para assar.

Sorvete de laranjas

Dose laranjas grandes com bastante caldo 500 grammas de assucar, um litro de água. Ferve-se o assucar a água e as cascas de tres laranjas picadas, por espaço de cinco minutos e deixasse esfriar. Quando estiver frio junta-se-lhe o caldo das laranjas passado em um panno fino e deita-se na sorveteira para gelar.

Sorvete de côco

Um côco ralado, um litro de leite, 400 grs. de assucar, coa-se por um guardanapo, deixa-se esfriar e congela-se.

KOLA SOEL - Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago, Util no crescimento das crianças.



A RAINHA MIZA

(CONTO INIMMIG.)

Para a Revista Feminina

DOIS irmãosinhos encontraram uma mala vazia no porão da casa. Ito, que era muito novidadeiro, meteu-se na mala e mandou Jack fechar-a; mas este trançou a tampa com a chave e foi procurar um pedaço de bolo que o seu irmãosinho escondêra de baixo do travesseiro. Ito desmaiou e, quando abriu os olhos, encontrou-se numa terra estranha, cheia de crianças e na sua frente duas cegonhas assim confabulavam: "Mande este menino para a Rainha Miza da Ilha Esmeralda". "Mas elle já tem mãe", observou a outra. "Mande-o assim mesmo", retorquiu a primeira cegonha, que era velha e usava ocultos.

Antes que o pobre Ito pudesse escapar, uma grande cegonha segurou-o pela camisa e voou muito alto. Uma nuvem de andorinhas seguiu-o em alegre chileirada. Ito quiz conversar com ellas mas não lhe responderam e elle chorou. "Não chore, Ito", disse uma gaivotinha branca que chegara naquella instante e ella começou a contar uma historia, para distrahir-o, de um sapo que salvára uma princeza e queria depois casar com ella.

Subito a ilha Esmeralda assoma radiosa no horizonte. Era uma ilha muito grande, coberta de magnificos jardins, dominados por um soberbo palacio de marmore. A cegonha desceu em espiral e deixou Ito sentado num canteiro de violetas.

Não se via o menor signal de vida, as flores pareciam artificiaes, tão lindas mais sem perfume. Ito poz-se a andar na esperanza de encontrar alguém. Numa volta do caminho, um faizão dourado com sua companheira e dois filhinhos pareciam estar comendo alguma coisa no chão. Ito bateu as palminhas de alegria e correu para os faizões, que se não mexeram; estavam petrificados. O menino continuou a andar, muito intrigado com o que acabára de verificar. Chegando á beira de um lago, viu duas crianças do outro lado, uma apanhando flores e outra, em pé, com uma braçada dellas. Um moço espinhoso impediram Ito de rodear o lago e elle bateu o pé impaciente. Uma pedrinha saltou nua e ficou na superficie. Elle verificou então que o lago estava crystallizado e atravessou-o, correndo sobre a água. As duas crianças conservavam-se na mesma posição; sorriram mas não piscavam nem respiravam, como duas

estatuas coloridas. Já era tarde e o sol mergulhava no mar, como um barco luminoso a sossobrar lentamente. Ito continuou a caminhar á procura de um lugar confortavel para passar a noite.

Borboletas e passarinhos faziam suspensos no ar. As nuvens tambem estavam immoveis e até as flores e as pedrinhas não faziam o menor ruido de baixo dos pésinhos do menino. Era um silencio impressionante. Ito chegou finalmente ao palacio de marmore. Pomboas brancas e pavões petrificados ornavam o jardim em redor do palacio. Elle subiu as escadas de marmore e ouro e foi até ao salão de honra onde viu principes e princezas alguns sentados e outros em posição de dança. Em uma extremidade da sala, sentada em uma poltrona de ouro, estava a rainha Miza, com um doce sorriso estampado nos labios immoveis. Algum ente poderoso tinha paralyzado instantaneamente todos os habitantes da ilha.

Já estava escurecendo quando Ito encontrou uma rede de seda azul preso a dois ganchos de ouro. No chão extendia-se um grande tapete de velludo. Mal elle deitára-se na rede, uma musica delicada e cantante quebrou o silencio profundo da ilha e elle ergueu-se, curioso. O jardim estava illuminado com pequenas lanternas espalhadas a esmo, algumas no chão, outras nas flores e ainda outras suspensas no ar. Essas lanternas eram pyrilampas petrificadas. Ito caminhou para o lugar donde partia a musica e viu um anão sentado sobre um caramujo e rodeado de um punhado de pyrilampas que illuminavam uma pequena caverna. O anão era tão pequeno que se poderia cobri-lo com um chapéu.

O homenzinho estava cantando e quando se calou, a musica mysteriosa afastou-se pelo jardim afóra até extinguir-se. O anão levantou a cabeça e disse a Ito: "Quando Dinga chegar, á meia noite, toque a cabeça da cruel fada com este talisman". Ito tomou do talisman e foi sentar-se na rede. A musica mysteriosa fez-se ouvir novamente, mas desta vez alegre e saltitante. Sobre o grande tapete de velludo, uma sombra subtil movia-se graciosamente. Era tão tenue, que a muito custo se percebiam as leves fôrmas de uma menina bailando. A graciosa bailarina dançou até á meia noite, quando uma musica infernal de trombetas fez tremer as folhas das arvores.

O mar incendiou-se; labaredas ameaçavam as estrelas como serpen-

tes de fogo e a musica fazia um barulho ensurdecedor. A bailarina desapareceu. Ito correu ao palacio e viu Dinga num carro de fogo tirado por seis cavallos negros, com azas de morcego, pondo fogo pelos olhos e pela bocca. Seguia o carro um cortejo de demônios montados em collosaes vampiros. Dinga desceu perto do caramanchão e dirigiu-se ao palacio. O salão estava todo illuminado. Junto a Miza estava um pequeno pagem; Ito tirou lhe a roupinha de seda e vestiu-a, tomando o lugar do pagemzinho, depois de ter arrastado para atraz de uma cortina.

Dinga entrou acompanhada dos demônios. Ella era muito formosa mas tinha olhos máus e sorriu com um ar triunphante quando viu a pobre Miza petrificada. A fada collocou-se ao lado da sua victima, bem na frente de Ito, e perguntou: "Qual é a mais formosa?" Os demônios responderam: "Dinga, Dinga", fazendo um barulho infernal. Ella ficou radiante de alegria e, chamando um dos demônios, disse: "Leve Miza para o dragão". Os cabellos de Dinga roçaram no rosto de Ito que, aproveitando a oportunidade, saccou o talisman da cinta e cumpriu as instruções do anão. O resultado foi espantoso; os cabellos da fada incendiaram-se e ella sahiu a correr atraz dos demônios que fugiam della, apavorados. Quando o cortejo infernal transpuz os ultimos rochedos da Ilha Esmeralda, ouviu-se um estrondo formidavel. Um abismo abriu-se nas aguas do mar e a cruel Dinga era tragada pelas ondas revoltas.

Todas as pessoas tornaram á vida e a festa continuou, como se nada tivesse acontecido. O pagemzinho não se conformou com a sua sorte e quiz forçar Ito a devolver-lhe a roupa; mas esse estava tão satisfeito com a roupinha de seda, que preferiu fugir pelo jardim, deixando o pagemzinho nã a chorar.

Os passarinhos em toda a parte cantavam -Ito, Ito, Ito-. As flores baloiçavam com as caricias da brisa que reomeçava a percorrer os jardins e curvavam-se todas á passagem de Ito saudando-o com lufadas de perfume. Atraz delle seguia uma nuvem de borboletas e passarinhos. O lago voltára ao seu estado liquido e, quando Ito o atravessou, elle cahiu na agua fria...

A mãe de Ito encontrou-o desmaiado dentro da mala e horrifou-lhe o rosto com agua fria no momento em que elle sonhava que cahia no lago.

J. TIBAGY

Continuação do artigo **Fallencia dos Psychologos Feministas**

Foi uma admiração para os psychologos! Estes senhores, que ainda não caíram em si, da surpresa, começam a acreditar no milagre.

— Pois quê dizem elles, como e porque, sem transição, sem mais aquella, sem dizer agua vae, este sér, que nós suppunhamos frivolo, doente, melancólico, acreditando-se, de facto, incomprehendido, se tornou, de um momento para outro, activo, vivo, operoso, tenaz, armada para todas as lutas da vida pratica? Que metamorphose!

Mas, srs. psychologos feministas, advirto que não se trata de nenhum milagre. O phenomeno é o que pôde haver de mais simples. Como sabeis, nada é tão mutavel, é tão camaleão como a natureza humana. Porisso, a gomas mulheres, sobretudo aquellas que viviam sob a vossa influencia, entraram a cuidar que eram, realmente, um pouco loucas.

Mas esta ligeira mascara, colada ao seu rosto, acaba de cair ao primeiro sopro da vida real. Cahida a mascara, ficou a mulher, isto é, um sér feito para o devotamento, nascido para amar e para servir e que, no fundo, hoje como antes, pouco se importa de não ser comprehendida... Essa teima de a julgarem incomprehendida, devia causar-lhe muito aborrecimento.

Mas toda essa philosophia, construída em torno das mulheres pelos srs. psychologos feministas, era falsissima. Elles não conheceram verdadeiramente a mulher. O seu ponto de partida, para julgar a generalidade das mulheres, provinha desse exemplar, de resto pouco interessante e cada vez mais raro: a mulher «enfant gâtée». Oh! a mulher desse genero nunca está contente e continúa a cuidar-se sempre incomprehendida.

E o que é mais interessante é que os taes psychologos, com a mais adoravel das ingenuidades nunca procuraram saber se ha, de facto, fóra dos quatro ou cinco salões que frequentavam, alguns typos de mulher diferentes daquelle. Elles tomavam a boneca como o exemplar representativo do sexo.

Entreanto, ao lado delles, sem que elles se dignassem dar-lhes a honra de um olhar, passava a verdadeira mulher, a honesta, a tranquilla, aquella que se cuida sempre sufficientemente comprehendida por quem accetou o seu affecto, a sua dedicação, os seus cuidados, a mulher franceza enfim!

E ao lado das mulheres deste typo, que são quasi todas, os srs. psychologos não têm nada que fazer. Ellas são tão simples, tão comprehensíveis na sua simplicidade!

Francis de Miomandre.

Continuação do artigo **Consuelo**

Só depois soube que tinha sido vilmente ludibriada e que a minha inclinação por esse homem fízer-lhe ganhar algumas centenas de duros, porque não fóra o amor, mas simplesmente o capicho, ou a ambição, que o tinha levado a declarar-me uma paixão que já mais sentira!

Tentei regressar á casa de meu pae. Escrevi-lhe. Contei-lhe a minha desdita. Pedi-lhe, supliquei-lhe que me recebesse. Tudo em vão: Que fazer?! pensei. Era fraca, estava desamparada e só, e das minhas joias, vendidas pouco a pouco, restava-me apenas uma grata e saudosissima lembrança!

Depois, -- ai! -- depois, como uma pella que se atira ao acaso e vai cair em sitio incerto, assim eu passei, resvalando, saltando os obstaculos, maguando-me á cada queda... Perdi a noção da virtude, do amor proprio, do orgulho pessoal. Tive todas as quedas. E agora, parece até que a razão me foge e a vista se me esvae, ao pensar que não me é dado retroceder, nem recuar d'um

salto, com os olhos vendados, todo o caminho percorrido, ou fitar sequer o honesto logar d'onde parti... Chamam-me Consuelo! Consuelo!... Suprema ironia! Como se o podesse ser quem, como eu, vive no eterno desconosso da ignominia em que cahiu!

Assim dizendo, a pobre mulher mirou-se ao espelho, compoz o penteado e apontando-me com tristeza uma janella escancarada, acrescentou:

«Agora é ali que eu passo a minha vida e é tambem d'ali que eu compro angustias, desperdiçando sorrisos, vendendo amores!...»

FERNANDO DA COSTA FREITAS.

Continuação do artigo **Na ante-sala da morte**

arandelas de uma lampada. A sineta da capella toca, de repente, com um timbre agudo, semelhante a voz de mulher. Fogem alguns passaros que estavam pousados nas grimpas do cruzeiro. A freira fechou o livro e vem do fundo da alicia. Alguns velhos agruparam-se já deante da porta que abre sobre a negrura do corredor e nesse fundo negro as toucas das monjas vão-se obscurecendo e perdendo a pouco e pouco. Atraz dellas, calados, entraram os velhos. As sombras traçam-n'os. A alicia estala debaixo das pernas da velha gorda, inchada pela doença. Benedicta entrou silenciosa, diminuta, encolhida; o idiota seguia-os, inconsciente. Illuminaram-se, de um jacto, as setteiras da capella que dão para o jardim. Uma freira esperará que os velhos se sentem nos bancos da direita e as velhas nos da esquerda, para começar, em voz alta, a leitura piedosa.

Marcos, porém, não entrou. Chegado á porta, esgueirou-se cautelosamente. Errou como uma sombra entre as sombras crescentes do jardim. Dirige-se para debaixo da mangueira onde está sentada d. Antonia. E o cajado pesado do velho abate-se sobre a cabeça da mulher e a almofada vermelha passa para as mãos mutiladas que a arrebatam. Depois, em segredo, Marcos vai ao portãozinho do jardim. Levta tempo a entrar a chave ferrugenta que tirou de debaixo do jaleco amarelento e surrado. Abre-se, por fim. Além, no rectangulo, vê-se a fita prateada do caminho ensaiado. O velho corre a toda a pressa.

Um morcego ensaia o primeiro vôo nocturno sobre o jardim silencioso e immovel.

(Para a Revista Feminina.)

W. Flows.

Continuação do artigo **Nossos amigos**

mundo indifferentemente, como um apostolo. Era mais uma lição de moral, dentre muitas que os animaes me têm dado. Porque nós, os homens, só amamos as pessoas com quem temos affinidades de espirito. Fóra dessas affinidades, só sentimos repulsa. O gato ama a todos que o acarinhão, sem curar de mais nada.

Era assim o meu gatinho, e assim são todos.

Não importa que elles sejam meigos, doces, carinhosos, asseados e excellentes companheiros da nossa solidão. Não importa. O homem nunca tratou de observar a fundo a sua encantadora affectividade. Maltratou, agarrou-os pelo rabo para atirar-os pela janella abaixo, e, não raro, se é cozinheiro, apresenta-os como lebrés, envolvidos em molho branco com enfeites de azeitonas!

AS SENHORAS ELEGANTES

Entre os ateliens de costura aos queres, nesta cidade, uma senhora de alto quasi pôde contar a execução de uma "taille" de fantasia ou "taille" de luxo, destaca-se a Casa Escrivão, dos srs. A. Cipriano e Comp. A rua do Theatro, 3. Todos os trabalhos executados pela casa caracterizam-se por uma rara elegancia de conjuncta a par de uma mão de obra perfeitamente acabada. As officinas de costura estão a cargo de Mrs. Ignez, cujas applicações, como contrastivo, são bastante caracteristicas em nosso meio elegante.

"IDEAL"

Delicioso e suave e o preferido dos "bança-Perfumes".
144 RUA LIBERO BADARO' - DROGARIA AMERICANA

— Viva! Urrah!

E cobriram-n'a de flores e "confetti". Maria Luiza ria, embralgada. Nem ella nem pierrot podiam conter a avalanche. Um deixou-lhe uma rosa no regaço, no momento em que o automovel se poz de novo em movimento. Ella pegou-a e lá levou-a aos labios para beijal-a por "coquetterie", mas pierrot arrebatou-l'ha e atirou-a longe.

Maria Luiza reitou, num espanto:

— Pierrot, que fizeste? Quem te visse diria que tens ciúmes de mim.

— E' porque tenho ciúmes, sim, é porque te quero com toda a minh'alma.

IV

Pierrot sentia-se desesperado. Elle queria saber certas coisas, e, pouco a pouco, ia sabendo, dolorosamente, que, de envolta com aquella amor, havia inconsistancia, velleidade, coquetteria. Onde ia parar? Elle mesmo teve medo.

Ella olhava-o com uma curiosidade insistente. Já se havia esquecido do arlequim, que, sentindo-se abandonado, procurava distrahir-se com as outras. Maria Luiza parecia querer descobrir quem era aquelle pierrot sob a mascara de velludo.

— Pierrot, deixa-me ver a tua cara.

— Não. E' impossivel. Quero que me queiras sem que me conheças. Faça questão disso.

Ella sorriu.

— Estás louco. Ninguém se enamora de um desconhecido. Demais, tu sabes que eu tenho noivo.

Julio pensou na aventura. Era interessante, mas fazia-o soffrer. Pensava no extranho caso de perder uma noiva em seu proprio proveito. Sentia, no peito, doer-lhe o coração. Mas queria levar mais longe a sua curiosidade.

— Antes de quarta-feira, terás que amar-me, Maria Luiza. E' preciso que te esqueças do Julio. Isso não é difficil, porque não o amas.

— Que sabes tu dessas coisas? Amo-o, sim.

E como dissesse isso sem calor, Julio cuidou que ia morrer.

Ficaram em silencio alguns instantes, mirando-se nos olhos. E tão distrahidos iam, que não sentiam nem vlam nada do que se passava em torno. Sobre elles se despenhava a chuva de "confetti", sem que elles o notassem. Iam ambos assustados e commovidos por sensações tão oppostas!

— Dize-me, Maria Luiza. Amar-me-ás como eu a ti?

— Mas eu não te conheço. Não sei se és digno de mim... Mudemos de conversa. Para troça de carnaval, fiquemos por aqui.

Julio falou, grave, obstinado:

— Não quero que saibas quem sou. Já está anoitecendo, e os guardas vão obrigar-nos a tirar as mascaras. Vou deitar-te pois. Mas sei que esta noite vae ao baile dos Manrique. Amigos teus e meus poderão dizer-te se sou ou não digno de ti. Pedir-lhes-ei, entretanto, que te não digam quem sou.

— Nunca pensei que fosses tão original. Esta é a mais interessante troça de carnaval a que tenho assistido.

— Até logo, Maria Luiza. Só dançarás commigo, e com mais ninguém. Dá-me esse cravo que tens no peito.

Ella vacillou, e elle leu em seus olhos que ella pensava em Julio. Pierrot sentiu-se amargurado em pensar em Julio tambem. Insistiu, porém:

— Dá-me o cravo.

Ella, como que fascinada, pegou da flor e deu-l'h'a, murmurando:

— Toma. Mas que ninguém o saiba.

— Ninguém o saberá.

E Pierrot saltou á rua, dizendo entre si:

— Meu Deus! Que ninguém o saiba! Ninguém o saberá! E' preciso muito segredo, para que o Julio não saiba! Pobre Julio! Meu Deus!

V

A noite tinha caído. Todos os lampeões se acenderam. Alguns mascaras empunhavam fogos de Bengala, de fumaça colorida. Um immenso vozorio vibrava no ar. Bandas de musica faziam soar os seus instrumentos de metal. A loucura chegara ao seu apogeo.

D'ahi a alguns intantes, Julio e Maria Luiza encontravam-se no baile. O primeiro momento, entre elles, foi de frieza.

Ella estava um pouco nervosa. Elle tinha medo de si mesmo. Os amigos de Julio faziam, perante Maria Luiza, os mais rasgados elogios a pierrot. A todos ella perguntava o seu nome. Ria, fazia-se indifferente. Por todas as fórmulas queria conhecel-o. Mas os amigos de Julio, crendo que se tratava apenas de uma intriga de carnaval, guardavam fielmente o segredo. Não mais do que aquella curiosidade fazia soffrer o pobre artista. Agora, elle queria retroceder, tirar a mascara... mas, que diriam d'elle? No fundo, estava convencido de que ella era capaz de esquecel-o por elle proprio.

Pensou enlouquecer. Ninguém tinha passado por uma situação tão extranhamente dolorosa. Ella não manifestara o seu sentimento. Elle mesmo já não queria insistir em suas declarações de amor. Sentiam-se distanciados um do outro; entretanto, buscavam-se. E quando falavam, só lhes vinham aos labios folices e troças de carnaval. Julio não a tirou para dançar. Ella dançou com os outros; mas elle sentia que os seus olhos o penetravam, o buscavam. Já não podia dar-se a conhecer. Era tarde de mais. Agora elle só queria saber uma coisa: se Maria Luiza se divertia, ou se, de facto, estava enamorada de pierrot.

Entre duas valsas, trocaram algumas palavras. Ella notou que elle ainda trazia no peito o immenso cravo rubro que lhe dera.

— Você vae ter a gentileza de esconder esse cravo. Aqui ha pessoas que me viram com-elle, e podem conta-o já vê que...

Pierrot observou que ella mudara de tom. Começou a ficar commovido.

— Não te obedeco. Não escondo o cravo. Se o Julio o souber, melhor. Pierrot ama-te. Pierrot vae disputar-te ao Julio.

Ella tentou pol-o á bulha. E muito pallida:

— Pierrot tem o veso de amar as coisas remotas e intangíveis: á lua, a mim... Tolices! Como posso esquecer o meu noivo?

— Podes. Podes e vae esquecel-o.

E, ao dizer isso, sentiu um calafrio. Já não sabia o que dizer, o que fazer.

— Estás louco. Eu não posso, não devo, não quero esquecer o meu noivo. Vae dizer os teus disparates á lua. A mim, não. Se continuas nesse tom, acabaremos brigando.

— Vou deixar-te para te dar a liberdade de pensares. Antes da quarta-feira estarás enamorada de mim.

VI

Julio passou a noite a revolver-se no leito, numa inquietação angustiosa. Seu coração batia com tanta força como se quizesse romper o peito. As idéas balalhavam em seu cerebro, confusas e tumultuosas. Dessejava, com ancía, levar a sua aventura até ao fim. O que mais o atormentava era a duvida. Queria saber a verdade, por mais dolorosa que fosse, queria saber-a, embora, depois disso, sentisse o desencantamento e a destruição de todos os seus ideaes. E, ao mesmo tempo, tentava consolar-se, advertindo que tudo aquillo não era mais que uma troça de entrudo, sem consequencias. Como se ririam quando elle se descobrisse! Elle já lhe adivinhava as palavras:

— Pois eu já sabia que eras tu. Queria experimentar a tua confiança.

Oh! divina fidelidade!

Toda a tarde de segunda-feira procurou-a na Castelhana. Ella não foi. Acaso, fatigada da intriga e entediada, deixou-se ficar em casa. Não foi tambem ao baile. Julio sentia-se quasi feliz.

— Foi muita tolice, uma troça de carnaval. Como haviam de rir-se!

Escreveu-lhe aquella noite, mudando de letra, como mudara de voz.

« Maria Luiza: Amanhã, terça, não faltas ao baile do Manrique. Do teu, que te adora, Pierrot. »

Ella respondeu, dando a direcção indicada:

« Pierrot tenaz e enamorado: Irei ao baile. Mas não te cries illusões a respeito de Colombina. »

A' noite, nervoso, tremendo dos pés á cabeça, o branco pierrot esperava com impaciencia o desenlace. Passeava, inquieto, pelo jardim do palacete. A noite ia clara e temperada. A lua, branca como a sua face, contemplava do alto, espiando entre as ramagens, o errabundo pierrot. Os sons dos violinos rasgavam o silencio. Vozes e risadas faziam-se ouvir de envolta com rumores de orchestra.

Julio estava commovido. No harmonioso silencio da noite, arlequin e Maria Luiza falavam acerca delle.

— Anda, Carlos. Dize, quem é esse pierrot. Sempre foste meu amigo...

— Não, Maria Luiza. Não posso. Não me dei a conhecer a elle pará descobrir-lhe a intriga.

— Ella, triste:

— Mas não é intriga, Carlos. Não é intriga minha nem delle. Escuta-me. É horrivel, sabes? Não sei o que se tem passado em mim. Em tres dias esqueci o Julio, e só quero ao pierrot mysterioso, sinto que o amo, que elle é digno de mim, embora não saiba quem seja.

Julio apoiou-se a uma arvore para não cahir e escondeu o rosto entre as mãos tremulas.

Maria Luiza continuou:

— Olha, Carlos, como é difficil falar contigo, porque andas tão arredo, preciso incumbir-te de um

encargo esta noite. Sei que nunca chegarei a ser noiva desse pierrot, embora todos me digam que elle é muito digno de mim. Mas a verdade é que não posso continuar a enganar o Julio. Tu és um dos meus melhores amigos. Toma. Aqui estão, as cartas delle. Quando elle vier amanhã, dá-lh'as, restitue-lh'as, inventando a historia que quizeres. E' preciso que elle saiba que eu não posso continuar a querer-lhe. Não posso. Pierrot seduziu-me, arrastou-me.

— Maria Luiza poz em mãos de arlequin o maço de cartas e retirou-se.

Julio ergueu-se pensosamente. Estava acabrunhado. Dirigiu-se ao arlequin.

— Carlos, dá-me essas cartas, e não te preocupes com o resto.

— Mas, Julio! que fizeste! Que valente troça, irra!

— Ella não me queria. Se me quizesse, não me esqueceria tão facilmente.

Arlequin não se conformava:

— Será melhor que ella nunca saiba de nada...

— Eu, á minha parte, vou esforçar-me por esquecel-a.

— E se ella te procurar? Se me perguntar por pierrot?

— Dize-lhe que pierrot, correndo atraz da lua, cahiu no lago e afogou-se.

Arlequin ficou pensativo e confuso, vendo-o afastar-se, levando, já murcho, o cravo rubro no peito.

Julio sahio do jardim. Atravessou as ruas cheias de rumor, de gritos, de guitarradas, e chegou a sua casa sem dar por isso.

Depois de tudo isso, não é raro que em noites de carnaval se veja, bebido pela rua, um pobre pierrot...

Corte e envie sem demora este coupon á redacção da **Revista Feminina**

..... de de 191.....
 Sra. D. Virgínia de Souza Salles DIRECTORA DA "REVISTA FEMININA"
 Praça Antonio Prado (Palacete Briccota) - S. Paulo

Peço-lhe inscrever-me como assignante da *Revista Feminina*,
 por um anno, a começar em
 de 191..... e a terminar em de 191.....
 para cujo pagamento encontrará annexa a importancia de Rs. 10\$000
 (em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

As cartas com as importancias devem vir sob registro e valor declarado

Endereço.....
 Lugar.....
 Estado.....
 Observações.....

As nossas Assignantes

Aconselhamos as nossas assignantes a que, com a maxima brevidade, tratem de reformar as suas assignaturas, vindo á nossa redacção ou enviando-nos um vale postal correspondente á assignatura annual. Se damos este conselho, não o fazemos tanto em nosso interesse como no interesse das nossas assignantes. E a razão é que muitas pessoas -- como, não raro, acontece -- nos tem procurado para reformar as assignaturas, dois ou tres mezes depois de vencidas, e exigem os numeros atrazados para não ficar desfalcada a collecção. Ora, numeros ha da nossa revista que se esgotam rapidamente, e por isso nem sempre podemos fornecer os numeros atrazados.

Aconselhamos pois a que tratem de reformar logo ás suas assignaturas, para obstar a que essas inconveniencias se repitam.

JARDIM FECHADO

No nosso numero do Natal na noticia curta, foi recebida, tratamos, numa pequena noticia, de iniciar em nossa revista uma secção subordinada assignantes. A semiente estava, ao titulo acima e na qual purpose, lançada em terreno ferdessem colaborar todas as tit. Ao cabo de algum tempo, nossas assignantes. "Jardim creou raizes, mostrou os primeiros fructos." "Jardim" é, sem duvida, um titulo suggestivo. Trata-se, de facto, de um jardim fechado, de um jardim privado onde só são recebidas as pessoas da nossa intimidade. Quer isto dizer que as pessoas, cujos nomes não estão incluídos no nosso livro de assignantes, não serão recebidas no nosso "Jardim".

Todos os assumptos são permitidos, arte, moda, contos, cozinha, hygiene domestica, conselhos praticos, observações, simples phantasias, versos até, mas todos estes assumptos devem ser tratados com certa gravidade e com algum estylo. A collaboração excessivamente frivola será recusada. Aceitaremos também pseudonymos, tendo, porém, as collaboradoras o cuidado de, ao lado do pseudonymo, assignar o verdadeiro nome, afim de podermos verificar se são assignantes. Este pormenor é importante, porque o nosso jardim, como o proprio titulo indica, é destinado somente a acolher, entre os quatro muros que o limitam e sob a sombra das suas ramagens sussurrantes, as pessoas intimas...

A idéa desta secção foi-nos suggerada por uma das nossas leitoras, que — diz ella — muito se interessa pela "Revista Feminina".

A idéa, lançada embora n-

desde logo, com enthusiasmo por grande parte das nossas assignantes. A semiente estava, lançada em terreno ferdessem colaborar todas as tit. Ao cabo de algum tempo, nossas assignantes. "Jardim creou raizes, mostrou os primeiros fructos." "Jardim" é, sem duvida, um titulo suggestivo. Trata-se, de facto, de um jardim fechado, de um jardim privado onde só são recebidas as pessoas da nossa intimidade. Quer isto dizer que as pessoas, cujos nomes não estão incluídos no nosso livro de assignantes, não serão recebidas no nosso "Jardim".

"IDEAL" Delicioso, suave e o preferido dos Lança-Perfumes. 144 R. bilbero Badaró - DROGARIA AMERICANA

A propósito da moda

Digam o que disserem a respeito das saias curtas, calumniando-as como attentatorias do decoro feminino, eu, apesar dos meus annos e da attitude imposta pela minha idade, continuo a preferil-as. Acho que as meninas devem usar-as muito curtas, as moças, menos curtas, nunca acima do tornozelo, e as senhoras, pouco acima do pé.

Essas saias são commodas e hygienicas. A sua commodidade eu ponho á prova todos os dias, quando vou á cidade a compras e ando com os meus movimentos desembaraçados, sem ser forçada, como antes, a occupar uma das mãos em mantel-as sofraldadas por causa do pó. Quanto á sua hygiene, isso é o que ninguém põe em duvida.

E' verdade que a saia curta é excessivamente democratica, e, sob certos aspectos, um pouco villá. Não tem a graça nobre e airoza das saias "trainantes". Isso é verdade. Mas a civilisação moderna, baseada no trabalho, na hygiene, nos exercicios desportivos, precisa

impor a sua moda. Os que reclamam contra as saias curtas, são retrogradados.

M. L.

(S. Paulo)

Reflexões ao luar

Amo as noites de luar e não apreço os dias de sol. E' durante essas noites que me apraz pensar, meditar, demorar a minha imaginação, não nas cousas exteriores que o luar illumina com a sua luz de opalas, mas nas cousas intimas que a sua magia suggere.

Penso em mim mesma, nos sonhos de que me deixei despertar e naquelles em que ainda vivo mergulhada, lastimando o desencantamento dos primeiros e gosando a illusão que ainda me dão os segundos. Toda a minha vida reside nisto: no ideal que busco alcançar e no que, alcançado, desvaneceu.

A's vezes, o esforço das naturas contemplativas, como a minha, dá-me a idéa do tonel das danaiades, que se enche de um lado e se esvasia do outro...

Gyp Bez

(Rio).

Os versos

Não gosto de versos nem de poetas. O verso, por mais bello que seja, sempre me parece artificialioso; o poeta, por mais sincero que se mostre, sempre me parece falso. O verso é artificialioso, porque, obedecendo ao rythmo, á rima, á variedade de vogaes, a mil preceitos e regras que o escrivam, acabam por sacrificar a sua sinceridade; o poeta é falso, porque, obrigado a estudar as paixões para pol-as dentro do verso, a medir-lhes o tamanho para que caibam no rythmo, acaba por tornar-se affectado.

A. heonny

(Fortaleza, Ceará)

DE TODO O BRASIL...

CHAMAMOS A ATENÇÃO DE NOSSOS ANUNCIANTES PARA A DIFFUSÃO DA NOSSA REVISTA

E' cada vez mais animador o movimento de entusiasmo que se nota em todo o Brasil a favor de nossa REVISTA, chegando-nos a cada dia cartas e cartões de nossos mais distintos patriotas, muitos das quais estão felicitando a Direção e pedindo a publicação de nossa REVISTA que já hoje brilhante será a primeira victoria das senhoras brasileiras.

De Barretos.

D. Aura J. Leme Nogueira, escreve-nos: - Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles - S. Paulo. Saúdo respeitosamente a V. Ex.ª, desejando, embora tardiamente, que o anno novo traga a V. Ex.ª e a apreciada Revista Feminina, de que é dignissima directora, as maiores prosperidades.

Em carta registrada sob numero 145, envio neste data a V. Ex.ª a importância de dezesseis mil réis (16\$000), destinada á reforma da minha assignatura e corrente anno e a uma assignatura nova para a Senhora Eurico Nogueira, tambem residente nesta cidade.

Aproveitando a oportunidade e contando com a bondade de V. Ex.ª, tomo a liberdade de pedir me informe sobre o preço do "Tonol" e do "Juglandino", de frasco e da caixa, e essa primeira, pois desejava experimentar esses medicamentos, preconizados por um distincto medico, collaborador da Revista Feminina.

Antecipando meus agradecimentos, rio subscrovo com toda consideração etc. »

De Capão Bonito de Paranaíba.

D. Carolina Cacapaná Mello, escreve-nos: - Exma. Sra. D. Virgínia S. Salles, Saudações. Junto envio uma lista de 11 assignaturas, para a excellente Revista Feminina, sendo 8 para esta cidade e 3 para fora. Comecarão todas de mez passado.

Peço-vo que me enviéis, sem demora, os recibos para poder receber a importância das assignaturas.

Como mihi prometti, tenho trabalhado pela vossa Revista, contando em breve conseguir um grande numero de assignaturas. Peço-vo, si possível for, enviar-me os numeros 40 e 41, que são muito bons para propaganda.

Assignatos da Revista Feminina em Capão Bonito do Paranaíba:

Professora D. D. Maria Leopoldina dos Santos, Albertina Ribas Main; D. Malvina Olyra, D. Elpidia de Prado Silveira, Dr. Luiz Aguiar e Souza, Sr. João de Arruda (prof.) Senhoritas Maria Helena Vasconcelos, Philomena Gemignani, prof. Genesio Morelli - Estação de Bary, Celina Cacapaná - Estação de São Bernardo, Aurora Munhoz de Carvalho - Itapetininga, Nura Mousenhor Soares, n.º 63.

De Cananéa.

D. Esmeria Rodrigues de Oliveira, escreve-nos: - Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles. - São Paulo. Presada Sra. Cumprimento a mihi effusivamente. Com a presente envio-lhe a importância de dezesseis mil réis (16\$000) sendo 8000 para reformar 5 minha assignatura de "Revista Feminina" para o anno proximo e 8000 de uma assignatura para D. Benvidua da Costa Oliveira, residente neste cidade.

Tendo transferido, temporariamente, a minha residencia de Iguape para esta cidade, rogo-lhe providenciar para que a Revista me seja para aqui enviada.

Sem outro motivo, subscrovo-me com estima e muita consideração. De V. Ex.ª cr. muito abrx. »

De Santarem (Estado do Pará).

D. Flavia Cahelê, escreve-nos: - Exma. Sra. Directora da "Revista Feminina" - São Paulo. Attenciosas saudações. Tendo assignatura por algum tempo a excellente "Revista Feminina". Por motivos alheios á minha vontade fui levada a interromper a minha assignatura, havendo, porém, colleccionado todos os numeros recebidos, que, com muito

prazer, conservo. Desejando continuar a ser assignante dessa preciosa publicação, venho solicitar a fineza de, com a possível presteza, mandar-me dizer si o preço da assignatura é o mesmo que vigorava em 1916 (Rs. 7\$000), ou si está augmentado. Pretendo tomar uma assignatura, a contar de Janeiro proximo; e, como quero completar a colleção que tenho, de modo igualmente as seguintes informações:

1.º Posso adquirir, e por quanto, os n.ºs 37, e anno 3.º, referentes aos mezes de Junho e de Agosto, de 1916?

2.º Sendo o n.º 31 (Dezembro do dito anno) o ultimo que tenho, por quanto poderei adquirir todos os que se contarem entre este e de Janeiro proximo, isto é, até que comece a nova assignatura que vou tomar?

3.º Por quanto poderiam ficar-me todos os n.ºs da "Revista", a contar do 1.º, até o 14.º, que é o mais antigo que possuo?

Ha-de-me ser permitido ponderar que, tendo pago um anno de assignatura, continuo o recibo em meu poder, a qual devo "terminar em Março de 1917", como poderá ser verificado com o talão n.º 4.017, cabia-me receber a "Revista" até tal data, o que, entretanto, não aconteceu. Atribuo este facto á irregularidade do nosso servico postal, e o participo á Directoria da "Revista" para seu conhecimento, afim de serem tomadas as devidas providencias que couberem.

Vae inclusa a addresso, Sou Att.ª Patriótica etc. »

De S. Paulo.

Sr. Silva Braga, escreve-nos: - Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles. Mux affectuosos cumprimentos e votos perennes de prosperidade á nossa sympathica "Revista Feminina".

Junto remetto-vo a importância de 32\$000 mil réis, sendo 8\$000 mil réis para a reforma da minha assignatura e 24\$000 mil réis para as novas assignaturas que são as seguintes: Professora D. D. Elpidia de Lima Paiva, Maria José Bittencourt e Predilectissima Rosa, todas residentes nesta capital. Que os mil réis, aqui deixo expostos á declaração de apreço e consideração, subscrovo-me com muita estima etc. »

De Fortaleza.

Sr. Gilberio Camara, escreve-nos: - Ilma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles. Cada vez mais encantado com a mimosa "charmant" "Revista Feminina" - vos envio a quantia de dez mil réis (10\$000), sendo 8\$ para assignatura para o anno de 1918, e 2\$ para o numero do Natal, (15\$000 para o numero e \$500 para o porte registado).

Certo de que attendereis (como sempre) com brevidade e gentileza ao meu pedido, com toda a consideração e a mais elevada e respeitosa estima, me subscrovo etc. »

De Piracicaba.

D. Benedicta Silveira Pedreira, escreve-nos: - Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles. Prezada Sra. Enthusiasmada pelo brilhante successo que está alcançando a sua finissima "Revista Feminina", tambem desejo entrar no rol das suas innumeras assignantes, para que venha a receber a minha assignatura de importância de 10\$000, (dez mil réis), que, creio, a Sra. receberá, quando esta receber.

Esperando ser attendida, muito grato, sou att.ª estima e consideração, admiradora sincera. »

De Rio Preto - Minas.

D. Rita Coutinho de Mendonça, escreve-nos: - Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles. Prezadissima Senhora. Attenciosas saudações e com os melhores votos de felicidade.

A pedido de minha prima Rita Maria Furtado Diniz, venho subscrovo-me no numero das assignantes da magnifica "Revista Feminina" da qual sou muito digna directora.

Desejo que a minha assignatura comece agora em um anexo e prometto-me arranjar-lhe mais algumas no meio das nossas relações.

Com muita, agradecendo, levo-lhe os meus mais calorosos applausos subscrovo-me Att.ª adm.ª grata etc. »

De Urubusairo - E. Parahyba do Norte.

D. Severina Cavalante, escreve-nos: - Exma. Sra. D. Virgínia. Respeitosos cumprimentos. Sou de V. Exca. passe boas festas e muitas felicidades no anno novo. Junto V. Exca. envio-lhe a importância de vinte e quatro mil réis (24\$000) para 3 assignaturas, abaixo

discriminadas, uma assignatura para a Senhora Maria Harbosa de Farias, residente em Natuba. Municipio de Urubusairo, Estado da Parahyba do Norte, Brazil, outra para D. Amélia de Albuquerque de Assis, residente nesta Comarca de Urubusairo, tambem neste Estado, a ultima para D. Francinella Cavalcanti de Moura, Engenho Serra-Verde no Estado do Pernambuco. Correo de Urubusairo, no mes de Agosto, de 1916, está assignantes desejam receber o Adaluis.

Mais uma vez aproveito a occasião para agradecer os meus prestes de alta estima e com muito carinho subscrovo-me Att.ª Obr.ª etc. »

De Piracicaba.

D. Adelaide Morati, escreve-nos: - Exma. Sra. D. Virgínia Salles, Tenho o prazer do cumprimental-a, apresentando-lhe, bem como á querida "Revista" os meus votos de boas festas. Junto-lhe um vale na importância de 10\$000 sendo 8\$000 para reformar a minha assignatura vencida agora em Dezembro, e 2\$ para uma nova assignatura, para minha filha Maria Francisca de Moraes, residente na cidade á rua Boa Morte 71. Fazendo votos pela prosperidade da "Revista", assigno-me sua att.ª admiradora etc. »

De Casalá - Minas.

D. Amélia Ferreira Azevedo, escreve-nos: - Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles, Tenho a subida honra de felicitar a V. Ex.ª pelo novo anno, desejando-lhe venturas e prosperidades á "Revista".

Muito lhe agradeço a gentileza de enviar-me o risco e respectivos preparos.

Demorei um pouco a reformar minha assignatura, por motivos superiores e procurando novas assignantes, obtendo algumas e tambem prometto-me que posso poder enviar logo. Como torna-se ansioso registrar-se pouco dinheiro de cada vez, peço a amiga enviar a Revista 55 novas assignaturas que quero que comece a este mez, ficando eu responsavel pela importância que enviar-lhe-hei quando tiver uns 1 ou 5.

Por hoje envio um vale de 10\$000 para reformar minha assignatura e para ser tomada uma á D. Affonsina F. de Mello Azevedo.

Por outras assignantes são D. Anna C. Ferreira e Isabel de Assis Mello, todas aqui residentes.

As suas prazadas ordens a amiga att.ª ob.ª »

De Porto Alegre.

D. Isolina Gutierrez, escreve-nos: - Exma. Sra. D. Virgínia Salles D.D. Directora da "Revista Feminina". S. Paulo. Muito saudações. Prestes a terminar minha assignatura da conceituada "Revista Feminina" que tão proficientemente dirige, peço-vo consideração como tal no proximo anno, assim como renovam tambem suas assignaturas, as Senhoritas Olga Yvanna Campos e Decolina Vieira Pires.

No mez proximo vou enviarei as importancias correspondentes ás ditas annidades. Sem mais, com subida consideração sou a att.ª apre.ª e obr.ª etc. »

De Piracicaba.

Sr. José Martins Telles, escreve-nos: - Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles. - S. Paulo. Respeitosas saudações. Vou á caixa do ultimo numero da "Revista Feminina", publicado neste mez, peço reformar as seguintes assignaturas:

1. Prof. D. Eugenia da Silva, Piracicaba. 2. Prof. D. Anna Rita de Toledo Godinho, Piracicaba. 3. Prof. D. Juvenina Martins de Toledo, Capivary, Est. do S. Paulo. 4. Maria Sorocebana, Rua Rossini 3424, Porto João Alfredo, Via Piracicaba, Linha Sorocebana. 5. José Martins de Toledo, Piracicaba.

Os recibos podem ser remetidos para esta cidade em meu nome.

Com esta remetto um vale postal na importância de cincoenta e cinco mil réis (55\$000), sendo quarenta e seis mil réis (46\$000) para pagamento de cinco assignaturas e quinze mil réis (15\$000) para serem entregues ao Sr. Octavio do Amaral Coelho que procurará essa assignatura no escritório, apresentando um cartão e não sendo necessario recibo. Sem outro assumpto, sou de V. E. etc. »

De Bragança.

D. Carmelina Vieira, escreve-nos: - Exma. Sra. D. Virgínia S. Salles. Tenho o prazer de enviar-lhe um vale postal de 24\$000

para assignaturas da tão apreciada "Revista Feminina"; 16.000 para duas assignaturas, sendo uma para D. Tereza Bueno Lopes residente em Amparo e outra para a Exma. Senhoria Euzébia de Vaz residente em Bragança; ambas desejam receber o numero deste mez. E oito mil r\$8000 para renovação de minha assignatura, para o anno de 1918.

Esperando angariar mais assignantes, encrego os meus esforços afim de diffundir nosa util Revista.

Som mais subscrevo-me com estima de V. Excia., Amiga corda. atta. etc.

Do Rio de Janeiro.

D. Ruth Machado, escreve-me: - Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles, Cordeses saudáveis. Desejando uma assignatura mais da "Revista Feminina" venho solicitar da Sra. o obsequio de tomar em consideração e começar a remetê-la em Janeiro de 1918 com o seguinte endereço: Madame General Thaumaturgo de Azevedo, Rua das Laranjeiras 417, Rio. Remetto 128000 sendo 88000 para esta assignatura, 18000 que eu devia da minha que começou em Agosto do corrente e 28000 para que me seja enviado um modelo para afixar de que trata o n.º 49 de Setembro de 1917.

Fazendo sinceros votos pela prosperidade da querida "Revista Feminina" subscrevo-me da Sra. admiradora e creada etc.

De Brum.

D. Clara Lopes, escreve-me: - Exma. Sra. D. Virgínia de S. Salles, cordeses. Tenho o prazer de enviar-lhe um vale postal no valor de 168000 (dezezes mil r\$6800) e para reformar a minha assignatura que há 3 annos sou assignante, e 88000 de mais para uma antulhina, Moçina Pereira do Nascimento, rua B. de Carvalho, 50, Iauri. Com estima e consideração etc.

De Pitangueiras recebemos a compilanção da respectiva importancia a seguinte LISTA DE ASSIGNANTES DA "REVISTA FEMININA" angariada por D. Aurelia da Góez Cruz Catany para 1918.

Senhoritas: Ruth Arruda, Flora Catany, Hilda Catany, Clotilde de Mattos, Amélia de Brito, Elza H. Clotilde, Dulce Cantinho Biapani, Judith Avelar, Amalia de Vasconcelos, Leontina Cardeal, D. Jovita N. Meilho. Pitangueiras, 10 de Dezembro de 1917.

De Santa Rita.

D. Legendia Meirelles dos Santos, escreve-me: - Exma. Sra. D. Virgínia, sineiras saudáveis. Junto a esta envio-lhe 482600 correspondente a 6 assignaturas para a sua apreciada Revista; em papel separado a lista das assignantes. Arranjei mais duas que ellas mesmas mandarão assignar. - Todas ellas meçam o numero do Natal - Farei o que for possível em propaganda de sua Revista; nota-se digna e necessária de todo o povo. Com consideração subscrevo-me. Att. Am. Obr. etc.

LISTA DAS ASSIGNANTES

1. Loueyda Meirelles dos Santos reform. 2. Maria Eugénia Meirelles, Santa Rita do Passa Quatro, E. de S. Paulo. 3. Maria das Dóres Meirelles, Tambahú (Mozyana). 4. Jeara S. Meirelles, Estataes (P. A. Angolá). 5. Maria Apparecida Siqueira, Matto Grosso de Estataes, E. de S. Paulo. 6. Maria da Conceição Alves, Corrego Fundo (Mozyana).

De Jabú.

Sr. Americo França, escreve-me: - A "Revista Feminina" - S. Paulo. Remetto-lhe inclusive um cheque de 21000, cuja importancia é destinada á tres assignaturas annuaes dessa conceituada "Revista" para as Exmas. Sras. abaixo mencionadas, residentes nesta cidade. D. Euzébia de Moraes, D. Virgínia Porteira Moreira e Srta. Ruth Fraga. Com estima e apreço sou De V. Excia. Cr. M. Obr. etc.

De Itapetininga.

D. Antonia Colaço, escreve-me: - Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles, Distincta Senhora, Primamente em nome das minhas felicitações pela entrada de 1918, fazendo votos para que o corrente anno seja prospero e feliz para si e para a querida "Revista Feminina".

Consegui hoje mais uma assignatura para a Revista. Trata-se da Srta. Prof. Angelina Madureira desta, residente em Gureny;

esta minha amiguinha aprecia muitissimo a Revista e pediu-me para conseguirlhe uma assignatura, o que ora faço de bom grado.

A minha amiga deseja a minha antulhina e a minha assignatura, e a consequente poderá, se for possível, contar de Dezembro findo a assignatura: ella espera receber o "Adulnis" e os numeros de Dezembro e Janeiro, aqui, e os outros, no Gureny.

As 86000 junto nos 28000 para a remessa dos numeros 32 e 33; rogou-lhe fazer o N.º 49 para consequente desajo ter uma colleção completa da Revista.

Aguardando ser attendido, subscrevo-me, sua devotissima, etc.

De Varré-Sahe - E. do Rio.

Sr. Octavio de Almeida, escreve-me: Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles, Saudações. Admirador do talento de V. Excia. e um dos melhores propagandistas da "Revista Feminina" de que V. Excia. é illustre director, mando hoje pelo correio, em carta registrada a importancia de 108000 réis para uma assignatura da referida Revista.

Queira V. Ex. mandar-me tambem o grande numero do Natal offerecido gratuitamente aos assignantes.

Assente ha já algum tempo de S. Paulo, tenho conseguido alguns assignantes para a "Revista Feminina" e o positivo é que os melhores outros mais por estas paragens onde me encontro atualmente.

Estarei ao lado de V. Ex. trabalhando para o espirito feminino vivo e brilhante em toda parte. Attencio e admirador de V. Ex. etc.

Enviar-me-as assignaturas mais as seguintes pessoas:

Antonio de Magalhães, Zulmira Lamy da Costa, Bruno Ventura, D. Edmundo Nogueira de Lima, Zenaida Nogueira de Lima, Alexandre Azeite, Agnelo Leite Filho, Dr. Agnelo Leite, Sr. Sebastião José de Cruz, Celestino Martins, D. Maria de Lima, Irene Leme, Elvira Amantes de Queiroz, Ana Castro Guimarães, Conceição França, Esther Chaves, Othonequer, Maria Gaudosa Gonzalez, Amadeu Gonzalez Ferreira, Maria Amelia Ribeiro, Fernando Costa, Maria Pereira da Silva, Maria Pires Oliveira, Maria de Jesus Castro, Antonio Carneiro Pinto, Nora Monteiro, Maria da Conceição Magalhães, Rosa Oliveira, Hilda Villela Carvalho, Rosa Silva, Maria da Graça Gonçalves, Eurico Cesar, Maria Carolina da Cruz Leite, Carlos Funcher, Prof. Mariette Alverri, D. Gloria Mazziotto Pinto, Isabel Guerra, Agnelo Leite, Sr. Pereira, Nene Castro, D. Leonilda Vieira, João Baptista Aguiar, Albertina Moraes Barros, João Amador, Delfina Braga, Antônia Rolim Collaço, Augusto Caco de Assumpção, Ceonirino Formis, Lindino Pereira Vianna, Eduardo Leitão, Erolindes Pereira Diniz, Riberio, Guiomar R. Janqueira, Maria Diniz Janqueira, Elvira Frazz de Carvalho, Dalila Pereira da Silva, Maria de Souza Rodrigues, Mariatelo Prado, Rita de Mello Junqueira, Francisca Nunes Monteiro, D. Zilma de Mattos Pacheco, José Ferreira da Silva, Maria Nóbrega, Tranquillino de Barros Monteiro, Elvira Arantes, A. Ferreira da Costa, Dr. Couto de Maccabellis, M.º Dr. de V. Excia. de José Martins de Almeida, Gustavo de Anzanel Coslho, Herminia Hebrero Costa, M.º Benjamin Dias, Sophia Antonietta Cremer, Hiliano Armas, Luiz Carvalhetti, J. R. Pereira, Sarahita Fontoura, M.ª Helena Fontes, Maria de Paula R. Schmidt, Jordina Joia, Dr. Arantes, Mario Pacheco Almeida Prado, Julia de S.ª Benedicta Sampaio Ferraz, Albertina de Assis Schramm, Maria Eugénia Ribeiro Klein, Maria Alves, Maria G. Loureiro, Magdalena Penna, Vora Lutzosa Cordeiro, Delfina Ferreira, João Henrique Cardoso, B. Rosa Schittini, Beatriz M.ª de Almeida, Sinhazinha Barros Gomara, Cláudia Morato, Rosa Silveira Fonseca, Olympia Barros, Maria Cândida Gonçalves, Adria Gama, Benigno Naves, Sinhazinha Coutinho, Justina Nunes Fernandes Pereira, Luiza Ferreira Pacheco, Conceição Dias Diniz, Cyrene de Freitas, Maria D. Domingas Baldi, Marcelino Pereira, Margaretha Parolho, M. Salles Pimentel, Albertina Leitão, Alzira C. Pinto, Yayá de Lima Chelumb, Antonio de Amorim, Anna Augusta Pereira, Carmen de Castro Couto, Miguel Souza Guimarães, Maria Silva Guimarães, Francisca Pacheco A. Prado, Conceição B. de Luna, Emilia Celeste Pellario, Maria de Almeida Azevedo, Leonilda Ribeiro Lopes, Iracema Spina, Maria da Glória Andrade, Periche Ramos, Noemia Bueno Bier-

remach, Esther Souto Ribeiro, Leonydia Meirelles Santos, Sr. Domingos Tolentino Filho, Helena Ferraz, Sr. José de F. Aragão, José Mesquita Filho, Rodrigo Soares Oliveira, Afionciana Brasileira, Rosalina Leite Ribeiro, Laila de Moraes, D. Maria de Moraes, Julio C. Nogueira, M.ª Ophelia Maia, Eros Prudente Correa, Diamantina Ramos Furtado, Ernestina Gomes Furtado, Amalia de Vasconcelos, Leontina Correa, Nolasco da Silveira, Romeu de Campos Pinto, Maria de Lourdes Cintra, Lafayette Camargo, Luiz Correa Camargo, Dr. Francisco de Moraes, Augusto Castro, Maria Arruda, Flora Catany, Hilda Catany, Clotilde de Mattos, Ambrósia de Brito, Elza G. Cl.iff, Dulce Cantinho Biapani, Judith Avelar, Amalia de Vasconcelos, Leontina Correa, Jovita N. Meilho, Prof. D. Eugénia Silva, Prof. D. Anna Teófilo Godinho, Prof. D. Juvantina M. Toledo, D. Rosina Spota, José Martins de Vasconcelos, Leontina Correa, D. Josephina C. Queiroz Telles, Emilia Coutinho, Mico, Carlos Pessoa, Prof. Diva Nogueira, D. Luiza de Camargo, Isabel Machado de Góez Lara, Srta. Olga Alveiranga Cruz, Srta. Francisca Magalhães, Dr. José de Mello, Maria Monte Carlo Machado, Srta. Noemia de Moraes, Amélia Gouvea Vianna, Noemi Gouvea Pires, Anna Augusta Cintra de A. Prado, Esther de Azevedo Leitão, Narcionilla M. de Paula, Julia Correa de Araújo, Silverio Alves, Srta. Beatriz Carrera Torres, Elvira de Moraes, Srta. Maria de Moraes, Srta. Assis Albernaz, Srta. Ione Guimarães, Julia Luiza Pinheiro de Lemos, Dr. Ferreira dos Santos Azevedo, Julietta de Sá, Mico, Carlos Barbosa Valladao, Elvira Ruina, Olga E. Zoradio Vieira, Maria Esther L. Maciel, Maria da Graça Lara, Srta. Olga Alveiranga, Tiane Mazzo, Maria Dias, J. F. Herouland de Carvalho, Augusto de Menezes, Elisa da Silveira Popó, Mico, Maria Luiza Paletta, Amélia Babilhador, Dr. Luiz A. de Damiani, Maria de Lourdes Tavares, Laudulina Carvalho de Souza, Olympia Teixeira, Anna de Souza Pinto, Leonor de Toledo Galdas, Zezila de Souza, Maria de Moraes, Srta. D. Laura L. C. Leite, Mico Serbaldo Ceilano, Maria Nozareth Fernandes, Dr. Francisco Dantas Ferraz, D. Caedula Bittencourt de Camargo, Maria de Góez, D. Maria de Dias Pinheiro, Izabel Xavier Dias Costa, Elvira Raposo de Amorim, Violeta Leme, Dr. João Lyra, Viscondessa da Cunha Bueno, D. Adelaide de Moraes, Srta. Maria de Moraes de Alcantara, Phelid. Gonçalves, Laura Freije Meirelles, Alhina Pires de Campos, E. P. Pereira de Oliveira, Benedita Moreira Souza, Srta. Maria de Moraes, Srta. de Moraes Silva, Rêda Silva, Helena Marques Oliviana, Judith Rodrigues dos Santos, Hilda de Aguiar Barão, Maria Augusta Amazonas, Alberto Bonifácio, Srta. Sinesia Polsova, Farmon Siqueira, Rubens de Carvalho, Antonio Conto, Maria da Cunha Moreira, Prof. Maria Odette Veiga, Maria Theresia Benedicto, Domizita Pentecoste, Estiphanie de Moraes Polsova, Farmon Siqueira, Brizida Assis, A. Silva, Julieta Coimbra da Luz, Maria Luiza V. de Paula, Antulheta Magalhães, Maria José L. Macedo, Antonio de Moraes, Srta. Priscilla de Moraes, Dr. Benjamim de Campos, Graziela Porto, Mico, Dr. Mello Coimbra, Dr. Gouttran Reis, Mons. Dr. Frederico de Souza, F. Trank de Camargo, Srta. Vera Lázaro, Srta. Maria de Moraes, Maria de A. Sampaio, Adelaide Biederstein, Francisca S. Loureiro, Dr. Salles Junior, Isabel Maria Fereira, Dr. Fadhia Salles, Dr. Paulo de Moraes, Srta. Maria de Moraes, Maria Augusta Dantas, Maria Bittencourt, Alhina Machado, Nolinora Passos Santo, Nair de Moraes, Maria de Moraes, Juliana Ribeiro, Srta. M. de Moraes, Hermenegildo Victor Baptista, Edma Nogueira Porto, Srta. Vera Trigo Loureiro, Maria Magdalena Siqueira, de Souza, Srta. Maria de Moraes, Srta. Elina Silva, Prof. Erolindes Bortolero, Maria Elza Martins Costa, Edina Senna Guimarães, Carolina Santos Dias, Dr. João Manoel de Castro, Srta. Sinesia Polsova, Srta. Sinesia Polsova, Nadia Lima, Adolpho Prado, Andressa de Barros, Sr. João Bordin, D. Theresia Bordin de Almeida Paulo, Srta. Neziha Maulica, Srta. Vera Lázaro, Srta. Maria de Moraes, Othília Carreira, Lavinia Barbosa Carreira, Lavinia Barbosa, Helena Bezende de Oliveira, Maria Julia Alzotoli, Luiza Alzotoli, Srta. Maria de Moraes, Srta. Elza Papini, Srta. Izabel Garcia, Srta. Laura Carneiro, Hilda Bilizaga de Paiva, Maria Amélia de Paiva, Petrolina Queiroz Fiuza, Antonio de Moraes, Srta. Beatriz de Almeida, Pentecoste, Francisca Pacheco Almeida

Prado, Dulce Martins da Graça Leite, Antonia Maria Bengtson, Maria Aryold Placere, Priscilla Alvares Correa, Naty Ferreira Dias, Micaela de Castro Pinheiro, Santa Brígida da Souza, Quercia Ribeiro Falcão, Prof. Gilina de Faria Oguliane, Mme. Arthur Polixoto, Maria Sampaio de Carvalho, Theresia Sampaio, Lina Figueiredo, Mlle. Dr. João Costa, Hilda Ferreira, Ambrosina Xavier de Andrade, Sylvia Carvalho Arzuda, Luiza Margarida Kitz, Helena Correa Vaz, Manoel Bittencourt Ribeiro, Iracema de Moraes, Epitacia da Bandeira, Mme. M. de Vasconcelos, Mme. A. Ribeiro Kirsch, Mlle. Annita Gonçalves, Maria Hueno Orrelli, Antonio Ramos de Azevedo, Mrs. Pires, Adelaide, Mlle. M. de Almeida, A. Leite, Ezequiel dos Santos, Dr. Desiderio Stapler, Eugenia da Costa, Maria Elisa de Arzuda, A. F. da Silva Braga, Maria de Lavinia Paiva, Prof. Maria José Bittencourt, Prof. Prodlina Rosa, Alice Coesari Covari, Virginia Rosa e Filhina, Alexandrina Thele, Hilda Morais, Sylvia Chaves Miranda, Herculana Figueiredo, G. Nóbilio, José Venosa, Filsa Soares de Toledo, Mimoso Bastos, Carolina Fereira Martins, Maria Eliza de Moraes Correa, Octavio de Gasparini, Maria de Castro de Quadros, Amadeu Ribeiro, Clarisse de Souza e Almeida, Maria Carolina de Almeida Curado, Virginia Campos de Almeida, Amélia de Castro, Sônia de Castro, Henrique G. Costa, Joaquim Simão Fava, Antonio Correia, Dr. Plínio Barreto, Lavinia Franco de Mello, Alice Costa, Catharina Cascaello, Virginia Leite, Sônia de Castro, Aida Ribeiro Teixeira, Mme. Dr. Itapura de Miranda, Henriqueta Rosas de Araújo, Dorothea Girão Fregata, Ernestina Silva, Carolina de Souza, Raphael Sampaio, Mlle. Thanaaturgo de Azevedo, Maria Amélia de Brito Costa, José Custodio Garcia, Julieta Kriem, Maria Rizzo de Castro, Magdalenê do Andrade Bittencourt, Adelina de Figueiredo Mendes, Gasparina Figueiredo de Faria, Alice Leite Sampaio, Alice Alvarez, Joaquim Tibarcio Junqueira, André Wendhausen Junior, Dolores Veloso, Gilberto, Rosa Monteiro Galambek, T. de Castro & Cia., Dr. José Augusto Ferraz, Sylvia Azevedo Marques Castro, Margarida Rosado de Oliveira, Carolina Medeiros, D. Maria José Machado, Dr. Luiz Gonzaga Colangolo, Sra. Maria Vilca Meyer, Sra. Maria de Almeida Mesquita, D. Marieta Pimentel da Fonseca, Otília de Faria, Theresia de Faria, Sra. Maria de Aguiar, Mme. Cel. João Guiberto de Carvalho, Judith Moraes, Sionara Penteado Gregoire, Francisca de Assis Gonçalves, D. Maria Antônia, Sra. Gertrudes, Maria Victoria Pires Caldas, Euzegalina Alves Buri, Clementina Dornellas Camara, Sra. Albertina Pinto Lemos, Luiza Coutinho de Mendonça, Cláudia de Toledo, Olima Barboza Pinheiro Lima, Alberto Guilará, Aristideia Nando Baptista, Nina Vortel, D. Ventura Condini, Isaura Castanho, Delphinia Ferreira Amaral, Maria José Barker, Plínio de Moraes, Zulmira de Amaral, Maria Eliza de Abreu, Amélia de Barros Aranna, D. Maria Augusta Silva Bento, Sathiel Arruda, Pedro Arzenio Dias, D. Isabel de Moraes Pereira, Maria Justina Domingos Castro, Thomaz Alfredo Junior, Mme. Vicência Pedrosa de Carvalho, Mme. Zacharias da Nova Monteiro, Noemia Bueno Herrenbach, Iracema de Campos Speers, Alice de Figueiredo, Mme. Pio Correa, Isolina D. Hateli, Joseph Gavilho, Carlota de M. Vitorino, Mlle. M. de Almeida, de Paula Nogueira, Maria Amélia Ribeiro, Maria Gandra Gonzalez, Dr. Fernando Costa, Magnolia Pires Oliveira, Maria Pereira da Mota, Mme. Monteiro Lobo, Maria M. Monteiro de Castro, Maria Candida da Cruz Leite, Zulmira de Barros Pires, Vivva Gitaly, Rosa Oliveira, Antonia Camargo Penteado, Maria Conceição Magalhães, Guadalupe Villar, Guiomar Magalhães, Eugenia Ferreira, Francisca Camargo Silva, Irmãos Vagliengo, Rina Vagliengo, Dr. Arthur Nicanor Vagliengo, Dr. Domingos Vagliengo, D. Guilhermina Pereira do Almeida, Ignez da Rocha Ferreira, Candida Ulhoa Cintra, Antonio Rogério, Maria de Paula Rayvas Mendes, Maria de Fátima Pacheco, Judith dos Santos, Gloria Maranhão Pinto, Isabel Rocha, Mariotto Livrini, Clotilde Montenegro, Dinotah Reis, Icyrozo Clivino, Persiana Vianna, Maria Augusta, Amélia Lebre de Sampaio, Loureço de Almeida Prado, Elisa Augusta Villela Marques, Isabela Villela Alexandrino, D. Anna da Rocha, D. Daura Abramo, D. D. Adelaide S. Hehl, D. Sylvia Paes de Barros, D. Elzira Barreto Rolison, João Penteado, D. Faustina Nicácio Castel, Sr. Julião de Souza, D. Maria Francisca de Souza, D. Alberta Guimarães, Cel. João Manoel de Almeida Barboza, Dr.

Eduardo Martins Fontes, Sr. Mario Guimarães Couto, Sr. Antonio Pinto Alves, Dolores Abreu Gouveas, D. Cassia Cardoso, Assunta Ferrares, Carlos Nelson de Moraes, Maria Braga, João P. de Amaral, Albertina Moraes Barros, Sra. Olivia Rodolfo, Mariana Augusta da Silva, Antonia Rolim Colloco, Augusto Calvo da Assumpção, Ceza Rosa, Irma Libindo Pereira Vianna, Mlle. Armig. Mirielles, Maria Queiroz Ferreira, Amélia Fagundes, Edith Leite, D. Emilia de Santa Margareta, D. Erudinda Pereira, Maria Luiza de Azevedo Junqueira, D. Maria Luiza de Moraes Andrade, D. Maria Ayres, Elisa de Azevedo, Julieta Amorim, Maria Alice Amorim, Sr. Augusto Calvo da Assumpção, Ceza Rosa, Maria Procopio, Genevova Martins Ribeiro, D. Balbina Lopes Dias, Estephanina Maria do Estreito, Francisca C. de Mello, Rita Siqueira de Mello Garcia, Laura Andrade, Alzira Vargas de Barros Monteiro, Sra. Cynthia Araujo Cardoso, Dr. Amândo Cayaby, Theophila Antero, Maria Pinheiro Villela, Elvira Puglielli, Apolino Teixeira Machado, Maria Augusta Guarita, Sr. Cel. Manoel Soares Naves, Elisa Zalla, Lendrinna Fonseca de Sampaio, D. Maria de Fátima, Sra. Maria, Oliva Nazianzeno, Valentina da Silva Braga, Antonieta da Cunha Frindrick, Mme. Isachell Leme, Mme. Susana Gindra, Dulce, Biva e Theresia de Castro, Sra. Maria de Moraes, Dr. Manoel Ferraz da Costa Aguiar, Alzira de Salles Souto, Maria J. Fonseca Silveira, Maria Augusta da Fonseca, Theresia de Aguiar, Maria Augusta de Castro, Sra. Maria, Sival Penna, D. Alice Noronha, Mme. Dr. Pedro Vicente de Azevedo, Guiomar Paiva Oliveira, Beatriz M. de Mansuetto, Albertina Naves Sobrinho, Benedita de Sampaio, Maria Wallimann, Luclia Oliveira Castro, Fernando de Magalhães, Prof. Eugenia da Silva, Prof. Anna Rita de Toledo Godinho, Prof. Inventiva Maurício de Toledo, Beldi Spoto, José Martins de Toledo, Mme. Dr. Arantes, Jordina Joel, Maria Pacheco Almeida Prado, Prudente Cordeiro, Marquinhas Neto, Olyntha Tenquist, Maria Leopoldina dos Santos, Prof. Albertina Ribas Maia, Prof. Matvina Oliva, Elpidia do Prado Silveira, Dr. Luiz Aguiar e Souza, Prof. João de Arruda, Sra. Maria Helena Vasconcelos, Plilomena Bessaunier, Prof. Genesora Morelli, Ceina Cacapaná, Aurora Munhoz Carvalho, Sophia Antônia Gremer, Mme. Benjamin Dias, Alice Maria de Castro, Sra. J. Berto, Otília de Cunha, Claro Liberato de Macedo, Esther Claves Oberlander, Antonio de Freitas e Silva, Bertha Helena de Camargo, D. Maria de Almeida, Ernestina Marçalles, Helena Ewald, D. Cotinha Ferreira Quilici, Erminda Forraz Grazor, Maria Ventura, D. Zulmira Rodrigues, D. Maria Rodrigues, Alice de Almeida, Herculana Marques, Estelade A. R. Souza, Milhemina Silva, Mme. Irene Dal Soie, D. Maria de Lourdes Ferreira Santos, Lucas Nolasco da Silveira, Rousey Campos Pinto, Maria de Lourdes Cintra, Lafayette Camargo, Luiz Correa Camargo, Dr. Francisco Larayza, Sra. Gertrudes Teixeira, D. Olympia de Souza Metelios, D. Maria do Carmo Cordeiro Hetch, Heroína Cruz, D. Ramilda Soares, Nilo Arouca, Sra. Maria de Lourdes Araujo, Isaura de Araújo Lima, Sra. Aramita M. Marques, Euclidia Yax de Mello, Aura J. Leme Nogueira, Mme. Eurico Nogueira, Maria Rosa Marcondes Moreira, Sylvia Abranches Miorrel, Leonor Moreira Leite, Carlina de Azevedo, Berenice de Almeida Mesquita, Marietta Ribeiro dos Santos Adelaide Ferreira, Aletti Ribeiro, Prof. Albertina Ferreira Gonçalves, Alice Barbosa da Silva Sra. Georgina Ramos, D. Maria Sampaio de Almeida, Veronica de Andrade, Iglesias, Urbano de Moraes Bueno, Domingos Rodrigues Netto, Sra. Loureço, Clotilde Calaby de Sales, Sarraceni de Almeida, Fagundes Sra. Laura, D. de Almeida, Tito Ribeiro, Edwiges de Carvalho, Dr. Alexandre Moreira Penna, Ella Miragaya, Amadeu Anforto, Margarida Thero, Annarosa, Brenha de Josephina Barro, Caedina Werneck de Almeida, Alice S. Tanajira Guimarães, Dr. João A. Correa de Araújo, Maria Gouart, Flor Correa, Maria de Fátima, Maria Mattos, Maria M. Silva, Faustina Tete, Sophia Pimentel de Lima, João Baptista Ramos, Maria Gonçalves de Rocha Bueno, Emília Celestina, Mme. Anna Maria, Sra. Maria, Mme. Francisca Gianni Bruno, Ambrosina de Abreu Ferreira, Consolata Brasca Seurz, Aristides da Silveira Fonseca, Laudelina L. Soares, Sra. Costa Lago, Sra. Maria Barbosa de Farias, Amélia Cavalcanti de Assis, Francisca Cavalcanti de Moura Eliza Moreira, Manoel Oliva, Maria Rosa Vieira, Francigena Maria Ferreira, Adalino Vasconcelos, José Libindo Vianna, Marietta Torstert.

A Scientia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente; «isto — elle bebeu com o leite — e nesta synthese popular está encerrada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber, a força, a saúde, o *mens sana in corpore sano*; com o leite podese tambem beber o rachitismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentição, prenunciando um futuro miseravel, arrastado em meio de molestias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella não se preoccupou de repousar, de alimentar-se bem, e principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos a basics para a formação do esqueleto da creança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teria evitado se tomasse cada dia quatro *Malcom Crisical Pastilles*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcios para a formação dos dentes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em S. Paulo.—Um vidro com 100 pastilhas : 20\$000.—Enviar o pedido e importancia.—Com quantia tão insignificante garantireis a formação perfeita do lindo bebé sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira
Praça Antonio Prado (Palacete Briccola)—S. Paulo

ADALIUS

O mais elegante livro sobre cozinha até hoje publicado.

Contém grande copia de receitas de cozinha, doces, hiores, etc. todas experimentadas e muito praticas. Elegante livrinho útil a toda a dona de casa e de grande proveito para as moças.

Preço 1\$000 Réis

Remette esta importancia em sellos do correio com o vosso endereço a *Empresa Feminina Brasileira* Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) — S. Paulo e immediatamente receberéis o «Adalius» pela volta do correio

BEMDITA SUPERSTIÇÃO

[MARCEL PRÉVOST]

E' uma pequena historia a que vou contar; historia verdadeira, mas delicada e tenue, tão tenue mesmo, que ao escrevel-a temo tirar-lhe toda a sua fragil graça e delicado sabor.

Foi-me contada, uma noite, em uma sala magnifica, decorada com o luxo complicado das salias de jantar modernas, por uma encantadora mulher, que produziunos que a ouvimos uma impressão tenaz e empolgante.

Durante o jantar fallára-se muito de superstições, essas sollicitações mysteriosas, que a sciencia explica e classifica, ás quaes quasi ninguém escapa, desde os que se põem a contar o numero das flores do papel que forra as paredes de uma sala, os volumes de uma bibliotheca, tudo quanto se pôde adicionar e perfarer um certo numero par ou impar, até aquellas que caminhando por uma rua querem chegar junto de um candieiro d'illuminação, primeiro que outro transeunte e mesmo os que embirram com derramar sal, azeite, tinta, etc.

E todos nós, os commensaes, accusámos as nossas fraquezas, os nossos ridiculos de maniacos, sem receio de que os outros nos troçassem.

Apenas uma senhora, aquella a quem já me referi, deixára de trazer o seu peccadilho de ridiculo a esta especie de confissão geral.

— E V. Exc. minha senhora, perguntei eu; é, dentre nós, a unica pessoa isenta de soffrer d'estas pequeninas miserias nervosas?

Ella, sorrindo, pareceu querer recordar-se de qualquer cousa, e momentos depois, contou o seguinte:

— Não sei bem se sou supersticiosa; francamente, nunca dei por isso.

— Entretanto ha dias, senti em mim qualquer cousa de muito semelhante ao que acabo de ouvir contar. Uma especie de impulsão interior, uma força que obriga a executar immediatamente, um acto indifferente, como se d'elle dependesse a nossa vida. Eu conto como foi.

— Ha cinco ou seis dias sahi com a minha Suzon. Acompanha-a a ao seu collegio. Como estava uma manhã deliciosa, resolvemos ir a pé, pelos Campos Elysios, seguindo os boulevards até á rua Laffite. Caminhavamos alegremente, tagarelando ambas, quando, na altura da rotun-

da, um pobre homem estropiado se arrastou deante de nós, estendendo a mão sem pronunciar palavra.

— Eu segurava a minha sombrinha com a mão direita e com a esquerda, á qual se agarrava Suzon, segurava o vestido. Confesso que não quiz parar para tirar dinheiro da bolsa e segui sem dar esmola ao mendigo.

— Continuámos ambas a descer os Campos Elysios; mas a minha filha deixou quasi subitamente de tagarellar e eu propria, sem saber porque, tambem não sentia vontade de conversar. Chegamos á Praça da Concordia sem trocarmos mais uma palavra sequer. E, pouco a pouco, eu sentia apoderar-se de mim uma especie de agonia, de inquietação e de mal-estar, uma especie de remorso de ter commetido um acto irreparavel e que inspirava o receio de um perigo vago no futuro.

— Eu bem queria convencer-me de que não tinha falta alguma a pezar-me na consciencia e que me fizesse temer pelo seu resultado; mas os meus argumentos eram inuteis, porque a sensação não desaparecia.

— Por umas poucas de vezes estive para voltar atraz e ir até onde tínhamos encontrado o mendigo; mas uma especie de pejo, mal entendido de resto, me continha de o fazer deante de minha filha.

— Já iamos a tornejear a esquina da rua Laffite, quando Suzon fazendo-me parar disse:

— Maman!

— Que queres, filha? perguntei.

Ella fixou em mim os seus lindos olhos e disse-me com ar sério:

— Maman, porque razão não deste esmola áquelle pobresinho nos Campos Elysios?

— Exactamente como eu, a pequenina não tinha pensado em outra cousa, depois do encontro com o pobre.

— Sentia, como eu, o coração opprimido; apenas ella, mais sincera e leal do que sua mãe, confessava sem hesitar a sua inquietação.

— Tens razão, querida, lhe disse eu.

— Consulte o relógio e faltavam apenas vinte minutos para a hora de entrada no collegio. Chamei um fiacre, metti-me nelle com minha filha e mandei seguir outra vez pelos Campos Elysios, promettendo uma boa gorjeta

ao cocheiro para que fosse depressa. — Pelo caminho eu ia pensando: E se o mendigo já tivesse partido? E se o não encontrassemos e não podessemos saber para onde fóra?

— Chegámos á rotunda, apeámos-nos e olhámos para um e outro lado.

— O homem já lá não estava. Interrogámos uma das mulheres que alugam cadeiras e disse que se lembrava de ter visto o mendigo, mas que não era dos que por alli costumavam apparecer. Fiquei desolada.

— De repente, Suzon avistou-o, sentado no chão junto de uma arvore. Dormitava com o chapéu entre as pernas.

— Suzon foi devagarinho para não o accordar, deixou-lhe na copa do chapéu uma pequena moeda de ouro, que eu lhe déra, a primeira que me veio á mão na bolsa.

— Voltou correndo o meu anjo, risonho, alegre e feliz. Tomámos o fiacre e voltámos á rua Laffite.

— Será talvez absurdo; mas posso garantir que quando nos achámos dentro do carro nos abraçámos estreitamente, como se tivéssemos escapado de um grande perigo.

A formosa senhora calou-se, envergonhada de ter fallado tanto de si propria, no meio de um religioso silencio.

A mim, que a escutava, pareceu-me ter respirado um ar mais puro, ou bebido agua purissima na nascente crystalina.

Bemdita superstição!

ADALIS

O mais elegante livro sobre cozinha até hoje publicado.

Contém grande copia de receitas de cozinha, doces, licores, etc. todas experimentadas e muito praticas.

Elegante livrinho util a toda a dona de casa e de grande proveito para as moças.

Preço 1\$000 Réis

Remettei essa importancia em sellos do correio com a vossa endereço á *Empresa Feminina Brasileira* Praça Antonio Prado (Palacete Brícola) — S. Paulo e immediatamente recebereis o "Adalís" pela volta do correio

Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo

Escritorio: Rua 15 de Novembro N. 36 — SÃO PAULO

Officina e Fundição: Rua Monsenhor Andrade — Braz

Filiaes em Santos - Rio de Janeiro e Londres

IMPORTADORES de toda a classe de material para construcções e para Estradâs de Ferro Locomotivas, Trilhos, Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos Asphalto, Tubos para abastimento d'agua, Material Electrico, Navios de Guerra Reboadores, Lanchas e Automoveis «FIAT» etc.

FABRICANTES de Machinas de café e para a lavoura, de Material ceramico e sanitario, Fabrica de pregos, parafuso e rebite, Fundição de ferro e bronze, etc.

Grande Serraria a Vapor — Constructores e Empreiteiros

AGENTES de Robey & Co. Fabrica «FIAT» (Automoveis) - Fabrica de Ferro Esmaltado «SILEX» - Comp. Paulista de Louças Esmaltadas - Societá Italiana Transarea «SIT» (Aereoplano e hydroaeroplanos Bleriot). - Soc. de Productos Chímicos «L. de Queiroz» etc...

DEPOSITO, FABRICAS e GARAGE: Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasiliense - Braz

ESTABELECIMENTO CERAMICO: Agua Branca - Telephone No. 1015

Codigos em uso: A. B. C. 5.ª edição, A. J., A.Z., Western União, Lieber's, Bently's e Ribeiro

A COMPANHIA BRASILEIRA DE SEGUROS

TRANSFERIO A SUA SEDE
SOCIAL PARA A

RUA DIREITA N. 35

Telephone Central, 1621

Caixa Postal N. 828 ::

São Paulo

OPERA EM
SEGUROS DE VIDA,
TERRESTRES, - - -
MARITIMOS E DE
ACCIDENTES - - -

EXMAS. SENHORAS

Ouvi um bom conselho:

Quereis ter a vossa pelle alva, aquelludada e livre de manchas? Quereis, enfim, ser formosas!

Uzai em vossa toilette a

Agua de Belleza ou Pérola de Barcelona

Não contém mercúrio e nem outra substancia que possa irritar a vossa pelle.

Ouvi mais outro conselho:

Para ter os vossos cabellos brilhantes, leões e ondulantés; para ter a vossa cabeça livre de caspas e de quaesquer parasitas.

Usal, pelo menos, duas vezes por semana o

Petroleo Americano

magnifica loção preparada em kerozene dissoluido e purificado por processo especial.

Encontra-se em todas as casas e na

Drogaria Americana

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHÍMICOS L. QUEIROZ

RUA LIBERO BADARÓ N. 144

SÃO PAULO

TINOCO MACHADO & CIA.

S. PAULO

LARGO DO THESOURO, 5 (1. Andar) - Telephone. 3558

Unicos vendedores neste Estado das superiores **VELAS**

Brasileiras

Pequenas

Ypiranga

Colombo

Paulista

Bicho

Cia. Luz Stearica
do Rio de Janeiro

O ESPECIFICO DA ANEMIA
TUBERCULOSE, etc.

Vinho Reconstituinte

— SILVA ARAUJO —

Rachitismo - Fastio - Escrophulose, etc.

Usam-se 2 meios calices por dia

INGESTA Farinha lactea
phosphatada
de SILVA ARAUJO

ALIMENTO IDEAL

Para crianças, amas de leite, pessoas
fracas, convalescentes

**Torna as crianças sadias
e fortifica os fracos**

*Para uso das orianças dyspepticas, que têm difficuldade em
digerir e cujas evacuações são irregulares, fétidas, esver-
deadas ou talhadas, usa-se o poderoso, inequalavel* **e sempre eficaz.**

DIGESTIVO INFANTIL
de SILVA ARAUJO

Usa-se ás colheres de chá após as refeições
— ou após as mammadelas —

A' base de papaina virgem, pura

"O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.
Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extinção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette — O PILOGENIO

SEMPRE O "PILOGENIO"

O "PILOGENIO" SEMPRE!

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias

LYCETOL

GRANULADO
GIFFONI
DISSOLVE E EXPELLE
O ACIDO URICO

RECOMENDADO DIARIAMENTE PELAS SUMMIDADES MEDICAS
CONTRA
DIATHESE URICA—COLICAS NEPHRITICAS
CALCULOS BILIARES
ARTHRITISMO—RHEUMATISMO
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL
DEPOSITO GERAL "DROGARIA GIFFONI"

FRANCISCO GIFFONI & C.^{IA} — RUA 1.^º DE MARÇO 17
RIO DE JANEIRO

Exclusivamente para

Senhoras e senhoritas

Premiado na Exposição de Bruxelas e com
medalha de ouro na Exposição de Hygiene

O CREME DO HAREM

tem a primasia, porque . . .

. . . é uma preparação conscienciosa, seria e não é imitação.

. . . tem sido usado, sempre com excellentes resultados, contra as sardas, rugas, pannos, espinhas e manchas da pelle e nenhum outro é comparavel a elle.

Portanto, todas as imitações que appareceram, que apparecem, e que apparecerão, embora com nomes diferentes, não podem fazer concurrencia ao já consagrado

CREME DO HAREM

Estojo 3\$000

Pelo Correio 4\$000

Em todas as perfumarias e drogarias e na

PHARMACIA E DROGARIA

SANTOS

Rua São Bento 74-A. S. PAULO



VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

E' o fertilizante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc. Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. E' um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Recomendado diariamente pelas sumidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias. Deposito Geral:
PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.
Rua 1.^º de Março, 17 *** Rio de Janeiro

Companhia de Industria
e Comercio

Casa TOLLE

Rua PIRATININGA N. 27 - Caixa N. 201 - São Paulo

Premiada em diversas exposições e com a maior recom-
pensa «GRAND PRIX» na Exposição de Torino em 1911

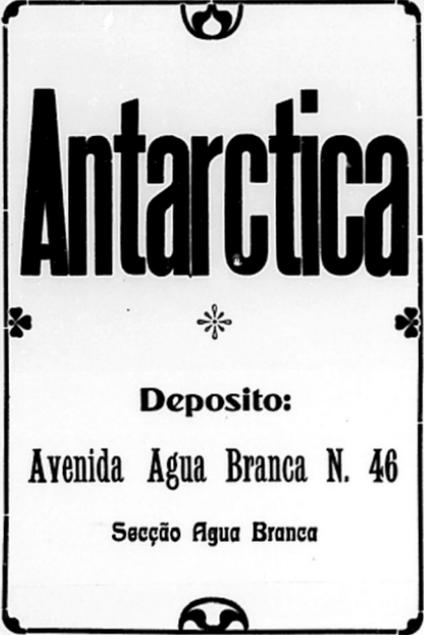
Bombons e Chocolates finos

Unico fabricante no Brasil e America do Sul do

Cacao com aveia, Abelha (Marcas registradas). — **Vinhos,
Vinagres, Licores, Xaropes.**

Licores Cusenier fabricados sob a fiscalização da casa de PARIS.

Possue o privilegio em todo o Brazil para a fabricaçào do alcool absoluta-
mente neutro e inofensivo, unico que se presta para a fabricaçào dos licores
finos que a Companhia prepara por destillação, com productos importados
directamente da Europa.



Antarctica

Deposito:

Avenida Agua Branca N. 46

Seção Agua Branca

Ver, Decorar e Guardar

Progredindo economicamente, torna-
mos invencivel o nosso reputado nome,
assim é que pobres, remediados e ricos, to-
dos se servem e recommendam os moveis da

Casa Andrade

Por seu conforto, solidez e elegancia,
e por preços sem competencia. Sortimento
completo de mobilias para salas de jantar,
dormitorios e salas de visitas. Infinitude
de moveis avulsos.

**SECÇÃO DE TAPEÇARIA
ESPECIAL FABRICAÇÃO DE COLCHÕES**

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

**RUA BOA VISTA, 29 - Telep. Central 2286
A. DE ANDRADE & COMP.**

Receitas de Toilette

Para evitar o mau cheiro da transpiração

Não pôde haver nada de mais martyrisante para uma senhora elegante do que uma exhalação impura qualquer, por exemplo, o mau cheiro da transpiração, que é impossível esconder, principalmente num baile, numa partida de *tennis* ou em qualquer *sport*. Toda a beleza, toda a graça, todo o encanto da mulher, desaparecem de chofer; todo o veu de sonho que a aureolava e toda a phantasia em que o olhar embecido do homem a envolvia fundem-se á rajada cruel... A culpa exclusiva porém é da mulher. E' simplicissimo evitar e eliminar de vez o suor excessivo ou o seu mau cheiro; basta usar e *Xeliot*, que custa relativamente barato, e que sendo um pó, (como o pó d'arroz) as senhoras podem usar com facilidade. O resultado é tão extraordinario que, a pedido de muitas de nossas leitoras, fizemos vir de Paris, uma nova remessa de *Xeliot*, que não se encontra á venda no Brasil — e remetteremos a quem nos solicitar ao preço de 6\$000 e mais 500 réis para porte do correio. O preço do *Xeliot* como o de todos os preparados estrangeiros, subiu muito, devido á guerra.

Pedidos á Redacção da *Revista Feminina* — S. Paulo.

Hotel Avenida

O maior e o mais importante do Brasil

Aposentos para 500 pessoas

DIARIA A PARTIR DE 10\$000

End. Teleg. Avenida - Rio de Janeiro

Casa
Vanorden

ESPECIALIDADE:



GRAVURA
SOBRE AÇO
E COBRE

PAPELARIA, TYPOGRAPHIA.
CARTÕES DE VISITA IMPRESSOS EM
ALTO RELEVO

N. 9 RUA DO ROSARIO N. 9

TELEPHONE, 814 - CAIXA POSTAL, 143

S. PAULO



AGUA DE COLONIA
GRANADO
EXTRA
CONCENTRADA
A MELHOR PARA O BANHO E TOILETTE
PERFUMARIA HELIOS
GRANADO & C^a RIO-S. PAULO.



POLVILHO ANTISEPTICO
• "GRANADO" •

De reconhecida efficacia no tratamento de varias affecções da pelle: eczemas, empiagens, pruridos, assaduras, brotoejas, suores fetidos, etc. ○ ○

Pelas suas propriedades antisepticas, absorventes e cicatrísantes deve ser preferido na toilette das creanças. ○

O Polvilho Antiseptico "Granado" é um producto de inteira confiança, sendo maravilhosos os resultados obtidos com o seu emprego. ○ ○ ○ ○

— Recusem as imitações —



EXIJAM A NOSSA MARCA

VINHO IODO-TANNICO
PHOSPHATADO E GLYCERINADO
Granado

CURA: ANEMIA,
RACHITISMO, FRAQUEZA PULMONAR
LYMPHATISMO, ESCROFULAS, etc.

AGUA
INGLEZA
GRANADO
ANEMIA. IMPALUOISMO.
CONVALESCENÇA.



RECUSEM AS
IMITAÇÕES.

Magnesia
Fluida
GRANADO



INDICADA POR TODOS OS MEDICOS

GRANADO

APROVADA NA EXPOSITÃO DE 1889
APROVADA NA EXPOSITÃO DE 1893
APROVADA NA EXPOSITÃO DE 1897
APROVADA NA EXPOSITÃO DE 1904
APROVADA NA EXPOSITÃO DE 1906
APROVADA NA EXPOSITÃO DE 1908
APROVADA NA EXPOSITÃO DE 1910
APROVADA NA EXPOSITÃO DE 1912
APROVADA NA EXPOSITÃO DE 1914
APROVADA NA EXPOSITÃO DE 1916
APROVADA NA EXPOSITÃO DE 1918
APROVADA NA EXPOSITÃO DE 1920

A MAIS PURA

RECUSEM AS IMITAÇÕES

Indicador da Revista

Dr. DESIDERIO STAPLER
Ex-substituto da Polyclínica Geral em Vienna Ex-
interno de clinica dos hospitais. Cirurgião do Hos-
pital da Beneficência Portuguesa de São Paulo
Operador. Moléstias da senhoras.

CONSULTORIO
N. 4, Rua Barão de Itapetininga N. 4
De 1 às 3 horas da tarde. TELEPHONE 1.407

CASA GENIN

Especialidade em artigos para trabalhos de
senhoras: para bordar; para crochê; tricô;
filet, macramê, laçat, frivolidé, Inhanduty (Te-
neriffe). Artigos para confecção de flores ar-
tificiais. Máquinas para bordar e todos os
avaliamentos para trabalhar com as mesmas.
Bastidores redondos, de quadro, de colte, com
pés, de todos os tamanhos, lãs e linhas de
todas as qualidades e grossuras, torções de
seda e de algodão e mercerizadas, sedas para
bordar, lavável e d e Alger, talagares de todas
as qualidades, âta mines, selins, pailucas, vel-
ludos, linhos etc.

Papel de seda branco e de cores. Papéis
crepos, dourados, prateados, pergaminhos
cartonados e de Bristol.

Riscos para qualquer trabalho, acham-se
sempre prontos e fazem-se de encomenda
bem como letras e monogrammas. Aviam-se
encomendas para o interior.

Genin & Filho

RUA 15 DE NOVEMBRO, 8-A — S. PAULO
Telephone 1009
Caixa Postal 204

CASA BARUEL

Rua Direita, 1 — Largo da Sé, 2 — SÃO PAULO

As senhoras e senhoritas que dese-
jam manter sua cutis em perpetuo es-
tado de juventude, não devem esquecer
que em nossa Secção especial de Per-
fumarias, ha os mais finos e modernos
Crèmes, Gold-Crèmes, Leites, Ceras Lo-
ções diversas e de toda a especie de
productos para Maquillage. Outrosim,
recomendamos o nosso variado sortido
de Pomadas, Pós, Cosméticos,
Vernizes e líquidos diversos para o tra-
tamento completo de "Manicure".

BARUEL & CIA.

Para fingir os cabelos

Podemos anunciar ás nossas leitoras
que com grandes esforços, conseguimos obter
uma nova remessa de PETALINA, o admiravel
e inofensivo preparado, que tão grande suc-
cesso está fazendo em todo o Mundo e que
dá ao cabelo uma linda cor, desde o cas-
tanho claro, até o negro azovicho. Os pe-
didos devem ser acompanhados da impor-
tancia de Rs. 10\$000, Inclusive 500 réis
para a despesa do correio.

VILLACA

SABONETE

Oxygen

FEITO COM
AGUA
Oxygenada
ANTISEPTICO
E
PERFUMADO

MARCA REGISTRADA

Feito com agua oxygenada. Antiseptico e perfumado.

Venda a \$500 em todas as boas casas de perfumarias
Deposito: Rocha Mello & Cia. - 19 rua José Bonifacio

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de GIFFONI é um excelente re-
constituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, *pode-
roso tônico depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no
tratamento das moléstias consuntivas acima apontadas.

É superior, ao óleo de fígado de bacalhão e suas emulsões,
porque contém em muito maior proporção o *iodo vegetal* sendo
intimamente combinado ao *tannino da noqueira (Juglans regia)*
e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitali-
sador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilável.



É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os in-
testinos, como frequentemente succede ao óleo e ás emulsões:
jáhi a preferéncia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais
distintos clinicos, que o recebem diariamente aos seus pro-
prios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODO-
TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias
desta cidade e dos Estados e no deposito geral:
Pharmacia e Drogeria de FRANCISCO GIFFONI & C^o.
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro



ANEMIA — NEURASTHENIA —
FRAQUEZA — CHLOROSE
DEBILIDADE
E
TUBERCULOSE
MEDICAÇÃO
SEM RIVAL
CAPSULAS DE OLEO DE
CAPIVARA DE SILVA ARAUJO

Manufatura de roupas

Para

== Senhoras e creanças ==

== Jorge Bassila ==

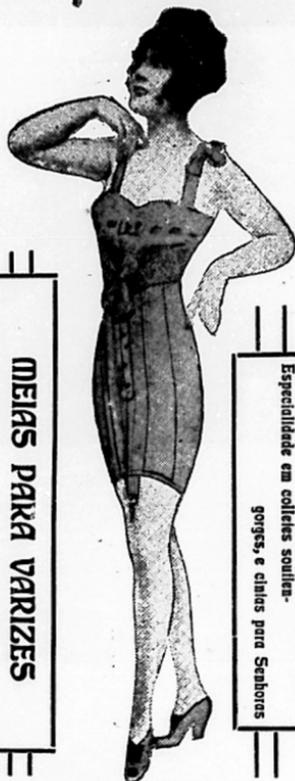
— Rua Florencio de Abreu, 62 —

Caixa Postal, 706 — Telephone, 3284

São Paulo

Viuda A. Baudon

COLLETEIRA



MEIAS PARA VARIZES

Especialidade em collétes soutiens,
gonges, e cintas para Senhores

Fabricante de aparelhos Orthopedicos

Espartilhos Orthopedicos contra mal de Pott,
Desvios do Busto, Bandagens, Bernaleros de
todos os sistemas, Corsets de sport para Homem

Cinturas de todos os sistemas, Pernas e Braços
Artificiosos para todas as deformidades, Pé
alijado, Ankilosis, Coxalca Espalda de Mainten

R. Barão Itapetininga, 57

S. PAULO

SEM RIVAL

São os productos da Companhia Antartica Paulista, pela excellencia das aguas empregadas, as quaes são captadas de poços artezianos com cem metros de profundidade.

Excellentes Agua

E' a empregada nas fabricações dos productos da Companhia Antartica Paulista, extrahida de poços artezianos de cem metros de profundidade, devendo por isso ser os preferidos pelo publico.

Pastilhas de MALCOLM

Temos o prazer de comunicar ás leitoras da REVISTA FEMININA que já temos em nosso poder uma nova remessa das afamadas pastilhas tricalcicas de MALCOLM de tão notavel acção sobre o aleitamento e tão indispensaveis para as mães.

A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em S. Paulo. Um vidro com 100 pastilhas: 20\$000. Enviar pedido e importância.

Dr. Rodrigues Guião

Consultorio: Rua de S. Bento, 14

Telep. 3072 Central—Das 14 ás 16

horas. Residencia: Alameda B. de

Piracicaba, 139 Telep. 2826 Central.

O delicioso chocolate **FALCHI**



— Ouça um bom conselho, senhora. Não ha
doçura, prazer, na lua de mel, sem o delicioso
CHOCOLATE FALCHI.